Salomão Rovedo

Ventre das Águas

(Romance)



Rio de Janeiro
2006

Capítulo 1
Sementeira de lembranças

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar, na verdade não há.
Me diz por que é que o céu é azul
Me explica a grande fúria do mundo.
É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar, na verdade não há.”
Dado Vila-Lobos / Renato Russo / Marcelo Bonfá

Em tudo, em tudo, em tudo e em todos os cantos exala o cheiro peculiar de Gardênia. Até mesmo nos altares sagrados da natureza, na quebrada das ondas, nas areias das praias, mesmo na distância, mesmo nos mares, persiste o sentimento perene do odor. Aroma, perfume, fragrância, essência, olor, cabelos, lábios, olhos, nariz, seios, umbigo, em tudo, em tudo, em tudo exala o cheiro dela. Na distância, na dormência, na constância, até mesmo as coxas e sobre o sexo, nas nádegas e entre os vales, sobrevive a percepção eterna do seu frescor.

As luzes inexistentes, o cheiro de maresia, fingem demonstrar ao navegante que é um regaço tranqüilo. Uma baía formada pelas ondas traiçoeiras, mas acolhedoras do delta das coxas de Gardênia. O corpo de Gardênia reluzia à noite entre os lençóis verdes das ondas do mar. O som era o mar. O odor era a vasa. O ritmo de vai-e-vem eram as ondas que vinham cintilando parir espuma na areia. E enquanto as nuvens cinzentas sobrevoaram a praia, tudo era morno e gris. E nenhum dos dois sentiu vontade de saber do sol aparecer para tirá-los daquele calor.

O cheiro de amêndoa doce guiava o caminhante para a presa favorita. E qual animal noturno farejava os poros doces e dali tirava sustento para mais um dia. Nada de pressa, nada de prisão, nada de dominação, a não ser aquela que liberta e dá asas para voar, como as águias de caça, que vão e vêm ensinadas por seus mestres-caçadores. O cheiro de amêndoa doce traduzia aos amantes a ternura e o contentamento.

Gardênia transformou Aníbal num artista. Antes de ser o agressor era o agredido, antes de ser o senhor era o escravo, antes de ser o mestre era o aprendiz. E nessa contínua guerra de carinhos sobreviviam as carícias espontâneas indicando ao caminhante o caminho do gozo e do prazer.

Transportavam a imaginação pelos caminhos perigosos da aventura desconhecida, do prazer equilibrado na lâmina da navalha. Resolveram que seria a vida, não a morte. Que os desconhecidos sequer mereciam saber o endereço daquele amor. Sem consultar nenhuma cigana soube escrever uma nova história valente, cuja coragem era o não confronto, cuja luta era o recuar e por isso a tornava diferente de todas.

Sempre farol, nunca escuridão. O cheiro de amêndoa doce tirava o apetite pelas coisas banais e frívolas como um raro pôr-do-sol qualquer, mesmo que o sol fosse um sol dourado de Van Gogh sobre um vale de girassóis. E a maré vinha e a maré voltava, surfistas flutuando sobre as ondas em busca daquela que fosse a melhor, para lançar-se para cima e para o alto – e com ela alcançar as manobras radicais e o êxtase para o qual está preparado espiritualmente.

O supremo prazer aqui é trazido pelo cheiro de amêndoa doce mesclado ao suor dos corpos laçados. Aí os corpos de ambos reluziam e tornavam a negrura do quarto mais visível, como se um repentino luar varasse as cortinas e banhasse com sua luz difusa os surfistas que não precisavam de pranchas, não careciam de água, não flutuavam sobre ondas verdes nem voavam no sonho de campeonato mundiais.

E, no entanto, múltiplos, eram tudo isso por conta do cheiro de amêndoa doce que impregnava todo o ambiente com a mesmíssima intensidade estonteante de gozo e prazer das tendas de fumadores de haxixe, dos consumidores de cocaína, dos bebedores de êxtase nos bares noturnos da cidade. Tinha nos lábios o prazer do cigarro de maconha, de cravo e canela fabricados na Indonésia.

E quando o tempo se esqueceu de tudo e se esqueceu até de passar, quando as radiolas de reggae calaram os decibéis, quando os tonéis e vidros de óleo de amêndoa doce esgotaram seus mananciais, quando até mesmo as odaliscas deixaram de colear a dança do ventre, Gardênia pegou carona num anjo de aço e atravessou na noite os cinco mil quilômetros que os separavam, em busca do manancial de palavras, agora não tão ricas em saberes e já vazias de ilusões, sem nenhuns poderes de persuasão.

E retornou aos braços de seu verdadeiro amante. E colou seu corpo quase negro no corpo bronzeado de Aníbal. E seus lábios se colavam num beijo demorado de horas e horas em que os suspiros, gemidos e sussurros cantavam como as ondas na areia.

Nada havia mudado o encanto: seus olhos e seus lábios ainda se compreendiam, mesmo sem palavras e quando seus corpos de novo se uniram o que estava em jogo não era nada irreal, mas o líquido finíssimo e perfumado do óleo de amêndoa doce.

Fotografias nas paredes emolduradas e outras guardadas nos álbuns de plástico relembravam um passado mantido em segredo, superprotegido por negações. Ninguém sabia por quais motivos

Gardênia mantinha essas relações infelizes. Os outros casamentos nunca terminavam e ambos caminhavam pisando pegadas de um passado recente que insistia em segui-los cotidianamente.

E de novo buscaram uma vila de pescadores para, na solidão da noite e ao ruído sinfônico das ondas do mar se lascando na areia da praia, encontrar a poesia dos sons emitidos em surdina.

Grunhidos que ninguém conseguia traduzir. Arranhões animalescos, violentos e intermináveis. Beijos que premiavam roxos medalhões. Desfalecimentos temerosos deixavam sua nuca doendo uma dor profunda, o braço direito gemendo uma dormência demorada, o peito mais tenso que um rolo de aço comprimido, o pobre coração como uma britadeira, fazendo acordar as mais trágicas histórias de taquicardias e palpitações, seguidas de colapsos fatais que nem mesmo toda a maquinaria cheia de monitores, tubos, unidades hipermodernas de uma UTI poderia prolongar ou mesmo salvar. Esta era e estranha e comovida existência, acomodada e pré-programada a viver apenas cinqüenta e sete anos de vida cigana e atribulada.

Fora isso, se representava um teatro de amores e de fugas avisadas. Ninguém sabe quantos dias Gardênia passava nos escondidos das praias desertas escutando as mensagens das cartas de Tarô. Mas as figuras míticas já não diziam a verdade nem prenunciavam o futuro.

Tudo era dirigido de acordo com o gosto de Gardênia, mesmo que isso significasse contradizer a realidade mais óbvia. Inversamente não eram as cartas que adivinhavam como seria o futuro do casal, mas suas vidas é que direcionavam o significado do Tarô modificando-o ao bel prazer das ilusões, do que poderia ter sido.

Um mês antes Gardênia e Aníbal nem mesmo se conheciam a fundo. Hoje partilhavam à mesma cama e detalhavam os sinais e pintas que se espalhavam pelo corpo. De estranhas criaturas se mudaram em amantes que sabiam percorrer milimetricamente todas as reentrâncias do prazer. Amados que sabiam descobrir as mínimas aberrações e ilustravam as cenas de sexo com prazeres de lojas de artigos eróticos.

É neste exato momento que se inicia uma nova história, uma história que por ninguém jamais será contada...

Capítulo 2
Os anos mais felizes

> “Amor, meu grande amor
> Só dure o tempo que mereça
> E quando me quiser
> Que seja de qualquer maneira
> Enquanto me tiver
> Que eu seja o último e o primeiro.”
> Ângela Rô Rô / Ana Terra

Gostaria que esta fosse uma história bem parecida com o nosso século, neste limiar dos anos 2.000. Acontece que se trata de fatos cujos personagens são dos dias de hoje, mas viveram a maior parte do tempo despejando da memória as décadas de 1950 e 1960. E quem caminha por esses anos numa cidadezinha do interior se sujeita também, embora indiretamente, a transitar por trilhas do século 19. Isto porque muitos personagens que nasceram nos últimos meses de 1800 e ainda hoje vivem na memória dos anos e souberam transmitir aos filhos, netos e bisnetos os ensinamentos que adquiriram de seus pais e avós.

Na pequenina Vila de Espinho a vida moderna chegou de maneira fulminante através dos programas, novelas, filmes e noticiários da televisão via satélite, com as antenas parabólicas. Percorrendo o caminho que vai desde o nascedouro, o chamado Primeiro Mundo — Europa, América e Ásia — os vídeos são importados e gravados ao vivo ou copiados em fitas e enviados via satélite às grandes capitais (Rio de Janeiro e São Paulo), daí são traduzidos, dublados e finalmente retransmitidos para os estados e, depois, por repetidoras, para os municípios e cidades ainda menores.

Em cada degrau dessa escala a notícia vai sofrendo alterações, minguando ou crescendo, abrasileirando-se no que é possível, mas nunca se torna local de fato, cem por cento o suficiente para adulterar o ambiente interiorano, a ponto de integrar-se ao cotidiano das cidadezinhas. Na verdade, produzidos aqui ou importados, o que sobra desses programas e chega ao interior é considerado sempre estrangeiro, alienígena — um deturpador agressivo, mas sem alcançar o sucesso da vida local. É assim que tudo é visto pelas pessoas que nela nascem e vivem.

As novelas da TV retratam realidades e fantasias que sempre acontecem bem longe daqui. São sonhos que navegam em iates riquíssimos, ilusões de uma sociedade de extremos entre a elite rica e a marginalidade paupérrima, que passam a conviver com a tranqüilidade das casas assobradadas, das gentes paradas no tempo. As intrusões do progresso são apenas isso: intromissões.

Veículos modernos, músicas exóticas, missas rezadas com o padre virado de frente para os fiéis — tudo isso e mais é visto de uma maneira peculiar, indiferente, sem afetar a vida dos moradores. Isso porque a Vila de Espinho continua pequenina, só não morreu de vez por conta das gerações que forçosamente se sucedem, mas a população está cada vez menor. Os mais abastados, os que podem vão se retirando para as capitais mais progressistas, generosas em promessa de mais ganhos financeiros, de sucesso e de aventuras. Ademais, hoje as mães têm menos filhos que antigamente, os velhos casarões vão ruindo.

A rigor tudo não passa de uma fotografia na parede do passado que, arrancada da moldura original, passa de mão em mão. Como testemunha viva daquele exato momento do clique, tento explicar como as coisas ocorreram. Aqui e ali pode ser que volte inocentemente a meter o bedelho na história — e isso é impossível de evitar — mas me esforçarei para que não aconteça com freqüência perturbadora ou, pelo menos, que tudo ocorra da maneira mais imparcial possível, claro. Mas o fato é que nenhuma memória é imparcial ou isenta de amores.

No presente momento Aníbal — personagem que vocês vão conhecer mais intimamente que este que o apresenta — pela primeira vez em muitos anos surpreendeu-se a fitar sua imagem detalhadamente refletida no pequeno espelho do apartamento do hotel e de repente ficou admirado de ter flagrado uma intimidade jamais suspeitada. Aproximou-se ao máximo do espelho para se ver em close, reparou nos seus cabelos que estavam cada vez mais grisalhos e escassos.

Por enquanto essa mistura de tonalidade dava uma boa aparência (não era um velho ainda), mas dava para perceber que dentro em breve os cabelos brancos acabariam por superar os castanhos em quantidade e, ao consolidar a dominação, cobririam sua cabeça com um incômodo telhado de neve. As rugas substituíam aos poucos os vincos

naturais como se determinassem o passar do tempo — e atraíam miríades de pequenas linhas em volta delas e que, ao seu modo, também iriam se transformar em enrugados e profundos canais.

Com a descoberta de um novo olhar e a proximidade em big-close com que mapeava o rosto, deu para reparar nos novos sinais particulares e novas pintas que manchavam sua pele, que o tempo acabou por transformar a marca registrada que o riso franco alargava. Somente com essa visão cinematográfica pôde notar também que esses detalhes há muito tempo haviam mudado de forma ou de todo desaparecidos. Indagou-se há quantos anos deixara de sorrir e qual a razão dessa sisudez que acampara para sempre em sua face.

Afastou-se um pouco para trás dando conta de que realmente o homem refletido no espelho era outro, completamente diverso daquele que existia em sua cabeça, que sobrevivia na pré-história da sua imaginação. Ensaboou as mãos e lavou o rosto com bastante água. Sentiu a água fria bater forte, como um violento tapa, uma chicotada, para acordá-lo daquele hipnótico marasmo.

Passeou os dedos por sobre os contornos do nariz aquilino, acariciando as olheiras escuras que acompanharam os olhos tristes desde a infância (herança dos avós segundo foi informada). Seu olhar parecia cansado e mais triste ainda. Os lábios, que muitos elogios receberam das mulheres, cerravam-se como portas centenárias de um velho mosteiro. Agora quase não tinha palavras para dizer nem carinhos para dar.

Diante do espelho amarelecido, assim despido de vaidades, conheceu pela primeira vez aquelas rugas, cujo nascimento a vida agitada escondeu e não deu tempo de perceber. E a cada passeio pela face seus dedos magicamente descobriam novas geografias até então desconhecidas.

Por isso, tenham sempre em conta que os espelhos são traidores da realidade, servem somente para uma mirada rápida, descompromissada. Ou para fazer a barba, escovar os dentes e os cabelos, vez ou outra dar um nó de gravata (quem ainda usa esse aparato), porque aí a ação dura o tempo suficiente para não ultrapassar a fronteira do

detalhe. Não, jamais confiem num espelho. Nada de confissões, de troca de intimidades, de conversas fiadas com ele.

Vejam as mulheres, por exemplo: elas sofrem mais diante do espelho porque precisam desesperadamente dele. Não se deixam levar pelos movimentos rápidos e apressados que os tempos modernos exigem. São iludidas pelo reflexo luminoso, violentadas pela paisagem de um ângulo que, sem o espelho, não é visto. Traídas pelo brilho aparente dos olhos e atacadas pela sensualidade invencível dos lábios, demoram-se na maquiagem, aparando aqui e acolá, entulhando as rugas de base e desesperando-se diante do mais novo vinco que a natureza pespegou da noite para o dia. E não podendo fugir desse ritual sofrem...

Aníbal era desses que jamais haviam parado diante de si mesmo assim disposto a constatar e suportar as marcas do tempo. Seu cuidado com a aparência limitava-se a um barbear bem feito, cabelos bem cortados e penteados conforme a moda, roupas e calçados da época. Nunca teve tempo de vigiar a idade, de se imaginar um *coroa* ou mesmo um velho. Agora, sozinho na vida e prisioneiro involuntário de um quarto do hotel, diante de um espelho acusador, podia fazer sem grandes esforços essa projeção.

Depois dessa constatação a sangue frio, percebeu que o rosto ficava mais pálido, sentiu mesmo um calafrio percorrer todo o corpo, descendo da cabeça aos pés. Mas a realidade, a realidade que o espelho denunciou o atingiu como um golpe de boxe bem colocado, um direto na ponta do queixo, um cruzado sobre a têmpora e não era, não, não era bem essa a realidade que ele queria para si.

Vivia um sonho nessa fase da vida. Que malditas ilusões procurava? Que esperava ver e encontrar? O tempo estacionado numa estação de trem? O passado pendurado na parede como um quadro? Uma fotografia antiga em preto e branco colada num álbum? Uma fila imóvel de passageiros num ponto de ônibus ou bonde?

Aníbal olhou com estranheza, como se fosse um vago objeto a mala aberta sobre um cômodo, meio desarrumada, as roupas que mal conseguiu mexer nem usar atiradas a esmo sobre a cama e que em breve voltariam a serem guardadas limpas e dobradas.

Aníbal, além de não usar as dependências do hotel como se fosse sua casa, se deu conta que tomou um banho morno demorado, como que para limpar-se das coisas locais que entranhavam em sua pele. Todas essas imagens que vieram após a "crise do espelho", transformavam-se em coisa nova, alheias ao mundo que sempre o cercou. Atacavam-lhe agora as cenas como se fossem figuras de filme de terror que subitamente criavam vida. O guarda-roupa do hotel permanecia com os cabides sem uso, um pouso provisório, as gavetas guardavam apenas roupas de cama, no banheiro havia somente um pente e uma escova de dentes.

Sentia-se deprimido, vencido pelo cansaço e pela angústia de ver terminado algo que nem bem começara, sabia que o sentimento dominante naquele momento era de frustração, por não ver acontecido tudo aquilo que imaginara. Bem ou mal essa decepção o acordara para uma realidade mais crua e verdadeira que existia oculta pelo dia a dia, escondida por camuflagens criadas, ora conscientemente ora instintivamente, por ele mesmo.

Preferiu divagar o olhar mais além da janela embaçada pela chuva. Sabia que lá adiante havia uma casa de ambiente soturno, morno, úmido como esse tempo que não secava nem mostrava o sol. Que existia uma sala na meia obscuridade, decorada com um sofá macio cheio de almofadas, uma cristaleira com vários objetos de porcelana e cristal que jamais seriam usados. Uma estante cheia de livros infantis, enciclopédias colecionadas em fascículos e uma coleção encadernada das Viagens Maravilhosas de Júlio Verne completavam o imaginado ambiente. Num canto, alojada sobre uma mesinha improvisada, uma televisão ficava a maior parte do tempo ligada, desde os programas infantis da manhã até a última novela da noite.

Aquela casa atualmente era habitada apenas por duas mulheres: Maria Rosa e Ismênia — mãe e filha. Transitavam também pelos cômodos uma gata sem raça definida e a empregada, considerada pessoa da família, que trabalhava sazonalmente das oito da manhã até quando quisesse ir embora (isso acontecia sempre depois da novela das sete). Naquele sofá macio e entre as almofadas Ismênia demarcava seu reino.

Estava na verdade bem mais gorda do que no tempo em que ela e Aníbal estiveram de namoro, (que veio a se transformar depois de três anos num noivado

oficioso). Ademais, Ismênia se entregava agora de corpo e alma à televisão e às caixas de bombons que a mãe trazia todos os dias. Infeliz, infelicitada para sempre. E tudo por causa de um amor jamais curado: quando Aníbal partiu para o Rio de Janeiro ela não ousou confiar nas promessas dele — e só Deus sabe como tinha razão.

Com medo de ficar solteirona, Ismênia logo se agarrou ao primeiro pretendente, noivou, marcou casamento. Esquecida de Aníbal esqueceu o amor antigo. À noitinha, num dia qualquer, Maria Rosa ouviu soluçante a notícia trágica que veio encerrar tudo: um acidente de automóvel, uma derrapagem, um raspão numa carreta na estrada, o carro deslizando descontrolado por uma ribanceira até despedaçar-se totalmente.

O noivo ficou em estado de coma por várias semanas até não resistir mais. Ismênia sobreviveu com várias fraturas e um olho perdido perfurado por estilhaços de vidro. Sobreviveu é modo de dizer — na verdade o que restava da sua vida ficou enferrujado com as sobras retorcidas do carro que nunca retiraram do despenhadeiro.

Depois, já sozinha com a mãe, desiludiu-se de tudo e de todos. Transformou a vida num monastério, o namoro com Aníbal numa lembrança de tudo que poderia ter sido, mas não foi e o casamento um desastre premonitório. Fez plástica para tirar as cicatrizes, implantou uma prótese de acrílico no lugar do perdido, verde como aquele que a natureza lhe presenteou, imitação quase perfeita da ciência moderna e descontrolou-se do peso.

Quem a visse não acharia que o olho fosse artificial, apenas notaria o falso olho lacrimejar um pouco no cantinho, como se ela chorasse sempre. Ademais disso, apaixonou-se pelos programas de televisão, escrevia cartas para os concursos, mandava rótulos, selos, frases — mais de uma vez ganhou brindes e prêmios — e tinha as mãos sempre sujas de chocolate.

Aníbal ali esteve rapidamente. Deixou a chuva lá fora, tentou enxugar os pés inutilmente e, encostando o guarda-chuva que pingava sem parar, entregou a caixa de bombons de Gramado que trouxe para Ismênia. Foi uma conversa franca e inútil. Cheia de alegrias, mas prisioneira de lembranças do passado. Maria Rosa achou um jeito de arrastar Aníbal até a copa, onde preparava um lanche para o inesperado visitante.

Na sala ouvia-se a voz da apresentadora de TV anunciando as maravilhas e receitas da culinária moderna, que Ismênia — entre um bombom e outro — anotava cuidadosamente. Na cozinha, numa fala macia e semitonada, entre presuntos e queijos, Maria Rosa narrava os acontecidos depois que Aníbal partira. Contou como Ismênia ficou magra e pálida demais, como confessou a descrença nas promessas do viajante e finalmente como fez o noivado repentino, apressado, de quem tem pavor do futuro, medo de ficar solteira.

O visitante não procurou desculpar-se nem justificar qualquer coisa. Aceitou o lanche e fez sala às duas mulheres solitárias, viúvas de verdade, viúvas do destino. À saída, porém, Aníbal não se furtou a um comentário breve e lacônico:

— A vida no Rio de Janeiro é muito difícil. Tive de trabalhar durante o dia, fazer hora extra e ainda por cima estudar à noite. Tantos anos se passaram antes que pudesse chegar aqui de volta! E tudo por falta de tempo, falta de dinheiro, necessidade de estudar, trabalhar mesmo durante as férias. Agora mesmo estou aqui, mas com o pensamento fixo que terei de voltar ao Rio em breve, que algumas coisas imprescindíveis me esperam.

Era um modo de outra vez dizer adeus. Aníbal, com uma entonação vigorosa, fez soar as palavras, não como se fossem meras desculpas, mas a tomada de uma decisão importante. Contava também um pouco da vida de emigrante, que luta, luta e acaba vencido. Explicou — e aqui não tentou esconder o tom de confissão — como não conseguiu se casar, como não encontrara a famosa *alma gêmea* que todos procuram. Era também, de certa maneira, viúvo do primeiro amor.

Depois desse agarramento ao passado, depois de narradas as partes da vida desconhecida dessas pessoas, partes de uma corrente de muitos elos separados, o ambiente ficou tenso, sem palavras. Com exceção de Ismênia, que continuava mecanicamente a comer bombons, havia um ar de constrangimento, todos com os olhos fixos na televisão, hipnotizados vendo a apresentadora tirar do forno uma travessa apetitosa, fumegante, cheia de molhos coloridos.

Antes de se despedir de vez Aníbal ainda comentou sobre as chuvas e os estragos que estavam fazendo na cidade. Maria Rosa contou uma meia dúzia de ocorrências — dava um tom de noticiarista policial na voz — todas elas escondendo uma tragediazinha particular. Eram vítimas da enchente, todas as pessoas do conhecimento da família, de encontrar no dia-a-dia, na mercearia, na farmácia, na missa. Fulano perdeu isso, sicrano morreu, beltrano safou-se como por milagre da Vila de Espinho...

Encheu assim bem um quarto de hora, encerrando as frases sempre com um *não sabe, não sabe*? Aníbal ouviu a buzina do jipe de Mário e aproveitou para a despedida final. Explicou a gentileza máxima do amigo que corriam riscos para trazê-lo até a residência delas. Foi até Ismênia e deu um beijo demorado no rosto sentindo o hálito de chocolate e fez um carinho nos cabelos longos. Maria Rosa acompanhou-o até a porta, trocaram um abraço forte, os tradicionais *até a próxima, felicidades* — e Aníbal novamente mergulhou na chuva.

Suez, o Canal, o deserto.

Uma tempestade de areia que não finda nunca.

Um tempo que julgou estar sendo vítima de feitiçaria, de experimentos.

Os redemoinhos flutuavam em sua cabeça, dentro do seu cérebro, arraigados à sua alma. Ele experimentara a dor de arrancar de bem dentro as raízes dos ciúmes doentios. Gostava de provocar perversões, mesmo ocasionais, que causavam violentos abalos nas suas convicções mais serenas.

Ventos, nuvens, trovoadas.

O som intermitente das gotas de chuva interpenetrado na rigidez dos corpos fatigados.

O reggae, o tambor de mina, as crioulas circulando suas saias alvas.

Aníbal conseguiu, antes de sumir na noite, entrever a imagem de Ismênia, os olhos verdes, a boca espraiada para os lados, os lábios sujos de bombom, um sorriso quase, um pequenino riso ameaçado.

A prótese ocular, o olho falso, parecia chorar uma lágrima solitária.

Capítulo 3
No templo do aqui agora

“No fim dos dias úteis
Há os dias inúteis
Que não bastam pra lembrar
Ou pra esquecer de quem se é.”
Herbert Vianna

Escadas, serpentes enlevadas com o som doce da flauta. A Índia dos Vedas, de Krishna, Xiva ou Brahma, de Naipaul e de Tagore. O Rio Ganges onde as pessoas se purificam espiritualmente numa água poluída materialmente. Novecentos milhões de habitantes que se cruzam numa terra vasta de pequenos dialetos e religiões que se diferenciam apenas por um sinal ou traço desenhado no rosto. Tatuagens. Tradições milenares trespassadas pela cultura colonialista ocidental. Bombaim é aqui...

Quando Aníbal saiu da vila de N. Sª. do Espinho – ou simplesmente Espinho, cidadezinha que tinha no nome e na cruz da igreja as maiores coisas existentes – e se mudou para o Rio de Janeiro, foi empurrado pela circunstância de não mais ter familiares ou outras pessoas afins que vivessem à sua volta. Estava só, sem quaisquer outros motivos e atrativos que justificassem continuar vivendo no lugar.

Isso fazia bem mais de vinte anos, tempo em que rapazes cheios de emoções ainda se consideravam destinados à causa da política social e da poesia que revolucionariam o mundo. Por isso, com ódio e com amor, emocionado e desesperado com aquela partida, que não planejara, mas que parecia definitiva, escreveu versos cuja temática se resumia no seguinte quarteto:

"Espinho,
sou daqueles que,
quando partem,
não se voltam jamais..."

Não reparou que chovia quando partiu. Tudo em redor tinha se transformado numa grande confusão, sua própria cabeça era também uma grande balbúrdia.

Repensou a vida dali para frente como uma declaração de independência que pudesse dirigir conforme seus desejos, mas que teria – da mesma forma como Adão, expulso do Paraíso – de prover com muito suor o seu sustento. Lutar como qualquer que fosse jogado ao mundo sem privilégios ou recursos para sobreviver.

Mas chovia. E pareceu que chovera durante toda a noite véspera da viagem e mesmo durante todo o percurso. Quando desembarcou no Rio de Janeiro – depois do longo dia no vôo turístico – (assim chamado de maneira jocosa por ser mais barato, oferecer menos comodidade e fazer mais escalas), ainda chovia. As pistas reluziam ao reflexo da luz. Mas também não deu a mínima para a chuva do Rio de Janeiro, porque, afinal, todas as chuvas são iguais.

Saindo do Aeroporto Santos Dumont percorreu de táxi parte do Aterro do Flamengo até chegar ao bairro da Glória, para onde ia por indicação de amigos.

O ano de 1963 agonizava – era setembro – também o povo e o país agonizavam sob o peso da catástrofe que causara a recente renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República. O Rio de Janeiro política e economicamente mantinha ares de Capital Federal. A cidade fervilhava com as notícias sobre a posse de João Goulart, que saltaria, vindo de visita da China, no Rio Grande do Sul para assumir o cargo em Brasília. Nesse fogareiro político Aníbal fora atirado pelas forças do destino, que regem todas as existências, cheio de vontade de "salvar a pátria da miséria e implantar uma sociedade mais justa", utopia de todo jovem dos anos sessenta.

Agora, passado tanto tempo, fazia memória daquele dia. Lembrava do último ato político na cidadezinha quando acompanhou emocionado o protesto dos alunos da Faculdade de Direito contra o golpe desfechado pelos militares, praticamente depondo o presidente Jânio Quadros. Trepado na estátua do mártir Tiradentes ouvia e estimulava com brados e "apoiados" discursos dos colegas da Faculdade de Direito contra o golpe militar. A velha faculdade, que sobrevivia num prédio carcomido pelo tempo, manchado pelo sangue da história, sempre teve fama de rebelde e, geralmente com o apoio do corpo docente e pelos alunos, fazia-se representar em todos os acontecimentos políticos da cidade.

Naquela ocasião, após alguns dias de greve, cercados pela polícia os alunos saíram cantando o hino nacional. Alguns veteranos se enrolavam na bandeira do país e do estado, se julgando protegidos assim das porradas do cassetete e do gás lacrimogêneo.

Vadiando a memória entre tantas coisas do passado, Aníbal lembrou também daqueles últimos versos que fizera antes de abandonar a terra natal e ser envolvido por uma realidade bem mais dramática, embebida de selvageria crua, escondendo mistérios e violências que aquela vidinha provinciana não fazia perceber. A poesia tinha outros versos igualmente pobres, é verdade, mas estes já haviam sido esquecidos.

A própria poesia tinha sido esquecida, sufocada pelas exigências da nova ordem e o prazer de fazê-las e recitá-las havia morrido dentro dele.

Tinha a impressão que se distanciavam séculos da sua memória os pequenos saraus informais (ainda existiam naquele tempo), improvisados nas esquinas e nas praças com os colegas que sempre traziam alguma composição, novidade escrita ou memorizada para declamar. Românticos e modernistas, cantores populares e compositores clássicos, Camões e Leandro Gomes de Barros, freqüentavam a mesma emoção, hoje folha seca esquecida no parque prazer que ninguém mais tinha tempo de cultivar.

Mas aquilo no texto do poemeto que semelhava uma promessa, uma jura que era mais difícil de esquecer. E essa dor provocada pela lembrança, em respeito a uma palavra empenhada consigo mesmo bateu-lhe forte por muito tempo, todos esses anos, ora postergada pela luta do dia a dia, ora abandonada pelo feliz reencontro de novas esperanças.

Já não ligava mesmo para a Espinho esquecida e fez dessa experiência uma nova vida. Embora não tivesse plantado nenhuma árvore, não tivesse escrito nenhum livro nem sido pai de alguma criança, sentia-se realizado e tomara consigo mesmo a responsabilidade de bloquear o máximo possível aquele passado que considerava desastroso. Isso o diferenciava dos emigrantes que tinha diante de si, encontrados no dia a dia. Virou carioca de vez e de tal maneira que os nativos o respeitavam e o

encontraram desde logo um dos seus. Amava a terra adotiva como se fosse a sua: as praias, os subúrbios mais distantes, a vida noturna, as escolas de samba, o restinho da velha Lapa romântica que ainda encontrou.

Mas os outros emigrantes, japoneses, italianos, portugueses, espanhóis, faziam-no pensar como seria sofrido deixar a terra natal bem longe, com toda a magia das pessoas e coisas que a envolvem naturalmente desde a infância e vir para uma aventurosa região onde falavam uma língua diferente, onde os hábitos não tinham qualquer semelhança com os que costumavam praticar desde a meninice, sem parentes e amigos. Embora Aníbal nunca tivesse provado dessa experiência, pois nunca lhe pareceu que a terra natal estivesse tão distante que não pudesse alcançá-la a qualquer momento, não desdenhava tal tipo de infelicidade, de coragem, e se via hora e outra colocado naquela posição desafiadora.

Se quando chegou ao Rio de Janeiro não sentiu impacto emocional, foi porque a imediata luta pela sobrevivência encarregou-se de introduzi-lo numa nova realidade onde o choque pela mudança sequer teve vez.

Carioquizou-se, era um novo homem, obstinadamente sem passado, sem parentes, sem memória, que pegava os sentimentos fortemente abalados e propositadamente levava-os para um canto da cabeça onde não pudessem perturbar aquela nova vida, mantinha-os escondidos num subúrbio da alma tão afastado e remoto como a ruazinha solitária no bairro da Glória onde foi morar. Ali enterrou também as tolas pretensões poéticas e literárias, inatas nos brasileiros. Lembrava, a respeito, o pai que costumava adaptar um velho provérbio às circunstâncias da pequena Espinho: "Quando alguém nasce aqui a parteira joga na parede: se grudar é poeta, se cair é político ou comerciante."

Trinta anos depois Aníbal, tendo à frente alguns dias de férias ganhos por uma licença-prêmio, Aníbal se viu atacado por súbito e incontrolável desejo de voltar à cidade natal. Todo esse tempo que tinha para gastar já prenunciava uma breve aposentadoria e foi então que resolveu (ou foi forçado) abrir as compotas daquele passado mumificado, deixar fluir em cascata as águas represadas.

Mas num mecanismo subconsciente inexplicável lembrou-se dos versos impeditivos, isto é, de parte deles, justamente daquela frase que mais parecia um juramento. Vivia dizendo para si mesmo – "Jurei que não voltaria, eu jurei!" Mas constatou que não era bem isso e tranqüilizou a sua consciência.

Não, não era uma jura e por isso não teve pejo, animou-se. A partir de então começou uma longa busca de notícias de parentes e amigos distantes, conhecidos de infância, gente que na verdade poderia já estar enterrada, alguns verdadeiramente mortos, outros em sepultura no céu aberto do esquecimento, sem esperança de serem encontrados, de serem reconhecidos, o que equivale a outro tipo de morte.

Não obteve logo nenhum resultado positivo. As notícias de um tempo abandonado são difíceis de encontrar, mas o ânimo era tanto que nem isso o preocupou. Além do mais, procurava agora ler os jornais vindos do interior, não só de Espinho, mas das cidadezinhas próximas, onde pudesse ler nomes conhecidos. Alguns haveriam de estar lá, sem dúvida, sobrevivendo – como ele conseguiu sobreviver – a todas as catástrofes que habitam os seres humanos. Haveria de encontrá-los, sabia sim, haveria de esbarrar nos mesmos lugares que percorreu na infância, desfrutar os mesmos sabores das frutas, bebidas e comidas regionais, respirar o ar das vasas que vinham do mar lá longe onde o rio que margeava a cidade desembocava entre manguezais.

E nessa expectativa uma emocionante sensação atropelava o tempo, fazendo Aníbal pensar que talvez achasse também aquelas pessoas que lá deixou bem velhinhas recontando sob a ramagem de algum tamarineiro ou sob a fronde das mangueiras as histórias de outro passado bem mais longínquo.

Tinha esperança sim de mergulhar nos rios de águas claras e sob as árvores, livres da poluição, quem sabe, ou nas águas verdes das praias que sabia existirem mais distante, envolvidas por colares de dunas alvas. Imaginava que talvez as praias ainda estivessem desertas e poderia escorregar nu rolando nas dunas de areia preparando-se para aquele salto mortal da infância, executado com a majestade de um trapezista, cuja queda final era um mergulho diretamente nas águas frias do rio. Essa magia eterna que é a imaginação enchia todos os espaços de muitos "talvez", transformava um quarentão numa criança cheia de ilusões.

Com esse ânimo e toda essa fantasia em torno de assunto que parecia tão banal, Aníbal ainda teve a cabeça fria de fazer uma preparação mental para retornar a Espinho. Afinal, trinta anos de ausência pesam muito! E só aí nesse momento pôde resumir os pedaços partidos desses trinta anos que passou no Rio de Janeiro. Como um homem só tinha conseguido quase tudo, mas não tinha família, não tinha uma mulher nem filhos e conseqüentemente não tinha cunhados, sogros, sobrinhos. Mulheres ele tivera até demais, graças à estabilidade conseguida na vida.

Tinha-se estabelecido socialmente numa classe média, onde com certa facilidade se arranja companhia, mas uma indefinida obsessão o fazia fugir dos longos compromissos, das dívidas sentimentais assumidas impensadamente, das promissórias e armadilhas do amor. Aníbal se considerava um coração fraco, um sentimentalóide, ressentimento remanescente da primeira, grande e única paixão que deixara para trás e por isso construiu uma carapaça, em volta de si ergueu uma muralha, um castelo da Idade Média com fosso e tudo, para protegê-lo contra o que considerava uma debilidade e impedir o acesso de pessoas que quebrassem ou abalassem aquela segurança, aquela vida de eremita que escolheu gozar. E certamente isso lhe valeu o título e a fama que acompanham sempre o celibatário: de solteirão convicto, conquistador inveterado e outros lugares comuns.

Por esse retrato os leitores podem ir formando a personalidade de Aníbal. Por que não se contou tudo de uma só vez ? Como qualquer pessoa esse personagem tem mais de uma vida – como o destino faz com que todos nós tenhamos. Com Aníbal não é diferente: tem a vida do cotidiano "tudo bem" e do subtendido "nada bem", tem o médico e o monstro dentro de si como dizem que temos o lado masculino e feminino vivendo em contumaz e interminável guerra. Um caso se passou e não foi narrado, mesmo porque é segredo de pouquíssimos. Não, não se trata do outro lado, de uma vida sexual – isso pode até vir lá pra frente, quem há de afirmar que não?

Capítulo 4
Os olhos da solidariedade

“A paixão quer sangue e corações arruinados
E saudade é só mágoa por ter sido
Feito tanto estrago
E essa escravidão e essa dor não quero mais.”
Renato Russo

A cigana olhou a palma da minha mão com indisfarçável desdém. Mirou as linhas e virou a palma para baixo sem dizer palavra. Estávamos os três casais todos alegres, quase bêbados, vindos de um bar com show e música ao vivo.

Na saída alguém sugeriu que fôssemos ouvir a cigana e agora estávamos ali debochando das previsões que ela fazia a cada um de nós. Devido à minha oposição e resistência, fui o último a fazer a consulta. A cigana mesmo riu muito com o que ela dizia de cada um, mas na minha vez ficou séria e não quis dizer nada.

Depois que ela abandonou a leitura das linhas da minha mão, dominando minha impaciência, permiti que ainda jogasse cartas do Tarô Cigano. Jogou e recolheu as cartas umas três vezes sem nada falar. Novamente ela fez uma careta com os lábios tortos e me disse desiludida:

– Vá embora meu filho, vá com Deus.

A saia comprida e a blusa de mangas fofas recoberta com lenços coloridos ocultavam um corpo de vastos seios e quadris enormes. Esse retrato me acompanhou pelo resto da vida...

***

– Pelo menos você vai almoçar em minha casa.

– Mas...

– Nem mais, mas, nem mais menos. Não é essa chuva que vai nos impedir. Esse hotel está uma chatura só. Assim tu aproveitas para almoçar uma comidinha caseira e ao mesmo tempo vais conhecer a patroa.

Mário falou decidido. Aníbal não teve como nem fez força para resistir. No mais, seria uma grande indelicadeza para com o amigo. Imperdoável. Gostava até arredar o pé dali daquele ambiente opressivo. Estava precisando. Havia uma pressão no ar que parecia contaminar tudo ao redor. Não se opôs. Aceitou usar botas de vinil que Mário trouxe, vestiu roupas capazes de resistir à chuva e lama.

– Vou ter que dar umas voltas para chegarmos a casa sem nos afogar... Enquanto me distraio com buracos e poças de água tu ficas olhando a paisagem. E vê se te lembras dos lugares, se reconheces alguma coisa.

Entraram no jipe e logo depois percorriam ruas mal traçadas, onde os buracos provocavam violentos solavancos, como vácuos no avião. De princípio a Aníbal nada pareceu familiar e Mário confirmou essa suspeita:

– Aqui não conheces nada. Bairro novo é mato, se é que se pode chamar esses aglomerados cheio de desordem e sem infra-estrutura de bairro. Está mais próximo de uma favela...

De fato. Não havia alinhamento nas construções, as casas não eram casas e sim barracos com paredes de tijolo e taipa, as coberturas também eram improvisadas com restos de vários materiais, telhas de amianto e zinco. Com a chuva torrencial certamente estariam sofrendo com a umidade e com vazamentos nos telhados. Era a imagem nebulosa da vida dura dos pobres cheios de filhos e contas para pagar, sem ter quase o que comer, que passava à sua frente diante do pára-brisa embaçado.

O jipe continuava vencendo a lama, a correnteza e os valões que a chuva construía na estrada descalça. Volta e meia encarava com vigor o lamaçal que parecia intransponível.

Numa dessas vezes o veículo quase capotou e o tombo, justamente no lado do carona, provocou enorme torção no pé direito de Aníbal deixando-o dolorido e inerte. Mário foi habilidoso o suficiente para evitar que o desastre fosse mais grave.

Preocupou-se com o estado do amigo:

– E aí meu velho. Sobrevivemos à catástrofe? Machucou alguma coisa?

Aníbal respondeu com um palavrão dedicado às ruas maltratadas e ambos riram.

Lá mais adiante já dava para perceber os bairros adjacentes ao centro, mais antigos e aquelas cenas pareceram mais familiares a Aníbal. Começaram a surgir os casarões azulejados, os pequenos sítios que ainda resistiam ao tempo, as quitandas peculiares, as igrejas seculares.

Quando se deu conta não mais era o olhar do quarentão que estava ali e sim o menino de outrora. Viu bem longe entre árvores o prédio secular do Colégio Marista. O velho tamarindeiro – sob o qual Aníbal deitava na relva para fugir do cotidiano – ainda reinava entre outras árvores: mangueiras, pitombeiras, amendoeiras, ingazeiras e um velhíssimo pé de fícus.

Cercando uma horta comunitária – na qual os irmãos trabalhavam nos fins de semana – várias goiabeiras faziam fila com seus troncos pelados suportando o peso de trepadeiras, principalmente os pés de maracujás.

Mas não foi só o lado feliz que Aníbal enfrentava naquele momento. Também suportou a lembrança dos castigos de uma educação rigorosamente draconiana: pegou suspensão por ter comido frutos dessas árvores.

Rezou ajoelhado em grãos de milho por um busto caricatural que desenhara do irmão Gregório, mestre de Geografia e Religião. Cumpriu castigos à moda antiga, repetiu milhares de vezes em voz alta e escreveu nos cadernos frases consideradas pecaminosas que não deveria ter jamais pronunciado, decorou páginas e páginas de textos por ter interrompido aula por motivo fútil – e assim por diante.

Um dia seu pai foi chamado à direção da escola e convidado a retirar o filho de lá, pois era dinheiro jogado fora, encerrando assim prematuramente a educação religiosa.

Mário olhava de banda o amigo e sem necessidade de adivinhar o semblante denunciador, respeitoso daquelas memórias, mantinha o necessário silêncio. Uma coisa é relembrar o passado, outra bem diferente é caminhar para trás, caminhar sobre suas próprias pegadas, percorrer caminhos do passado.

– Tcham-tcham-tcham-tcham! O Solar da Baronesa!

Mário anunciou, imitando uma voz soturna, o velho casarão que se aproximava e logo estavam lado a lado com suas paredes azulejadas, portais de mármore, bandeiras carcomidas. Um musgo de verde bem escuro traçava entre os azulejos linhas, figuras imitando vermes, lesmas. Entre a parede e a calçada, na junção entre as lajes de granito, cresciam pequenas ervas, quebra-pedra, pega-pinto.

Na sua meninice Aníbal circulou muito naquele casarão.

– Estive aí muitas vezes. E pelo tom de voz Aníbal parecia mesmo querer caminhar sobre as pegadas do passado.

– Eu era bem pequeno, molequinho ainda. Tinha o quê? Quatro ou cinco anos, se tanto. Minha mãe sempre ia visitar a irmã caçula, casada com um filho da Baronesa. Após os cumprimentos de praxe, me deixava sentado numa cadeira de espaldar alto, de couro com botões dourados polidos à exaustão. Eu, que já era magro e mirrado, me sentia mais pequenino ainda. Invariavelmente, logo depois ouvia os passos arrastados soando no assoalho de madeira.

Nossa natureza está no movimento, não no repouso – era a incansável Baronesa que vinha fazendo sua ronda diuturna pelo longo corredor. A figura, que à distância parecia bem pequenina, aos poucos ia crescendo, crescendo, até agigantar-se diante do menino, alta como a Estátua da Liberdade, ereta, de porte nobre e altivo, a bengala na mão.

Os cabelos de neve formavam um coque preso por enormes prendedores e grampos de marfim, sobressaltando os olhinhos azuis, muito azuis, dominadores, que se fixavam no menino profundamente, antes de perguntar:

– É filho de quem?

O garotinho respondia o nome inaudível, com a voz sumida no temor, o medo das faces encovadas, do corpo magro e alto que jamais repousava. Depois de resmungar um longo e reticente, hhuuummm, hém-hém, como se maquinasse saber quem era a mãe dele, a Baronesa seguia a rotina da caminhada circulando pela sala enorme.

Espiando as cristaleiras uma a uma em minucioso exame, a Baronesa passava em revista toda a sala, os dedos ossudos detectando a poeira invisível. Repousava o olhar sobre os quadros de pintores muito antigos, sobre os retratos da família, sobre as peças de cristal rigorosamente arrumadas nos armários, sobre os móveis negros.

Depois do exame retomava a caminhada arrastando os chinelos no mesmo ritmo, no contraponto da bengala e a música temerosa ia se perdendo no corredor oposto até tudo se transformar em silêncio.

Capítulo 5
A imensa brancura do cosmos

> "O mundo bem diante do nariz
> Feliz agora e não depois
> Me sinto só, me sinto só, me sinto tão seu
> Me sinto tão, me sinto só e sou teu."
> Samuel Rosa /Chico Amaral

Liberdade. Muitas das vezes estamos livres nas ruas e podemos andar para onde quiser, mas que'dê liberdade? A liberdade está dentro de nós, dentro de uma prisão ou solto pelas avenidas, ou prisioneiro de uma cama de hospital. Escolher um modo de ser livre é na realidade escolher um meio de fugir da vida real. Fome. Mesmo prisioneiro a fome virá, virá a sede, a vontade de urinar e de defecar. Todo esse sentimento de culpa que carregaremos ao estar prisioneiro jamais impedirá a força dos sentidos.

Aníbal primeiro ouviu um zumbido percorrer toda a cabeça, depois sentiu uma dor intensa como se lhe fizessem uma punção no cérebro. A dor foi aumentando, aumentando, até se transformar numa insuportável agulhada. A última coisa que pensou foi em dar um grito, mas da boca saiu apenas um soluço gutural.

Quando de novo tomou conta dos sentidos estava deitado numa cama, sentindo a garganta arder horrivelmente. Alguém – por enquanto apenas um vulto – se movimentava para lá e para cá. Aos poucos a visão foi clareando como uma máquina fotográfica entra em foco e ficou branco de vez: era uma mulher branca, vestida com uma roupa branca, com uma touca branca na cabeça e ele estava numa cama branca, num quarto de paredes brancas. Tudo branco...

Aníbal quis dizer alguma coisa para chamar a atenção da mulher, mas a dor da garganta, bem pior do que pensava, impediu a fala. Além disso, a língua parecia presa, tão pesada que não ajudasse de nenhum modo o mecanismo da fala. Ouviu um grunhido em vez da palavra que pensou emitir, mas isso serviu para chamar a atenção da moça que largou o que fazia e veio para o lado da cama. A voz, suave, mas bem límpida, perguntou:

– Olá, seu Aníbal, como vai? Está se sentindo bem? Quer alguma coisa?

Outro gemido, dor na garganta, a língua presa. De repente lembrou-se: escrever! Tentou mexer o braço direito, mas estava atado com largas faixas de esparadrapo. Além disso, tinha uma agulha espetada na veia alimentando-o de gotinhas de glicose. Bateu com os dedos no tampo de madeira onde o braço estava apoiado e fez o gesto de escrever. Logo depois a enfermeira colocava esferográfica e papel ao seu alcance.

"CONTE-ME TUDO."

– Bom, recomeçou a voz suave, ontem à noite você teve um avecê e foi trazido até aqui. Fique tranqüilo, está fora de perigo e já avisamos o seu trabalho através do telefone que tinha no seu cartão de visitas. Veio alguém de lá visitá-lo, fez recomendações, está tudo sob controle, fique tranqüilo.

"NENHUMA VISITA, NENHUMA, SEM AUTORIZAÇÃO MINHA, CERTO? QUE PORRA É UM A-VE-CÊ?"

– A ponto, vê ponto, cê ponto. A.V.C. Acidente Vascular Cerebral. Depois o doutor explica melhor o que se passou com você. Teve uma pequena hemorragia, o que nesses casos é melhor. Fizemos vários exames, os médicos dizem que o perigo passou. Você tem uma paralisia parcial e temporária do lado esquerdo. Com uma fisioterapia se recupera rápido. Mas estou adiantando coisas que não deveria.

A voz continuava suave e clara, procurando amenizar a situação. Aníbal não gostou nada de saber dos fatos. Para ovalmente teve a vida em perigo. Ele detestava hospitais e distritos policiais. Por isso jamais se meteu com eles.

A irritação de que era tomado passava às palavras. Os doentes, por se encontrarem em situação delicada acham-se – não sem alguma razão – no direito de extrapolar as convenções. Aníbal já demonstrou isso no palavrão desnecessário que escrevera. Agora tentava sem sucesso mover o braço esquerdo como se isso pudesse desmentir a enfermeira, mas só pôde confirmar a veracidade da informação. Sequer sentia o braço, era como se carregasse um membro inexistente. Olhou com algum desespero para a mulher de branco. Tinha a pele alva, algumas sardas no rosto e no

colo, o corpo maduro bem feito, boa cintura, bons quadris. Calculou entre trinta e quarenta anos sua idade.

"V. ESTÁ MENTINDO! ESTOU MORTO, NO CÉU E V. É UM ANJO OU UMA SANTA."

Era um pedido de desculpas. Ela riu, meteu um termômetro sob as axilas dele, segurou o pulso e ficou olhando o relógio. Depois examinou a temperatura e anotou tudo num formulário preso a uma prancheta.

"COMO O DEFUNTO ESTÁ?"

– Ótimo, sem febre, pulso normal. Daqui a pouco estará pronto para outra, brincou. Não vai ser desta vez...

"ESSES TUBOS TÊM QUE FICAR NA MINHA BÔCA E NO MEU NARIZ?"

– Por enquanto sim. Quando o médico chegar para ovalmente vai tirá-los e você vai poder falar à vontade.

"V. É BONITA. O QUE AFINAL NÃO ESTÁ PARALISADO EM MIM? MEU PINTO SE MOVE?"

A enfermeira leu, mas não se espantou. Botou as mãos na cintura e fingiu uma cara amarrada.

– Sei lá – disse com a voz menos suave – e nem me interessa saber!

Mas Aníbal não desistiu da brincadeira. Fazia isso para perder o medo da morte. Prendendo-a a seu lado, tendo alguém com quem conversar, despistaria a visita da "marvada".

"ME MOSTRA AS PERNAS!"

Dessa vez ela se espantou. Parecia coisa séria mesmo, mas a experiência na profissão falava mais alto. A voz suave não respondeu. A cara amarrada continuou em seu vai-e-vem, trocando roupas e objetos usados por outros, prisioneira mecânica de uma série de afazeres que tinha de fazer.

"SEJA BOAZINHA, BOAZUDA: ME MOSTRA ESSES SEIOS LINDOS!"

Aníbal transitava por aquele caminho em que o desespero acaba se transformando em forma de ataque às instituições. Saía da linha, embrutecia-se.

– Eu hem! Parece tarado! A voz não estava mais tão suave assim. Mostrava que podia ser irada, se quisesse. Mas aceitava a brincadeira e andava para lá e para cá, gostando de se mostrar. Chegava-se ao máximo próximo do leito, debruçava-se mostrando pedacinhos dos seios, fazia ressaltar as pernas roliças, o uniforme alvo contrastando com a pele rosada sarapintada de sardas.

"GOSTOSA! LINDA! GOSTOSA!"

A voz suave começou a rir, a menear a cabeça olhando para aquela figura semi-paralisada que não perdia os vícios nem os prazeres da vida. Admirava gente assim, gostava mesmo.

– Louco, você só pode ser louco. Nem está em condições de ficar dizendo essas gracinhas. Não se garante! Bobinho! E a continuação fez um carinho na cabeça de Aníbal.

Ele venceu e aí aconteceu o inevitável. A parte de baixo do lençol começou a erguer-se sozinho, até que a enfermeira notou e não pôde reter uma gargalhada, riso franco, grito de espanto.

– Pronto. Agora você já tem a resposta...

"SE V. QUISER, PROMETO QUE NÃO DIGO A NINGUÉM..."

Novamente ela sacudiu a cabeça admirada dessa demonstração de vitalidade, tanto física quanto moral, como a dizer: "esse aí não tem jeito mesmo, perdeu a razão". Dirigiu-se à porta, tendo acabado todos os afazeres com aquele paciente, mas antes de sair disse a Aníbal:

– Daqui a pouco o doutor vem ver o senhor taradinho. E saiba que está tudo anotado na plaqueta. Tudinho!

E foi embora. Não deu dois passos no corredor e voltou, abriu a porta para um último recado:

– E da próxima vez quem vai atender aos pedidos de Sua Excelência (disse em tom de galhofa) é um enfermeiro. E recitando bem alto e detalhadamente todas as sílabas:

– EN - FER - MEI - RO VIU?

Era mentira. Ela mesma – a pedido do paciente – atendeu Aníbal até que tivesse alta. Foi seu confidente e guardou todos os segredos e confissões que se faz nesses momentos. Disse que era segredo essa fase de sua vida? Na verdade era vergonha mesmo. Vergonha de ter sofrido um derrame, de ter ficado semi-paralítico. Medo e vergonha de ser chamado de inválido o resto de sua vida. Por isso, pouquíssimas pessoas souberam o que ele sofreu.

Por outro lado, essa vergonha também serviu (e muito) para alimentar com o necessário rigor a força de vontade que o faria recuperar-se rapidamente. Logo estava de novo em atividade e assistido por excelente fisioterapeuta recuperou-se de todo. Aparentemente não ficaram seqüelas físicas,, mas todas as horas mortas entre o zumbido e a claridade exuberante do quarto, se fixaram para sempre, transformadas num enorme vácuo da sua existência.

Capítulo 6
A alma cai pelo amor em imensa ruína

“Não acredito nem vou julgar
Você sorriu, ficou e quis me provocar
Quis dar uma volta em todo mundo
Mas não é bem assim que as coisas são
Seu interesse é só traição
E mentir é fácil demais.”
Dado Vila-Lobos / Renato Russo / Marcelo Bonfá

Ainda lembro bem a Ismênia do último dia em que a vi antes de viajar. Pousava os braços cruzados sobre o peitoril da janela e despejava no deslavado verde dos olhos pressentida saudade. Sentia-me soldado partindo para a guerra como nos filmes de Hollywood: "a despedida da mulher amada, a dúvida sobre o regresso com vida, ignorância sobre todas as coisas que aconteceriam daí por diante", cenas que muitas vezes vimos nas telas.

Uma leve e irreconhecível dureza antevia-se no seu semblante, pois dizem os astrólogos que aos arianos sãos concedidas, simultaneamente, a suavidade da pluma e a frieza do aço. Foi um encontro inútil, um papel desconsolado o meu. Movia-me sem palavras diante dela – sequer fui convidado a entrar em casa! – e tal e qual diretor que rege a cena, Ismênia soube com talento deixar minha principal aliada – sua mãe – isolada da situação.

Pelo menos dona Rosa dava sinais, embora com alguma tristeza estampada nos olhos, que compreendia a importância do passo que estava prestes a dar. Mas agora devo friamente reconhecer que Ismênia é quem estava certa. Com aquela intuição que só às mulheres é concedido ter, ela tornava profética a despedida, tratando-a como final de tudo, definitivo rompimento de todos os elos, encerramento de qualquer ligação sentimental.

Disse-me tudo isso com palavras suaves, de modo claro, o peito arfando normalmente, sem mostrar quaisquer emoções: dali pra frente, o fim. Sabia quando ficar fria para proteger-se do ataque emocional.

Daí pra frente todas as tentativas de reaproximação à distância através de cartas ou telefonemas se tornaram inútil. Consegui manter certa assiduidade nos cartões comemorativos, aniversário, natal, até mesmo relembrando certas datas que considerava importantes em nosso relacionamento, mas apenas obtive repostas isoladas de dona Rosa, provavelmente ocasiões que Ismênia não conseguira interceptar a correspondência diretamente das mãos do carteiro.

De princípio não pude atinar com a idéia, levava adiante todos os planos, mas o carrasco tempo foi passando (a cidade grande realmente engole todas as sobras de sentimento) e tudo dentro de mim foi imperceptivelmente se desmanchando. Alguns pedaços ficaram em Espinho, provavelmente arrastados ao vento, como as ondas da praia arrastam as pequenas edificações de areia que as crianças fazem.

Era difícil esse pedaço sentimental da vida porque não surgia outra mulher que pudesse fazer-me esquecer Ismênia. E ela foi ficando por ali mesmo, residindo nas minhas particularíssimas ruínas, que nem o danado do tempo com suas ervas daninhas tão úteis não conseguiu jamais encobrir.

Foi ficando, foi ficando, guardadinha num canto, baú de esperanças que todos e qualquer um particularmente tem, para trasladar-se de repente em importante segmento de possível retorno, sem mentiras: cheio de ilusões, erigido sobre a inacreditável possibilidade de poder recuperar o amor por si só definitivamente destroçado há tantos anos.

Pude ver como a ilusão, a esperança e o amor, aliados e trançados como peça de crochê, podem medrar imperceptivelmente até chegar ao ponto de tornar impossível a erradicação sem sacrifício do terreno que serviu de canteiro. Ou do coração que serviu de estufa, do corpo que serviu de adubo. Até do riso e do prazer que se serviram da água a ser derramada para quem dela precise, sobre os lábios de quem tem sede.

E mesmo aqui, nessa proximidade abrasadora, esse sentimento aflora desapiedado ao som e olfato da presença de Ismênia, e posso perder-me por todos os caminhos do mundo, posso ir e vir, tornar e retornar – e sei que ele estará ali num canto

qualquer como vírus que repousa para novo ataque – e que surgirá desavisado, em horas e locais impróprios.

É um ponto quente, cujo calor às vezes fogo sinto sobreexistir em mim, sinto surgir em mim em qualquer parte do corpo e sei que é ele, sei que está vivo, latente, dominador.

Passávamos pelo portão enrugado e podre de uma velha estância. O mato tomava conta de tudo. Reconheci logo o "Sítio Saudade". Mostrei minha alegria a Mário, mas ele me desanimou. Era sim, era o "Sítio Saudade", onde muitas vezes percorremos nos fins de semana. Mas agora estava abandonado, tombado pelo patrimônio, prometendo ser centro de cultura e folclore.

O Barão morreu, a Duquesa ficou caduca e quase centenária faleceu. Filhos e netos não chegam a nenhum acordo. Mas todo mal tem seu bem: o bosque estava intacto e crescia, largado à própria natureza e com esse abandono ficava mais bonito. A natureza toma conta das suas coisas se o homem não meter o bedelho. A conversa cheirava confissão:

– Disse-me que quer casar só pela beleza da liturgia religiosa e dar essa alegria à mãe.

– Já ouvi essa história, meu camarada. Primeiro: não vais encontrar igreja que case só no religioso, a não ser essas novas seitas que todos sabem ser picaretagem. E aí não vai ser liturgia, mas palhaçada mesmo – e ela não vai concordar.

– Mas ela fala com tanta sinceridade que fico com pena. Afinal a alegria das mulheres não é essa?

– Segundo: depois do papel passado cria-se essa fantástica fantasia chamada "comunhão de bens" que na verdade é a comunhão dos corpos e da própria alma. Quando o padre ou o juiz sentencia o "até que a morte os separe", não é sobre outra coisa que está falando, mas exatamente sobre a "comunhão”... E por ela muitas mulheres mudam radicalmente e ai de ti, meu mano !

– Concordo que esse negócio de casamento é ultrapassado, falido mesmo. Não acredito em nada que tire a liberdade e é evidente que o casamento tira a liberdade de, pelo menos, duas pessoas.

– Estirados no mesmo liame vêm os sogros, cunhados, tios. Depois vêm os filhos, que por sua vez já nascem prisioneiros e para os quais são descarregadas todas as porcarias que o casal não conseguiu digerir.

– Vê só as complicações que o casamento dá! Como fui me meter nessa enrascada? Pior é que não sei como sair dela... E tem mais: praticamente já estamos casados...

– Complicações como essas são exatamente as que as mulheres jamais deixam passarem despercebidas, como nós homens fazemos. A gente não liga pra nada: monta apartamento, convida amigos e inimigos, toma um porre, vai à igreja e quando acorda está ressacado e carregando na alma as maiores besteiras que já cometeu na vida. Mas quem sou eu para mudar decisão de alguém!

– Podia fugir pra África!

Efetivamente foi um erro. O chamado "erro irreparável" porque mesmo que venha a separação nada é capaz de apagá-lo. Mas casei, definitivamente casei. E a fuga para a África foi nada menos que a loucura de retornar a Espinho. Loucura recôndita, escondida, inconfessável. Loucura que veio com prazer e doçura, fuga que não tem distância nem medida. Pouco de liberdade entre elos da cadeia.

Esse é um gozo que nem mesmo essa chuva insistente consegue apagar. Alegria que veio não só com Mário, mas também ao saber do "sofrimento" de Ismênia, gorda, desfigurada como um espelho partido, sozinha com seus bombons, namorando astros de TV. Vê-la assim não deixou de me dar um desavergonhado e mórbido prazer de rejeitado.

No mar de entulhos, lama e desolação que se transformou Espinho com a tragédia das chuvas e da enchente me restaram pequeníssimos prazeres. Sentir que a amizade de Mário confirma-se com determinação de sermos amigos para sempre.

É justamente assim como a sinto. Prazer em rever Gardênia, tão dinâmica, casada, mas livre, mulher, bem mulher, que o tempo só faz crescer. Saber que não era afinal a mulher de mármore que vira no cemitério e que os rumos das nossas vidas se encontraram numa impossibilidade de paralelas.

Que afinal, afinal nos amamos quando esse sentimento não tem alguns pejos nem carrega interesses que o chamado "relacionamento oficial" provoca – é puro sentimento, só tem necessidades.

Tive também a ventura de ver fantasmas de velhos amigos circulando por ali nos becos estreitos e úmidos, nos casarões abandonados da velha cidade de Espinho, de azulejos moldurados de limo, parceiros da velha Duquesa.

Na minha imaginação e sonhos, nas narrativas realistas de Mário, reviveram os terrores das lendas de bichos fantásticos; dos maus tratos a escravos que viraram santos e zumbis; das construções cujo barro era composto com sangue humano para dar melhor e mais durável liga.

Mortos e vivos, semimortos e desaparecidos, gente que mesmo aqueles que conviveram sempre ao seu lado se olvidaram, de mim tiveram lembrança e acenaram com suas mãos nevoentas um afetuoso e sereno adeus.

Ainda assim é difícil falar sobre esse "caminhar para trás" que mentalmente iniciamos ao pressentir um sinal qualquer que sirva de gancho, referência, anzol que puxa todo um cardume de memória, pororoca que tudo arrasta numa torrente sem fim, fatos, pescadores fazendo arrastão. Inexplicável como o silêncio das fotografias que dizem mais que mil palavras.

Já me vejo pisando o asfalto quente das avenidas no verão que me farão esquecer definitivamente as ruas tortuosas, becos musgosos, calçadas de pedras lisas,

paredes azulejadas e limosas da velha Espinho. Depois que tudo isso terminar e a realidade crua mais uma vez tudo encobrir com lençol de cambraia.

Depois que tiver de voltar ao trabalho sem nenhuns dos sonhos realizados me vejo por fim gozando a mesma ventura que se abateu sobre o velho Osvaldo, funcionário exemplar de mais de trinta anos de casa, que terminou seus dias emborcado sobre a própria mesa de trabalho, vítima de enfarte fulminante.

É preciso morrer várias vezes para pensar assim.

Capítulo 7
Neste exato momento

“Meu coração tá batendo
De amor e de cansaço
Saudade do abraço
Do morno regaço
Onde eu deixei
Um pedaço de mim.”
Samuel Rosa / Chico Amaral

Os noticiários da TV, do rádio e dos jornais constantemente interrompiam a programação normal para anunciar, com destaque, o desenrolar da situação dramática provocada pelas enchentes em toda região. Detalhavam vários desmoronamentos, contavam as vítimas, enumeravam os desabrigados pelas chuvas. Emissoras mantinham equipes permanentes nos locais onde a situação era mais grave, expedindo boletins em horário extraordinário sempre que algum fato mais grave ocorresse. Bombeiros, equipes de defesa civil e de assistência social trabalhavam com afinco, dia e noite, em constante revezamento.

Histórica e geograficamente a cidade não favorecia as enchentes, a não ser nas partes ribeirinhas. Por isso mostrava-se desaparelhada para suportar tanto volume de água caindo de uma só vez. A população, que sempre teve uma vida tranqüila, tampouco tinha capacidade de prevenir-se contra tragédias. Todas essas informações que vinham de um passado distante fazia impossível alguém prever tal calamidade, que não constava nos anais da história da vila de Espinho. Somente os ciganos, as videntes e animais de rapina sabiam da verdade futura.

Como conseqüência o dilúvio criara locais inacessíveis a pedestres e a veículos comuns. Quem tinha seu barquinho, sua canoa, podia movimentar-se em busca de alimento, salvando vidas. Os desabrigados já somavam milhares e estavam alojados temporariamente em barracas, escolas e quartéis. Quando a população aumentava muito, por falta de espaço ou em caso de doença eram mandados para abrigos e hospitais das cidades vizinhas. Em alguns desses municípios os prefeitos decretaram estado de calamidade, o que provocou imediatamente a mesma medida por parte das autoridades de Espinho.

Parecia tragicômico que naquela região se clamasse aos céus durante todo o ano por um poucadito de água e agora as rezadeiras votassem nas novenas orações fervorosas em favor da seca, da estiagem, esquecidas do estado lamentável que ficam também nessas ocasiões.

Lágrimas se confundiam com tanta água que caía, jornais e rádios anunciavam impiedosas notícias que mais chuvas viriam – segundo dados obtidos nos serviços de meteorologia. Ante tais notícias boatos se espalhavam levando os mais crédulos a acreditarem, com piedoso fervor, num novo dilúvio bíblico. E que, portanto, quarenta e cinco dias e quarenta e cinco noites ainda iam chover abundantemente.

Espinho vivia envolvida por baixas e pesadas nuvens que pareciam pedaços negros de algodão embebidos em água. Um feto natural e pulsante envolto no ventre da terra, mergulhado no líquido amniótico da natureza.

A pedido de Aníbal mandaram colocar uma rede de dormir no apartamento em que ele estava hospedado. Entre uma saída e outra de Mário – que não podia deixar totalmente de lado seus afazeres profissionais – Aníbal estirava-se na vastidão macia dos fios de algodão e conseguia descansar um bocadinho, para logo em seguida levantar-se com dores no pescoço, provocadas pelo incômodo que a rede causava.

Depois de tanto tempo sem deitar em rede sofria da falta de prática. Acovardou-se, preferiu refugiar-se no colchão de molas – outro objeto que Aníbal não mais usava no Rio de Janeiro, aterrorizado pelos ortopedistas com ameaças quase sempre destinadas a deixá-lo paralítico ou a fazê-lo sofrer da coluna eternamente! Mas sentiu falta do ranger do gancho que segurava a rede e que era música de ninar dos tempos de infância.

De fora vinha o barulho constante que a chuva fazia ao encontrar-se com as águas do rio. As gotas batendo no chão e na vidraça ecoavam como aplausos de uma enorme platéia e esse eco parecia deixá-lo bem mais próximo da tragédia do que realmente estava, fazia-o considerar a situação mais catastrófica do inicialmente julgara.

Volta e meia repensava o significado da sua presença ali naquele momento. Que forças misteriosas tinham-no atirado no passado em circunstâncias tão particulares que resistiam a todas as análises e digressões? Por que fora levado até Espinho? Aníbal foi levado ou caminhou até ali pelos seus próprios pés? Contra todas as suas idéias e afetações, de fato atuaram forças incontroláveis ou não?

Iludido pela distância e pelo lusco-fusco deixado pelas gotas, Aníbal imaginava ver objetos – camas, cadeiras, mesas, cadáveres inchados de cães, gatos e outros animais – passarem flutuando nas ondas violentas da corredeira, para encalhar em qualquer canto por aí, apodrecendo e sujeitando a população a doenças inimagináveis. Esse temor refletia a imagem do boi de enormes chifres, morto pela enchente, com o corpo enormemente aumentado pela inchação, que passou um dia no noticiário da TV, deixando-o com medo de tragédias maiores.

Ver aquelas casas tomadas pelas águas raivosas, ocupantes sendo inexplicavelmente expulsos, trouxe a Aníbal de volta uma antiga impressão religiosa, de provável antepassado bíblico: alguém da comunidade tinha cometido pecado grave, que hoje toda a população estava pagando. Pelas razões que todos conhecem, a parte pobre da população é a que mais sofria, entregando-se às dores provocadas pela tragédia com a lassidão e passividade dos fiéis. Deus quis assim. Imaginava Aníbal, sobrepondo-se ao tempo e ao espaço, como deve ter sido terrível para a inocente mentalidade dos antigos o castigo do dilúvio universal!

Olhando o teto de onde linhas enverdecidas surgiam como a veia do corpo, deixava vagar o pensamento atropelando inconformismo, respostas incoerentes, questões inanimadas. Cochilou e imaginou estar mergulhado, respirando com dificuldade, como se dentro de água grandes bolhas de oxigênio flutuassem entre o líquido. Água e óleo, essa a imagem: água e óleo agitados num frasco. As bolhas de óleo fragmentam-se e não podendo se misturar ficam flutuando no corpo todo. Só que não era óleo, era oxigênio, ar, o que permitia nadar-se eternamente mergulhado, sem voltar à tona, vivendo imerso para todo o sempre. Com essa sensação Aníbal voltou è realidade. Ficou nesse meio termo, entre o sono e o despertar, bastante tempo.

Vinha de longe, varando toda a chuva, de bem longe, passando por cima de toda a miséria do desabrigado, o cheiro do manguezal que recebia o rio bem lá embaixo, antes de jogá-lo no mar. Era formado por uma restinga que abrigava milhares de aves aquáticas: garças, jaburus, guarás, maçaricos, que faziam daquele local seu santuário, seu abrigo. Ali vinham se alimentar de pescados, mariscos, caranguejos, siris. Tudo arborizado pelos pés de mangue de folhagem verde e raízes que eram como pernas vermelhas entrelaçadas, muitas vezes intransponíveis, enterradas na lama negra.

Quando a maré enchia em preamar as águas do rio represadas faziam subir o nível até alcançar as calçadas das casas dos pescadores. As águas depositavam ali pedaços daquele manguezal. As cabanas eram construídas bem na margem, de tal modo, era possível os moradores deixarem os saveiros ancorados no atracadouro ao longe e descer navegando comodamente de canoa até a porta da casa, onde ficavam atreladas como se fossem animais de cavalgadura.

As mulheres e crianças mantinham permanente vigília mirando ao longe aquela viagem que as água doces faziam rastejando, rastejando, de mansinho até chegar a seus pés, calmas e carinhosas. Esse passado parecia distante e bem diferente do que acontecia hoje. Os olhos das mulheres diziam tristezas e uma leve esperança da chuva parar, das águas finalmente baixarem para poderem contar os prejuízos, voltar para casa.

Dia após dia, noite após noite, nas moradas improvisadas em barracos militares montados em fila no alto do morro, rezavam essa esperança, não voltada para os céus nem para santos específicos (embora soubessem que era São Pedro o encarregado da torneira do céu...), apenas esperando pacientemente que a natureza se calasse, as águas se acalmassem e o rio voltasse a ser rio, deixasse aquela besteira de se fazer de mar.

Que o rio se fizesse bonzinho e perdoasse as gentes da terra terem invadido seu território, tomado posse de suas margens – que é próprio do homem ser pirata de si mesmo, aventureiro na sua própria terra, mas pescador nas águas alheias.

Assim mergulhado nesse ambiente viveu Aníbal grande parte da manhã onde esperava iniciar os almejados tempos que iriam permitir desfrutar fantásticas férias num paraíso de sol, praias e mar. Mas tudo agora parecia se transformar num sonho, o

mesmíssimo sonho que o levou à agência de viagem, ao pecado do retorno violando aquela antiga promessa (seria essa a causa do castigo?). Apenas o amigo, o velho amigo Mário, conseguiu furar essa barreira e chegar até ele. Agora era Mário também a única esperança de que um pedacinho mínimo daquele projeto se salvasse.

Todas as demais notícias ele sabia por saber, por ouvir dizer. Mário mesmo sendo seu amigão não deveria ser explorado, apesar de não se queixar do pouco tempo que tinha para dedicar a Aníbal.

Havia dito que com chuva ou sem chuva, com dilúvio ou sem dilúvio, o tiraria do ninho para rever as pessoas, os amigos de infância, aqueles lugares que tinham percorrido juntos – e tudo faria para cumprir a promessa. Sendo fatalista com suas amizades (PARA OS AMIGOS, TUDO! PARA OS INIMIGOS, O FOGO DOS INFERNOS! Costumavam berrar os dois em uníssono aquele grito de guerra), Aníbal aceitou a interferência dispensando, porém, algumas visitas desimportantes. Numa dessas idas e vindas Mário deixou claro que não acreditava que Aníbal tivesse vindo a Espinho somente para ver a chuva...

– Queria mesmo era te falar dela, de Ismênia, ainda te lembras? Tipo de pergunta que não deveria fazer, bem sei. Como poderias esquecê-la? Ninguém consegue esquecer uma mulher daquelas.

Aníbal conseguiu dar um sorriso. Aquele Mário! Bem que sabia levar as coisas e sendo amigo incondicional tinha toda liberdade do mundo para tratar sem melindres qualquer assunto. Quando jovens foram confidentes, todos os problemas eram passados de um para outro. Até mesmo questões de família, dúvidas sexuais, difíceis naquela época de se comentar, eles discutiam abertamente.

Amores, nem se fala! Cada conquista, cada paixão, cada sensação nova era imediatamente levada ao conhecimento do outro para que pudessem os dois gozá-la juntos. Difícil também algum deles tomar decisões sem consultar o outro. E isso valia para qualquer questão, mesmo no âmbito da família. Bem verdade que a vida sem prévio aviso os separou, jogando cada um pro seu lado, mas quando precisava alguma comunicação ocorria.

– Ainda mora junto com a mãe, solteira – dizem as más línguas que enviuvou virgem. Mas tem tanta coisa que eu poderia te contar, mas não quero estragar teu prazer. Te levo lá, preparo antes a visita, depois te pego e trago de volta para o hotel. Nenhum toró, nenhum dilúvio universal vai impedir de rever a tua paixão. Concordas comigo?

Aníbal nem pensou em se defender do amigo, tantas eram as evidências que denunciavam nele o desejo de rever Ismênia. Foi só Mário pronunciar a primeira palavra mágica e de repente seus olhos começaram a brilhar com maior intensidade. Afinal aquela visita era um dos motivos subliminares que tanto estimularam a viagem. Imperdível.

E Mário num ponto tinha razão: nenhum dilúvio iria impedi-lo de rever Ismênia. Mas não conseguia por na cabeça sobre qual fato Mário se referia. Decerto acontecera algo que o amigo não queria antecipar, já que Aníbal iria saber diretamente. Isso aguçou ainda mais a vontade de reencontrar Ismênia.

Tudo começava a embatucá-lo, deixá-lo mais confuso ainda, mas na verdade nada iria mudar: ia reencontrar, depois de longo tempo, seu "grande amor". Outra realidade é que logo depois teria que repetir o gesto, virar as costas e a página na qual o destino tinha escrito aquele capítulo da vida dele.

Aníbal gastava os pensamentos procurando imaginar como Ismênia estaria. Mais gorda? Mais magra? Teria rugas no rosto outrora tão liso e macio? O sorriso seria o mesmo? Os olhos, esses não mudariam, tinha certeza. No entanto nada conseguia desenhar além da imagem indelével que ficara há vinte e tantos anos atrás, quando a viu nua no banho, a água morna despindo a roupagem de espuma que escorria pelo corpo rumo ao chão formando nos seios, no ventre, na bunda, desenhos geométricos, plantando mapas nas reentrâncias como a mostrar quais as regiões mais desejáveis, relevos e recantos escondidos. Nunca Aníbal havia acariciado alguém à exaustão, sem nada tocar, somente os olhos vidrados de prazer. Pois esse retrato foi o que ficou de Ismênia e nada seria capaz de apagá-lo.

O amor entre Aníbal e Ismênia refletia o próprio sentido da vida, que ambos arriscavam e que podia ser desenhada assim: marca-se um ponto em algum lugar inimaginável e em seguida inicia-se o traçado de uma reta. O traço que sai à mão livre é sempre irregular, mas o ponto de onde a ponta do lápis partiu é fixo, é o presente. O traço que segue vai se transformando em vida vivida e logo em seguida em passado. A linha que ainda não veio é o futuro. À medida que o traço avança mais distante fica o ponto e a fonte da linha que continua a crescer a cada instante.

O presente é aquele ínfimo momento em que a grafite passa deixando a marca: é um fragmento atômico extremamente efêmero. E o futuro, bem, este está tão próximo do riscado que virá quanto distante da linha que ainda não se fez. Uma cigana diria que não foram feitos um para o outro. Ademais, eram ambos arietinos e – dizem astros e astrólogos – os arietinos não se entendem jamais.

Desencontros. Quando os tempos foram dominados pelos torturadores, o corpo humano era a maior vítima dos abusos absurdos. Mas vendo a doçura das linhas do corpo de Ismênia, uma brancura de seios em dunas, de coxas de areias alvas, nádegas banhadas pelo mar, jamais ninguém contestaria o fato de que o corpo nasceu para ser acarinhado e beijado à exaustão. Não dá para esquecer nem mesmo a violência dos novos centuriões, xerifes de um mundo que podem invadir e massacrar a qualquer momento. Somente o corpo nu pode rebelar-se contra tudo.

Capítulo 8
O outro lado da vida, entre as juçareiras...

“Ah, quem me dera ser
como nos meses passados
como nos dias
em que tu me guardavas!
Quando fazia resplandecer
a tua lâmpada
sobre minha cabeça
quando eu, guiado por tua luz,
caminhava pelas trevas.”
(Adaptado do livro de Jó)

O que dizer de um homem que, por vontade própria, perdeu o sentimento da emoção? O que falar de quem toda vida cultivou um jardim de frialdade e mais a coleção completa das suas ervas daninhas? Que falar de alguém que em toda a sua existência procurou despistar radicalmente todos os sentimentos? O que criticar daquele que de tal maneira se tornou insociável que a ninguém, fosse humano ou inumano, nem a nada deste mundo ou do outro se apegava?

Esse era o Aníbal vitimado pelo choque que o expulsara de N.S. de Espinho “para nunca mais voltar...” o retrato exato de um Aníbal revestido na armadura medieval dos cavaleiros da Idade Média ou na couraça natural que é a pele de um rinoceronte, supondo que assim estaria imune ao que chamava de “as fraquezas da vida”.

Essa roupagem só o tornaria mais famoso entre seus amigos, que se admiravam da frieza com que ele recebia as notícias trágicas. Essa atitude fazia lembrar a história milenar que seria a própria história da nossa Terra. Pensar em quantos bilhões de seres humanos já transitou pelos espaços siderais ou mesmo pelos limites efêmeros do Planeta Terra. Nas tragédias que marcaram o dia a dia da existência desses seres, mesmo aqueles que tiveram os feitos narrados em epopéias pulverizadas no tempo.

Baseado nessa imensidão trágica que é a servidão humana, Aníbal considerava que esses pequeninos grãos de areia que ocorriam à sua volta não mereciam sequer uma gota de lágrima dos seus benditos olhos. Nem o sacrifício das lamentações. Virava o fato como quem passava adiante a folha de uma agenda diária e olhava somente para o dia seguinte.

Intimamente se vangloriava dessa circunstancial armadura que plantou em volta de si, mas quando se via surpreendido pela catástrofe da solidão, essa companheira desagradável que não desgruda da gente, aí sim Aníbal lutava com todas as forças para esconder as fraturas da alma. Por baixo da pretensa couraça latejava um coração mole no peito sensível. A batalha que se travava tinha como objetivo esconder o velho sentimento com a máscara da frialdade.

Aníbal sentia o quê de prazer e literalmente inflamava os seus amigos com a ditadura da interrogação, sempre que a conversa caminhasse para o lado que ele chamava "a face misteriosa do homem". Baixava o espírito filosófico, com o qual costumava superar os amigos no diálogo. Todos sabiam que ele tinha suas leituras e quando falava tinha conhecimento de causa.

Citava todo um cabedal de nomes famosos e tirava do pensamento de artistas e escritores as teses que garantiam a vitória. Sade e o fantasma da violência na libertinagem. Mozart e a inata, precoce e talentosa genialidade. Beethoven e a música nascida do silêncio. Os gênios precoces do jogo de xadrez: Morphy, Capablanca, Reshewsky, Najdorf, Mecking. A memória pianística fantástica de Arthur Rubinstein. No meio das discussões conseguia estraçalhar o cientificismo religioso e armar uma carapaça contra qualquer tipo de religião. Criou um dilema-chave para encerrar de uma vez por todas as discussões sem fim: A Hipótese Deus.

Ria com a descoberta de que os cientistas conseguiam sempre montar um quebra-cabeça inventando todas as explicações possíveis, mesmo para os problemas inventados apenas para desmoralizá-lo. Aníbal estabelecia regras para que a conversa fosse diminuindo até liquidar um problema definitivamente. Como o círculo tornava-se vicioso, lá voltava ele com a "ditadura da interrogação", segundo a qual sempre há uma pergunta sem resposta. E ele maravilhava-se sempre com esse começar de novo...

Era notório entre seus amigos: podia-se contar nos dedos todas às vezes em que Aníbal reagiu como um ser humano normal, sem atropelar ninguém. Uma dessas raras vezes foi quando do enterro de Anita.
Conhecida de uma maneira absolutamente fortuita (um telefonema que caiu por engano no número dela), Anita se transformou logo numa grande camarada. Um telefonema

errado, outro telefonema errado – e graças ao atraso tecnológico da companhia telefônica nasceu uma grande amizade.

Passaram tempos e tempos se falando apenas por telefone e esse contato era suficiente para incrementar a conversa, a amizade, até mesmo a necessidade de ter um outro lado para desabafar. No entanto, mal um dos dois se ausentava da cidade, por qualquer motivo – férias, viagem de negócios ou não – imediatamente o outro reclamava da ausência. Fazia falta o tilintar do telefone, mesmo para conversa fiada, mas na verdade o avanço foi tão grande que as ocorrências, por mais íntimas que fossem, só encontravam um interlocutor. A opinião do outro era fundamental e necessária.

Os anos se passaram alimentando esse diálogo fecundo e seria normal que algum dia se conhecesse pessoalmente, mas nenhum dos dois tentou uma aproximação física. Aníbal e Anita só conseguiram se encontrar no dia do enterro. Ao dar um telefonema Aníbal soube da triste notícia do outro lado da linha. Anita era pálida, olhos azuis, porte mediano, magra. Dissociava-se totalmente da imagem que dela faz Aníbal. Alguns sinais no rosto indicavam que Anita já fizera alguma plástica para assegurar os últimos resquícios de juventude. A grosso modo poderia se estimar a idade em 50 anos, mas mantinha um ar juvenil que sua voz denunciava.

Pela quantidade de gente que participava do enterro notou o quanto ela era muito querida. Vendo tantos amigos e amigas em volta, lamentando a perda e fazendo comentários sobre sua vida, Aníbal não deixou de perceber quão singular fora conhecer essa pessoa, de maneira tão incomum. Ali, emoldurada numa palidez que só se reconhece na morte, Anita refletia a madureza de um espírito esplêndido. Agora, ali estirada num caixão, o corpo todo envolto em flores, parecia a Aníbal que Anita o espreitava com os olhinhos miúdos, finalmente reconhecendo o companheiro dos telefonemas solitários. Podia Aníbal imaginar até ouvir o riso alegre de quem soube tirar da vida todo o sabor.

Esse conhecimento que se manteve secreto até então teve grande importância na vida afetiva de Aníbal. O tempo, a confiança e a amizade, transformaram Anita num contato precioso para suas conquistas femininas. Não obstante pertencer a uma igreja protestante, Anita não se importava em servir de aliciadora voluntária e volta e meia

apresentava novas mulheres para encontros amorosos. E delas Anita só exigia que contassem tudo, não só o que havia ocorrido amorosamente, mas o principal: como era Aníbal, o que pensavam, qual a opinião sobre a personalidade dele. E juntando esse puzzle peça por peça Anita finalmente elaborava o retrato de Aníbal.

Eles se amavam mantendo essa atividade secreta: ela satisfazendo todos os seus gostos e zelando pelas amizades femininas, ele enchendo-a com as narrativas amorosas que detalhavam os encontros, as paixões, os desencantos.

Por exemplo, foi Anita quem manteve acesa a magia do azul-e-branco, que Aníbal trouxe desde a juventude. Habituado a ver as estudantes normalistas saírem da escola ao lado da sua amada, Aníbal chegou trazendo num esconderijo da alma o pecado de uma paixão impossível por uma garota de 11 anos. Estudante ainda, conhecera-a na saída do colégio.

Aquele uniforme formado com a saia azul e blusa branca mexeu com seu coração adolescente. E a partir desse dia jamais faltou a esse “encontro” unilateral, transformando-o de casual em definitivo e daí numa provocação ao namoro. Era Gardênia. Filha de família tradicional, que naturalmente seria preparada para vôos mais altos que os limites de Aníbal.

E numa idade que ninguém a julgaria prepara para qualquer aventura amorosa, muito menos ainda com um pirralho qualquer. Mesmo assim – ou até pela incapacidade de julgar as coisas de maneira formal – Aníbal não se conteve e tentou realizar-se na paixão. Agindo sem pensar (e pensar nessa altura seria desastroso), Aníbal se jogou de corpo e alma a esse primeiro grande amor da sua vida e tudo enfrentou para ganhar o carinho dos olhos negros de Gardênia, poder acariciar os cabelos escorridos de Gardênia, sentir na sua boca a maciez dos lábios naturalmente vermelhos de Gardênia, opor seu corpo moreno à brancura da pele de Gardênia...

Para aumentar seu desespero, descobriu que era correspondido. Evidentemente tudo não aconteceu, a não ser uma troca de olhares e um ou outro encontro fortuito, até que a família descobrisse o segredo. Esperança, ilusão, tudo não realizado, antes de serem separados. Mas se nem se uniram, por que essa sensação de separação?

Olhares, desejos, longos apertos de mão nas despedidas, bocas que não se queriam desgrudar ao calor das separações nos encontros furtivos. Flagrados no amor de demorados abraços, os corpos seminus abrasados se tocando. A tática da época no amor, a estratégia na separação: Gardênia foi mandada para longe, a um lugar não conhecido, para casa de parentes. Aníbal, o que ficou, foi ameaçado, agredido, discriminado na escola. E em que pese toda fantasia do que foi e do que não foi, para Aníbal aquele foi o "grande amor da sua vida". Essas circunstâncias o obrigaram ao mesmo exílio involuntário.

E quando chegou ao Rio de Janeiro só que carregava daquele pesadelo era o sonho do azul-e-branco. Também no Rio a grande maioria das estudantes usava esse tipo de uniforme e Aníbal as via passar em grupos saindo da escola e essa presença era tão forte que ele chegava a ouvir mesmo o farfalhar da anágua sob a saia. Coisa de cinema...

E foi Anita quem mais entendeu a sua obsessão: o "grande amor das nossas vidas" existe, não é uma ficção de novelas e romances, de cinema ou televisão. Profundamente abalada com a gravidade do estado de Aníbal, encontrou uma solução *sui generis*: procurou entre as amigas aquelas que ainda estudavam e fazia questão de apresentá-las usando o tradicional uniforme azul-e-branco. E, voluntariamente ou não, foi Anita quem o curou, se não do trauma do "primeiro amor", ao menos da obsessão do "azul-e-branco"...

Aníbal um dia descobriu que as normalistas de Anita não eram verdadeiras. Ela, para agradá-lo ou para curá-lo, chegou ao cúmulo de inventar estudantes e vesti-las de azul-e-branco para apresentar a ele! Aníbal descobriu a calou: era um segredo que ela não quis participar e ele respeitou essa circunstância.

O enterro de Anita foi um dos raríssimos casos que afetaram o sentimento de Aníbal com a emoção que ele mesmo qualificava de "barata".

A não ser isso, costumava guardar todo sentimento numa masmorra privada, um canto qualquer da alma que imitava aqueles lugares escuros das salas de cinema onde um

melodrama também se mostrava capaz de arrancar algum sentimento dele. Volta e meia, num cinema ou teatro, Aníbal permitia que algumas lágrimas furtivas enchessem seus olhos e corressem pela cara abundantemente, como se furassem uma bola de gás cheia de água.

De tais dramalhões em geral costumava fugir, temendo as piores conseqüências, imaginando suicídios e catástrofes. Mas não conseguindo evitar que todos os casos terminassem como ele esperava, volta e meia esbarrava com os dramas do cotidiano. Agora ele a via ali à sua frente, as mãos juntadas, hirtas, os dedinhos alvos entrelaçados repousando sobre o peito chato e tinha uma esperança absurda de vê-la abrir os olhos e, reconhecendo-o, cumprimentá-lo efusivamente como a um velho amigo.

Era inexplicável que isso acontecesse, mas acho que é um sentimento comum a todos que vão a enterros: a esperança de ver o peito ofegar no ritmo normal e cadenciado da respiração.

Mas a realidade era outra. Nada se movia naquele corpo, nem mesmo para espantar a mosca que insistia em incomodá-lo.

Aquela imagem, incompleta, mas respeitada, que tinha de Anita, foi corrigida com os comentários elogiosos ouvidos entre os presentes ao redor e deu a Aníbal a chance de adicionar algumas peças à imagem que tinha daquela grande e insubstituível amiga que tinha perdido.

Antes de fecharem o caixão, colocou uma vez mais os dedos sobre as mãos ossudas serenamente repousadas de Anita e não mais se moveu. Ficou estático vendo o féretro seguir até perder-se entre as aléias do cemitério.

Capítulo 9
Eu sou a água

“Se tu quiseres saber quem eu sou...
Me dá a tua mão
Vem viver, vem lutar lado a lado
Desarme as armadilhas, não me peça explicação
O filme favorito, o time do coração.”
Humberto Gesinger / Paolo Casarim

As pessoas nos miravam e ficavam imediatamente hipnotizadas com aquele espetáculo da natureza. Era uma quarta-feira. Ou seria segunda-feira? Aquele show improvisado, enfeitando o ambiente lá fora, muito som, ruídos entranhados de suspiros, tudo se transformava num caminho legal inventado às pressas.

Ao mesmo tempo o casamento do casal pequeno se realizava no porão. Sem dinheiro, o jeito era comer em pensões caseiras, o China, o Japa, o Patrício — e todos compreendiam que o que tínhamos mal dava para pagar o almoço, que vinha com um copo de refresco e um pedaço de goiabada com queijo minas como sobremesa.

A chuva caía fartamente pela vidraça. Na rua a água imitava veios que se mexiam loucamente em várias direções, fazendo pequenos rios desenhados assimetricamente descerem pelo meio-fio numa incontrolável carreira. A esquadria da janela, feita nos moldes antigos, de madeira, estava praticamente encharcada e da pintura saíam pequenos filetes verdes de musgo.

Da janela do apartamento de fundos do hotel (exigência de Aníbal), dava para ver toda a rua lá embaixo. Era uma ladeira velha conhecida, bem que ele se lembrava, porque incontáveis foram os dias que ali percorrera na infância e na juventude. Descia íngreme e tornava-se perigosamente escorregadia nos dias chuvosos pelo limo que acumulava. Intercalada por escadarias de largos degraus, feita em pedra de cantaria, decerto já carregando alguns centenários de anos.

Aos primeiros sinais de chuva a ladeira ficava gosmenta, perigosa, intransitável, capaz mesmo de provocar sério acidente a quem não conhecia seus segredos. As pedras lisas viravam sabão literalmente e os tombos, quando não eram graves, provocavam cenas ridículas de cinema mudo.

Para descer a rua sem se acidentar o pedestre tinha que se esgueirar pelas calçadas bem rentes às paredes, coladinho ou então saltar de pedra em pedra, pisando nas partes sem limo, menos atingidas pela água.

Naquele momento, a correnteza formada mais parecia cena de cascata — Sete Quedas, Paulo Afonso ou Niagara em miniatura — tal a velocidade e as quedas de água provocadas pelos altos degraus. Se não fosse realmente perigoso, era bonito de se ver...

Aníbal lembrou-se que passava ali, mas com que destino? Com que finalidade? Não encontrou de imediato a resposta. Mais parecia-lhe desses passeios sem destino que adolescentes costumam fazer por locais onde alguma aventura pode acontecer. Mãos nos bolsos, bolas de gude, atiradeira, livros escolares carregados por obrigação com desdém. Sim, essas figuras pareciam-lhe possíveis, mais próximas da realidade.

A rua ia dar lá pelas bandas da Praia Grande, que na verdade era uma enseada formada pelo areião onde o rio fazia uma curva. Lá havia certamente o comércio primário atacadista de gêneros alimentícios, verduras e frutas. Pescadores também desaguavam ali produtos e estórias do mar. Mais adiante tinha um velho cais de pedra onde atracavam os barcos trazendo gente e produtos do interior mais distante: cachaça, farinha, juçara, milho, mandioca, arroz.

A paisagem era aquela, a mais bonita e típica daqueles lugares: barcos com velames enroladas, enfileirados lado a lado, práticos ajustando serviços e derrotas, marinheiros recuperando velas costurando aqui e ali, calafates tapando as frestas que as ondas do mar abrem com seu martelo de água a bater constante e indefinidamente.

Os pintores de ocasião improvisavam uma demão extra e escreviam caprichosamente, com rudimentar arte, as letras do nome de batismo da embarcação: ESTRELA DO MAR, FLOR DE ROSARIO, REI DE RIBAMAR, FILHO DE SÃO PEDRO. À vista dos mestres, os ajudantes atiravam baldes de água em toda a cobertura do saveiro, para que a madeira não ressecasse sob o calor do sol a pino do meio-dia. Ali mesmo alguns marinheiros desocupados fumavam cachimbo à espera da próxima aventura.

Aníbal reviu através da vidraça embaçada pelas lágrimas do tempo esse mesmo menino andando por ali, descendo as ruas assoviando uma canção qualquer, as mãos roçando nas paredes enverdecidas de limo, caminhando despreocupado da vida. Parava num canto qualquer, para, de longe, olhar todo esse quadro de estivadores movimentando-se com a sacaria de arroz, paneiros de farinha de água nas costas suadas, soltando gritos e palavrões, cantando quadrinhas imorais e picarescas. Parecia um quadro de Portinari.

Lembrou-se à continuação que esse garoto presenciara uma ou várias brigas entre esses homens de natureza forte, de braços e músculos acostumados ao peso de sessenta quilos que cada saca de arroz representava. E de repente entre os valentões surgia uma faca peixeira riscando o chão a soltar faíscas no seu caminho. Agora a memória fugidia misturava fatos e fantasias, não se lembrava dos detalhes. Forçava a cabeça para reconstituir aquelas cenas de sangue. Pareceu que algum dos contendores fora esfaqueado e logo uma multidão de gente surgiu para separá-los.

A polícia habitualmente mantinha-se à distância, não costumava freqüentar aquele reduto peculiar, deixando-o com suas próprias leis de natureza perigosa. Mas foi chamada e como sempre acontece teve que intervir com violência levando-os, agora vítima e agressor, presos para o distrito. Geralmente um era hospitalizado e o outro, já de sangue frio, solto sob fiança.

A roda que assistia a luta se desfazia, não antes de iniciarem-se novas discussões sobre quem tinha ou não razão, quem foi mais valente e honrado. Desta vez entre os torcedores de um lado e outro, poderia acontecer novo e sangrento confronto. Prevalecia, porém, o bom senso — a polícia não costumava ser generosa ao enfrentar dois problemas idênticos e no mesmo local. Acreditava-se desafiada, desobedecida, com todo o direito, pois, de agir mais violentamente ainda.

Aníbal não conseguiu ver mais nada. Provavelmente misturava essa com outras brigas e tudo se confundia na sua lembrança. O menino deve ter se afastado daquele local, mas tais brigas e vinganças eram vistas como coisa comum entre aquela gente bruta, desacostumada de finuras e gentilezas. Pessoal rude que mesmo o tom de

brincadeira era enfurecido e grosseiro. Nunca se sabia quando eles estavam brincando ou brigando. Muitos lutavam entre si apenas para exercitar os músculos, mostrar agilidade e destreza, por isso muitas vezes o que começara como divertimento desembocava em briga feia.

Animava-se Aníbal nesse exercício de memória e lembrou-se que de fato muitas vezes freqüentou aquele lugar. Andou por ali perdido em pensamentos, pensamentos que agora não lhe vinham à cabeça, coisas que faziam parte de um passado definitivamente esquecido, mas que estavam gravadas na sua mente.

Nessa confusão, acontecidos surgiam através da chuva: Aníbal se lembrava vagamente de uma igreja velhíssima, quase em ruínas, da qual as águas do rio vinham beijar os degraus todas as manhãs na preamar. Mas era uma lembrança apenas, sem qualquer indício de veracidade. Talvez devêssemos julgar que essa proximidade física com o passado era responsável por levar Aníbal a lembrar vivamente de tudo aquilo, transformando em realidade o que era apenas sonho e — porque não — o sonho em realidade.

Ele procurava inutilmente varar com o olhar a torrente de água que eram aquelas chuvas parecidas, mas bem piores, com as chuvas de verão no Rio de Janeiro, tentando encontrar lá adiante o velho porto com seus barcos à vela atracados, saveiros, lanchas, pesqueiros, pois tinha certeza que seus passos levavam-no até lá nas caminhadas da infância. Mas via somente telhados, sombras, vultos de casarões.

O rio defronte continuava raivoso, apressado como o menino que fugia do castigo da escola para não ser visto. As águas desciam fazendo marolas, o tempo aborrecido sob o cobertor chuvoso, abraçando, com ruído que mais pareciam urros, as ilhotas que as barrancas montavam atravessadas no seu caminho. Mas Aníbal ainda não conseguia ver nada além dos telhados antigos e lodosos.

Depois foi matar a curiosidade e soube pelo pessoal do hotel que aquela parte que procurava localizar fora toda aterrada. O velho cais ainda existia, isto é, havia se transformado em atracadouro com pequena estação coberta e recebia lanchas que

faziam a travessia do rio com passageiros e carga para o outro lado da cidade. O demais fora derrubado pelo progresso...

Aníbal deixou de lado a janela e as recordações no quarto. Criou coragem, desceu e caminhou para a parte da frente do hotel de onde viu poucas pessoas se movimentando nas ruas. Apenas um ou outro teimoso ousava enfrentar a chuva forte, pois nem os guarda-chuvas resistiam à água e ao vento nem as capas impermeáveis evitavam que se molhassem. Alguns, por serem excêntricos ou pobres, passavam sem usar qualquer proteção contra a chuva e pareciam caminhar tranqüilos, sem medo de pegar doença, vestidos com a roupa encharcada, cabelos desgrenhados pingando goteiras caindo sobre a testa.

Decerto, tratava-se de gente acostumada a encarar com naturalidade aqueles contratempos. Gente que não provocava briga com a natureza e aceitava o que dela vem com conhecimento e passiva humildade. As pessoas que nasceram ali não conhecem outro modo de sobreviver senão esse cotidiano, para o qual a natureza não poupa um minuto da existência. Era assim fatalmente e ponto final.

Volta e meia passavam grupos de desabrigados carregando em carretas improvisadas as trouxas de roupas, móveis, pequenos objetos. Sobras e salvados, enfim, do que as águas destruíram. Esses não mais se preocupavam com a água que caía de cima, mas olhavam temerosos para o rio que estava ali a seus pés, com suas torrentes barrentas arrastando tudo à sua frente. O perigo estava nas correntezas traiçoeiras.

O corpo literalmente encharcado, os olhos marejados de lágrimas e de chuva, a mão sobreposta na boca para reter as rezas, pragas, bênçãos, maldições. Aníbal pensou que a seca e a enchente afinal acabam pintando o mesmo quadro.

Mas um tempo adiante os sinos da Matriz começaram a bater lentas e chorosas badaladas, música que Aníbal já havia esquecido, dolente, piedosos. A torre da igreja deixava o sino exposto ao tempo e assim molhado emitia um som rachado e opaco. Aníbal imaginou os fiéis caminhando contritos para a confissão para, depois de cumprir a penitência, assistir a missa matinal e receber na boca o corpo de Deus, a hóstia

sagrada. Fariam o mesmo itinerário sob a chuva intensa? Pensava ouvir, mesmo de longe, violinos acompanhando cantos litúrgicos.

Na verdade poucas vezes Aníbal freqüentou aquela igreja porque era distante de onde morava (no centro da cidade) e não fazia muitas festas, festas alegres, como as outras igrejas dos bairros mais pobres e cidades afastadas: São Judas Tadeu, Santa Terezinha do Menino Jesus, Nossa Senhora do Espinho, que deu nome à cidade e agora vivia abandonada quase em ruínas, tombada pelo Patrimônio Histórico.

Quando o garçom tirou a xícara vazia da sua frente Aníbal já acostumara com o ruído da chuva que vinha abafado lá de fora. Reconhecia o silêncio das ruas sem o barulho excessivo do escapamento e das buzinas, sem as pessoas caminhando para lá e para cá.

O dia não clareou nem dava mostras disso, antes se transformara numa eterna madrugada. Aníbal chegara ali lá pelas cinco da manhã e até agora não sentira o calorzinho do sol — a não ser um fiozinho de luz que atravessou as brumas nas pouquíssimas vezes que varara o horizonte na vinda do aeroporto. Depois foi como se o dia tivesse desistido de aparecer e voltado para o calor do leito, a fim de continuar a sesta ao embalo hipnótico do som das gotas no telhado.

Além de se enfeitiçar com as lembranças das ladeiras, dos mercados, das igrejas, de ver o povo tipicamente madrugador, Aníbal distinguia as casas bem mais distantes, ajuntadas no bairro do Castelo, num morrote mais elevado. Era o outro lado da cidade no qual se chegava, nos dias normais, atravessando uma ponte de concreto e piso de madeira que não tinha mais de vinte metros de comprido.

Antigamente poucas pessoas moravam ali, só mesmo os mais antigos, pois dizia-se que naquele local é que nascera a Nossa Senhora do Espinho. O arraial foi crescendo, crescendo até atravessar o rio. Hoje nada mudou. O lado mais novo continuava a mostrar-se mais favorecido ao comércio e foi lá que, no passado, os viajantes se acostumaram a dar uma paradinha para abastecimento, compara e venda, uma bebidinha, um pernoite.

Assim, como costuma acontecer nesses casos, a parte velha da cidade perdeu a vida própria, ficou abandonada aos moradores mais antigos, destinada a guardar relíquias para a posteridade.

Entre aqueles casarões tradicionais ficava a casa da família de Ismênia, que Aníbal queria visitar a qualquer custo. Mas jeito não via como chegar lá, como cumprir um dos propósitos mais secretos desse retorno aos locais de infância.

Apesar da boa vontade e do otimismo do amigo Mário, a chuva continuava a cair, ora furiosa ora impertinente, na sua invariável intermitência e segundo os especialistas locais não ia parar tão cedo.

Era assunto do momento, ninguém iniciava conversa sem comentar as chuvas e noticiar algum fato novo, algum desastre, as providências que estavam sendo tomadas, notícias de gente desaparecida, isolada pelos interiores...

O que desanimava mais Aníbal de alcançar o seu objetivo era essa impassividade obrigatória. Mário, apesar de não confessar, concordava com a opinião daqueles que diziam que aquilo era chuva para um mês no mínimo e entristecia-se pelo amigo.

Capítulo 10
Sob o luar em Mangue-Seco

> “Chamo a ti e não me respondes
> estou em pé
> mas apenas olhas para mim.
> Tu foste cruel comigo.
> Com a força da tua mão
> tu me combates.
> Levantas-me sobre o vento
> e me fazes cavalgá-lo,
> dissolves-me
> no estrondo da tempestade.”
> (Livro de Jó)

A vila de pescadores foi batizada com esse nome não porque fosse tirado de algum romance, mas porque as areias finas da praia que eram trazidas pelas ventanias constantes e penteavam as folhas das palmeiras todas numa só direção como que formando uma cabeleira estilo afro, avançavam decidida e letalmente sobre o manguezal, sufocando, matando e enterrando as raízes elevadas e os pés de mangue, transformando os galhos mortos e ressequidos num amontoado de bichos pré-históricos que nem mesmo a imaginação fértil de um escultor poderia criar.

Era noite e as estrelas se amontoavam ordenadamente no céu servindo, como antigamente, de guia aos navegantes. O motor da velha picape Ford-100 resmungou como um cachorro sem dono avançando o mais célere que podia pelas ruas escuras e desertas da vila. O carburador soluçava chorando, o cano de descarga tossia como um asmático, o motor de tanto fazer força por anos seguidos gania um gemido sofrido.

Aos bons olhos e ouvidos, porém, todos os ruídos que o veículo emitia era como se fosse música que palpitava uma cadência diferente, como se fosse um velho e meigo coração se despedindo emocionado da paisagem. O sol adormecia, a viração transformava as riscas finíssimas que ainda mordiam o ocaso, naquilo que restava do fulgor, numa leve ardência de sangue que se fundia com o horizonte sabe-se lá em quais lonjuras.

Aníbal inventava aquela correria porque um dia já freqüentou as pistas de corridas de stock-car, mas hoje fazia imitação de quem finge ter pressa, quem pensa que vai a algum lugar, obrigando a picape saltitar como peixes contra a corredeira do rio,

levantando da piçarra nua que encobria as ruas uma poeira esbranquiçada, emaranhada e confundida com a vasa que vinha da praia, transformado-se numa essência que rasgava todo o manguezal e se entranhava na noite, na pele, nas almas, nas pessoas.

Ligou o rádio do carro em alto volume, esperando sufocar com a música aqueles sons que se confundiam com seus próprios ruídos corporais: era Aníbal mesmo uma coisa qualquer, uma caixa de sons ambulante e inquieta, cheia de sensações, pancadas, dores, gemidos. O locutor anunciou Derrick Harriott interpretando com sua voz exultante a reciclada "BE TRUE", um reggae da década dos '60 tão antigo como a dor de deixar para sempre alguém que se ama.

A nuca dele, seja pela emoção ou pela tensão que o momento causava, doeu uma dor funda, o braço esquerdo acusou um adormecimento repentino, o peito espremeu o coração como um tirador de sucos, aflorando as mais estranhas memórias de infartos, taquicardias, palpitações, morte, que – achava – nem mesmo toda uma medicação prescrita pelo cardiologista e seguida à risca o poderia salvar. Era mais um infarto sentimental que cardíaco.

As luzes do Aeroporto surgiram enfim salvadoras, capazes de evitar o colapso, como estrelas protetoras aparecem na escuridão do mar exclusivo dos pescadores e podem afinal alavancar e sinalizar com seu farol as asas brilhantes do avião que alçando a amplidão neutralizariam tudo quanto fosse comoção.

A vila dos pescadores
Mangue-Seco
não tinha esse nome não
Mangue-Seco
foi um carinho arrancado
Mangue-Seco
debaixo de muita emoção
Mangue-Seco
se fosse um lugar de verdade
Mangue-Seco
seria uma mansão de silêncios

Mangue-Seco
fetichismo de uma localização
Mangue-Seco

Depois de um banho na cacimba de águas frescas sob o jorro de caía de uma cuia e à luz das estrelas, Ismênia enrolou o corpo numa canga de estilo rasta e seguiu para casa. Andando na escuridão, porém, deu um passo em falso, o suficiente para o pé resvalar nos degraus do destino. E ocasionalmente, como numa magia do destino, aparecer algum homem desconhecido para massagear o pé e ouvir histórias bem sucedidas e felizes e em trocar frases de efeito, ilusórias, das muitas que guardou dos ensinamentos de mestres orientais.

O herói que apareceu era Aníbal com seu silêncio devastador, o resto era teatro de camelô, música de cantor de bolero que finge apaixonamento repentino.

Frases que serpenteavam o pensamento caminhando para buscar respostas, como um farol guia na noite escura do oceano todos os marinheiros. Quem falava e quem ouvia certamente sabia que aquele amontoado de frases só tinha algum valimento para quem precisava, para aquele que, ao ouvi-las, ensimesmava-se todo, calava-se até mesmo para os ruídos exteriores, silenciava o inevitável coral formado pelo som da gritaria das pessoas que bebiam e dançavam, para poder gravá-las nalgum canto no coração da mente. Só assim funcionavam como frases, senão se transformavam em galhofa de falso mago.

Depois o frio da noite cruzou as roupas leves de Ismênia arrepiando todo o corpo, Aníbal teve um jeito muito feminino de acolher o pé debaixo da camisa de malha e aquecê-lo junto ao peito. O pé criou vida, se mostrou agradecido, acariciou o tórax, o mamilo direito, deixando os pelos do corpo e todas as coisas mais eriçadas.

Uma luz brilhou mais que todas e se debruçou sobre aquela parelha nova que o acaso tinha acabado de formar. Tudo então mudou, tudo então virou uma brincadeira, tudo então se transformou numa irmandade cuja união alegre logo se travestiu em tempero de amor com cheiro-de-peixe assado na brasa.

Na noite escura outra vez o farol girava continuamente a sua luz salva-vidas iluminando num flash as pessoas que se divertiam e rasgavam as latas de cervejas, brindavam com as taças de vinho, focavam o grito cadenciado e envolvente dos regueiros. As mulheres deslumbravam amostrando com destaque o jeito saliente dos passos, as cinturas, os seios, os quadris remexendo, como peças independentes, na cadência dos ritmos tirados dos atabaques, um misto entre a dança-do-ventre e o tambor-de-crioula.

Num átimo o cabelo dela avoou na noite e Ismênia sumiu tão rápido como se fosse uma estrela cadente. Nem era mais Ismênia que estava ali sentada na cadeira ao lado, nem o seu pé precisava mais do calor do peito dele, nem sua fala macia narrava as necessidades espirituais, nem precisava Ismênia mais de ouvir as histórias fantásticas como as das mil e uma noites, nem mais o seu riso valente e libertário ecoou numa gargalhada vistosa.

Ela não estava mais ali, ficou somente o cheiro do corpo todo, ardido como pimenta, sufocante como o cheiro de amêndoa doce.

Capítulo 11
O tremor da águia

“É complicado estar só
Quem está sozinho que o diga
Quando a tristeza é sempre o ponto de partida
Quando tudo é solidão
É preciso acreditar num novo dia.”
Renato Russo

Aníbal sentou-se na poltrona gozando de um conforto que há muito não desfrutava. Girou a saída de ar em sua direção e teceu loas à tecnologia da aeronáutica pela pureza e frescor do sopro encanado que se chocou como uma carícia com seu rosto.

Como uma flecha, varando névoas em vez de galhos, o avião fugia para o alto em diagonal afastando-se cada vez mais das densas camadas de nuvens que envolviam a pequenina Espinho.

Novamente ele agradeceu em respeitoso silêncio a Santos Dumont por ter dado o passo inicial para que o homem pudesse fugir de tudo e de todos com a mortal rapidez que até então somente Deus – com seu chamamento à eternidade – e o Diabo – com o arsenal de armas de extermínio que fez seus parceiros inventar – tinham a liberdade de utilizar...

A pressão da arremetida jogou o corpo de Aníbal para trás, empurrando-o com força, mas de maneira agradável (diria até: carinhosa), contra a maciez do estofado da cadeira. Se recostasse a cabeça e fechasse os olhos adormeceria de imediato, mas não quis.

Daqui a pouco a tripulação começaria a se movimentar, o avião seria nivelado e Aníbal pensava em pedir que servissem alguma bebida fina – uísque, por exemplo – para que, saboreando cada gole com máximo prazer, pudesse iniciar o processo de desintoxicação daquilo tudo que tinha em mente, do acontecido nas últimas 24 horas – verdadeira eternidade em tão curto espaço de tempo. Achava-se merecedor de toda consideração.

A umidade das nuvens que teimavam em cercá-los fazia a aeronave cintilar e embaçava as janelas impedindo qualquer visibilidade. Lá embaixo, certamente já distanciada alguns quilômetros, a ex-vila de Nossa Senhora do Espinho voltava ao tamanho real da importância que tinha.

Aníbal imaginou – só imaginou – a cidadezinha se afastando, se afastando, até ficar pequenina como um grão de areia perdido na imensidão do deserto (a imagem era velhíssima e banal, mas justificava-se plenamente), para finalmente de todo desaparecer.

Mas ele só teve essa imagem mentalmente, na cabeça, porque mesmo distante das vistas o povoado continuava a vida embebida em água, respirando pelas frestas com avareza o oxigênio necessário à sobrevivência de seus filhos. Os moradores, as gentes infelizes, os pobres e ricos, apareciam na imagem flutuando numa bolha como astronautas em gravidade zero, girando, circulando, enrodilhados em posição fetal de maneira tão ridícula que mais pareciam gotas de ar numa compota de goiaba.

O avião tremia um pouco enquanto forçava passagem mais para o alto, uma trepidação contínua, que imitava a que faziam os carros nas estradas de piçarra cavoucadas de pequenas valetas, rastro deixado pelas chuvas rápidas e violentas.

Quando criança, Aníbal muitas vezes caminhou por essas vias e na adolescência lembrava-se da trepidação que geralmente provocava crises de riso em todas as crianças, porque o corpo todo tremia, vibrava, sacudindo a barriga, os intestinos, as bochechas.

Escolhiam então uma letra ou sílaba ao acaso e ficavam criando sons: A-A-A-A! AH-AH-AH! É-É-É-! GA-GA-GA! I-I-I-! OH-OH-OH-! Ú-Ú-Ú-!BA-BA-BA! Até totalizar todas as variantes inimagináveis de sons tremidos e cansarem daquela brincadeira.

Aníbal agora divertia-se em repetir o gesto e mentalmente reproduzia os sons da infância.

E ria, intimamente ria vastas gargalhadas com a brincadeira, alegrava-se com o que restou de todas as recordações, esses pedaços de um tempo que jamais se soltam da

gente, encarrapitados como vampiros na nossa alma para sugar até o último suspiro de lembrança.

Algumas coisas começariam a se apagar transformando-se em sonho ou pesadelo, conforme o caso. As imagens se tornariam difusas, os sons, as palavras, soariam como se viessem de um mundo distante e irreal. As pessoas e figuras que não viu continuariam mortas, enterradas naquele cantinho espaçoso como um cemitério sem-fim.

Fechava os olhos, dormitava, despertava sonolento, voltava a cochilar, estava sonado, mas a cabeça fervia com os últimos acontecimentos, as pálpebras pesavam toneladas, sua mente fabricava uma série inesgotável de cenas como um filme inacabado, sem começo nem fim.

Ouvia o som do piano que saía de uma janela na Praça da Alegria, louvava a bendita invenção do pé de fícus pela sombra perene que dava enfrentando secas e chuvas – e com isso trazia momentos alegres para as pessoas e pássaros. Ouvia a música celestial de um coro protestante que se confundia com o coral da igreja acompanhado de violinos.

Imerso nesses pensamentos, Aníbal se viu despertado de repente, pelo fortíssimo clarão que o atingiu violentamente como um relâmpago eterno. Como uma claridade universal criada repentinamente, surgida do nada, o sol eterno empastelou toda a aeronave fazendo-a cintilar como um cometa cujo núcleo fosse de brilhante, diamante ou qualquer pedra preciosa possuída de reflexos tão fantásticos que possam ultrapassar facilmente as barreiras da imaginação.

Uma estranha e esquisita música todo o ambiente invade: pelo teto, pelas frestas das venezianas, pelas janelas cerradas, todas as casas, todas as mentes, incontrolável colorismo sonoro. As coberturas metálicas de zinco, que costumam cobrir galinheiros, currais, depósitos, galpões vários, inventam novas torturas cor de sangue, provocadas pela violenta arremetida das gotas de água sobre suas costas onduladas.

Serão essas nuvens e esse violento temporal os cabelos escorridos e castanhos de Ismênia? Aonde transitarão de volta para mim os olhos verdes de Ismênia?

Capítulo 12
As rugas da Gioconda

“a água vem do céu.
umidade de ti.
ondas em tuas mãos.
matéria em meus olhos.
calma, violência de ser.
de um, que são dois,
sem querer fechar-se em si mesmo.
planta – lago – ave
rosa-dos-ventos, rio de sangue
armas, sol canta beijos. ruína.
lágrimas irmãs, rara compreensão.”
(Diário de Frida Kahlo)

O guarda-chuva que usou ao descer do carro não impediu que molhasse os pés e a barra do vestido. O motorista, que subira a calçada para diminuir a agressão das águas, voltou ao carro e partiu apressadamente, como fugindo daquela enxurrada que não parava nunca e ameaçava levar tudo. A mulher sequer considerou aquela atitude, reagiu com indiferença e dirigiu-se ao balcão do hotel. Era alta, de pele alva e cabelos negros, um tipo pouco comum por aquelas bandas tropicais. Quando falava os lábios se moviam em ondulações, moles e macios como se feitos de argamassa plástica, geléia.

Aníbal inquietou-se na poltrona do hall, interrompendo automaticamente a leitura do jornal. Impossibilitado pelas circunstâncias de evitar, ficou observando de longe aquele diálogo cheio de gestos, notando certo ar de aborrecimento que a mulher transmitia com seu porte autoritário.

Depois de muita discussão mostrou-se enfim resignada e dirigiu-se ao lugar onde Aníbal estava, como se dispusesse a enfrentar uma longa espera. Sentou-se na poltrona ao lado sem ligar a mínima para aquela fauna estranha que constituíam os hóspedes de hotel.

Acendeu um cigarro e ficou a olhar a chuva, sem se importar com aquela intensidade irregular, ora parecendo verdadeiro dilúvio tal o volume de água que caía de uma só vez, ora se transformando num chuvisco, como se aquele tempo e ela fossem velhos amigos. Cruzava e descruzava as pernas, agitava os pés, o cigarro fazia constantes

viagens de ida e volta à boca e ao cinzeiro, até finalmente ser amassado e apagado, os dedos imprensando fortemente o filtro contra a brasa.

Como se chateasse com aquela visão monótona formada pela chuva no vidro molhado, mais o céu cinzento lá fora, as águas correndo pelas ruas, os poucos pedestres encharcados que insistiam em conviver com a tempestade e o vento, deu uma olhada em volta e finalmente notou a presença de Aníbal. Olhou-o demoradamente e numa fração de segundos o rosto deu sinais de mudar aquela expressão preocupada, arregalou os olhos e, como se por fim tivesse resolvido um problema, disse de repente, para espanto de Aníbal:

– Então, você hem? Quanto tempo! Quanto tempo, meu Deus! Há quanto tempo não te via! Não te conheci logo, mas a tua cara é a mesmíssima do teu tempo de garoto.

E dirigiu-se a um Aníbal estupefato, que sem saber o que fazer levantou-se e respondeu ao cumprimento da melhor maneira possível apertando-lhe as mãos demoradamente. Sentaram-se mais próximos.

– Pois é, disse ele ainda com a lembrança completamente enfumaçada, mais de vinte anos. Mais de vinte anos que não vinha por aqui...

– Deixa ver, não diz nada, deixa que lembre daquele rapazinho que esperava a aula acabar e tu me seguias quando saía da escola acompanhada da empregada que ia me buscar. Seguias do outro lado da calçada, atirando olhares furtivos e insistentes, sorrindo como um bobo apaixonado. Me acompanhavas até entrarmos em casa e ficavas ali em frente em pé, com as mãos nos bolsos, tendo como companhia um poste, esperando que eu fosse à janela para um último adeus. E, corado de amor e emoção, pegavas o primeiro bonde que passava e ainda encontravas tempo para de lá mandar um aceno, um adeus.

– Aquele rapazinho que ainda teve a coragem de ir lá em casa a pretexto de beber um copo de água e, um dia, me procurar, falar com a minha mãe só pra me ver bem de perto, ameaçando uma declaração de amor! Que susto! Lembro sim, como fosse

hoje. Mas não te espantes, é que minha memória é excelente, como pudeste notar – e depois nunca mais te vi. Quanto tempo dizes que passou? Vinte anos, mais de vinte anos?... E agora estás aqui de novo... Por quanto tempo?

– Pouco tempo, férias curtas...

Enquanto ela falava a cabeça de Aníbal reconstruía peça por peça aquele puzzle de um passado que ele propositadamente afastara do seu viver cotidiano. Sim era ela. Sem tranças e sem aquele ar moleque de garota que sabia o que estava ocorrendo com o coração selvagem daquele menino. Mas com o mesmo jeito de olhar, com a mesma boca ondulosa e lábios provavelmente macios, imitando ondas do mar na fala pausada. Ela era, ela sim.

E quando um dia se perguntou quando o amor pela primeira vez tinha aportado em sua vida, quando sentiu que aquele sentimento mágico o tinha acordado para ver inteira a mulher como o outro lado da existência, o ente que – segundo entendia – fazia parte da humanidade em oposição ao homem, quando sua cabeça finalmente fez a primordial distinção e viu que as pessoas não eram todas iguais, encontrou a resposta na menina que saía da escola uniformizada de azul e branco, cores mágicas, cores indeléveis para todo o sempre. E tinha um bonde na história.

Depois, como ela bem disse, veio o tempo de partir e os dias, os meses, os anos se multiplicaram e cresceram a tal ponto que não mais permitiam nenhum controle sobre eles. As vidas se desencontraram e hoje, engraçado, hoje tudo mais parece um conto de fadas, filme dos anos dourados. E agora estavam os dois ali, cara a cara, numa situação irreal. Sim, era ela, sim, ela que foi o primeiro sinal de amor quando nem mesmo ele sabia o que aquilo significava. Amor que durou uma faísca elétrica, uma fração incontável de tempo, demorou até que a geleira incontrolável dos dias cobriu com seu manto friíssimo a vida dele.

– Sim, era eu mesmo aquele menino, disse Aníbal recuperando um pouco a tranqüilidade. Mas fico surpreso com a sua memória.

– Não falei que era boa? Disse isso e deu um riso, quase gargalhada, que veio alegrar o ambiente. Mas você, além de esquecido continua o mesmo tímido daqueles tempos, o que é de admirar...

Ela, Gardênia (o nome finalmente aflorou na cabeça de Aníbal, após muitas associações porque sabia ser nome de flor o que o deixou matutando: margarida, violeta, gardênia, rosa), agora abria bem a boca e entre as falas ria um riso franco. Havia perdido aquela tensão inicial e a preocupação não mais franzia o seu cenho. Tinha ainda muito da beleza que Aníbal conheceu na flor dos 13 ou 15 anos, mas o tempo amadurecera a criança e a transformara numa mulher bonita.

Não se conteve e acendeu outro cigarro.

– Quando eu saía da escola dava logo uma olhada em volta para descobrir onde tu estarias escondido. Como um ladrão.

– Esperava não ser visto. Penso que era tímido em excesso e acredito que você era uma coisa que julgava inacessível. Não, talvez não, porque teria sido para mim impossível ir à sua casa e falar com sua mãe, ver você bem de pertinho como sempre desejava. Agora, pensando bem, acho que era timidez mesmo, misturada com aquela sensação que nos acompanha sempre quando a gente vê sem ser visto.

– Não precisava meu amigo, acharia o teu esconderijo de qualquer maneira. Bastava dar alguns passos para te ver sair de mansinho e começar a perseguição. Se isso não acontecesse loguinho saberia que tu não tinhas vindo. Acho que ficava triste, não sei, sentia a tua falta.

– Então você sabia daquele amor inocente. Aníbal procurava tratar do assunto sem demonstrar muita emoção, sem dar a importância que realmente teve. Sua cabeça fervia agora como fervia naqueles tempos.

– Eu sabia? Meu amigo, tu transpiravas paixão por todos os poros. Tu dizias com o olhar, com pequenos gestos como aquele de ter a coragem de ir lá em casa

sabendo que meus pais não me davam a mínima folga, de me oferecer balas, bombons. Lembras que ia e voltava da escola sempre acompanhada?

– Lembro, lembro de você acompanhada por uma menina, mucama, ou mulata, que carregava seus livros e cadernos e a acompanhava onde quer que fosse. Lembro que eu tinha medo de me denunciar para seus pais e, se não me falha a memória, ela um dia quase brigou com você por estimular aquele namoro platônico, à distância. Acho que você queria falar comigo, você finalmente ousou encontrar-se comigo, não foi? Ou será que estou ou estava fazendo fantasia? Hoje parece tudo tão distante, bem mais ficção que realidade. E, no entanto de verdade aconteceu.

Aníbal falou as últimas frases mais consigo mesmo. Caminhava sobre estradas e dava passos que o tempo se encarregou de apagar.

– Era Luanda – minha inseparável companheira – e aquilo que presenciaste era fidelidade à família, consciência de que tinha um dever a cumprir, que era me proteger.

Mas ela obedecia, era minha confidente e me aturava, aturava minhas denguices, teimosias e às vezes acho que eu era meio dura com ela, fazia-a sofrer. Vinha de uma família que sempre trabalhou para nós. Coisa antiga, assim desde os tempos dos nossos bisavós, talvez antes, desde o tempo da escravidão. Família que deu várias amas-de-leite, negras e mulatas que ficaram livres, mas permaneceram fiéis a nós. Alguns foram casando e a última descendente dessa linhagem era Luanda.

Também eles constituíam uma família e as mais velhas contavam que descendiam de uma casta imperial mina. Nunca pude confirmar, mas a verdade é que tinham certo orgulho, mantinham discreta distância de outros negros e tinham um porte altivo. Hoje Luanda não vive mais comigo, sabe? Casou, pediu licença – apenas formalmente porque era uma atitude irreversível – e viajou para o interior. Não sei mais da vida dela. Deve estar feliz...

Continuava falando de si para si e um pouco de emoção nervosa denunciou na voz tremida. Sem perceber tirou mais um cigarro do maço e acendeu, soltava baforadas longas para cima. Depois daquele primeiro já tinha fumado bastante. Aníbal tomou a

liberdade de censurá-la por isso, mas foi em vão. A uma pausa na conversa voltou a olhar para fora, se queixando que a chuva não parava nunca.

– Fui cair na besteira de dispensar o motorista e agora vai ser difícil sair daqui! Mas tu não me disseste quanto tempo vais passar no nosso pequeno recanto. Então?

– Na verdade vim para passear alguns dias, sem preocupação com retorno, para ver se ficava mais à vontade. Mas essa chuva está atrapalhando tudo, desde a hora que cheguei não dei um passo fora do hotel, está mesmo horrível. E ainda mais as notícias de desmoronamentos, mortes, pessoas desabrigadas, ameaças de mais catástrofes com a continuação das chuvas, isso tudo me deixou nervoso, desanimado, querendo desfazer programas.

– Já me sentia um inútil aqui, também sem poder fazer nada para ajudar as pessoas. Mas rever você depois de tantos anos, forçando a minha cabeça que não tem as mesmas qualidades da sua, até que me animou mais.

Vejo com muita alegria e orgulho que não estava errado em admirar aquela garota compridona na saída da escola, de ar inteligente e porte altivo. Merecia a paixão daquele molequinho desajeitado que eu era, caneludo, magro, comprido, que ganhou o apelido de "varapau" dos colegas. Você realmente continua muito bonita e com o mesmo poder, quase hipnotizador, desses olhos negros feiticeiros. E digo isso com a isenção e o respaldo desses vinte e tantos anos que passei longe daqui vendo muita mulher bonita por esse mundo afora.

Gardênia parecia cada vez mais agitada e ligou muito pouco para as observações de Aníbal. Levantou-se e se dirigiu mais uma vez à portaria do hotel. Aguardou o gerente dar um telefonema para voltar ao saguão e sentar-se mais uma vez, cigarro na mão, o hábito de bater no filtro com o polegar para a cinza cair.

– Não se preocupe com esse tempo. Dizem que por causa do desmatamento o clima da Terra está se modificando aos poucos. Antigamente aqui tínhamos somente duas estações: a das chuvas e a seca. Mas para quem estou falando? Tu bem sabes, mas agora parece que chove uns dez meses durante o ano, alguns deles – muitos deles, aliás

– dessa maneira que estás vendo e quando chega o tempo do calor registramos marca superior a 40 graus, coisa de louco. Mas fale-me de ti um pouco: o que tens feito, onde estás morando, coisas assim. Não esqueças que nossas mães eram amigas, lembras?

Aníbal se lembrava. E lembrava cada vez mais das coisas passadas. Parece que sua cabeça se abrira e liberava partes daquele espaço de tempo, fragmentos perdidos, esquecidos. Estranhamente, porém, sentia que Gardênia perguntava as coisas mais para passar as horas e não para ouvir respostas. Do mesmo modo que ele, demonstrava claramente estar consciente da irreversibilidade do passado. Ao mesmo tempo sorria mais recatadamente, sem tanto ânimo como no começo da conversa.

– Moro no Rio de Janeiro, para onde fui desde que saí daqui. Não esperava mais voltar... Trabalho numa empresa de comércio exterior e penso em aproveitar essas férias, juntar com as licenças que tenho direito e somo tudo para me aposentar. Quem sabe?

– Mas já? Tão novo? E é casado, tem filhos? Gardênia deu um tom de malícia à pergunta, mas via-se claramente que perguntava por perguntar. Na verdade não tinha interesse algum e mantinha aquele ar que aparentava estar alheia à conversa e ao ambiente.

Aníbal pensou que talvez fosse esse o seu jeito de proceder. Tem pessoas assim que parecem estar ausentes, mas surpreendem pelo raciocínio rápido e excelente memória.

– Não sou tão novo assim, minha querida. A verdade é que o tempo passa e a gente nem percebe, por isso acho que é hora de ir pensando numa aposentadoria solitária, já que não casei. Sou celibatário convicto. Sempre achei que o casamento não era para mim.

– Isso é conversa de mal amado. Não existe o “celibatário por natureza”...

– Pode ser, mas irresponsável por natureza como reconheço que sou abandonei essa idéia. Às vezes fico pensando se não será mais difícil encarar essa provável velhice

sem uma pessoa ao lado. Outras vezes corrijo esse pensamento porque vejo que mesmo acompanhado a gente pode estar sozinho. Então, é uma droga!

– Mas às vezes a gente casa e continua sozinho.

– Na verdade a gente nunca sabe o que quer, não é? Poderíamos passar toda a chuva aqui conversando, conversando e jamais chegaríamos a uma conclusão. Eu aqui pensando em aposentadoria e velhice sem mesmo saber se vou chegar vivo lá. Por quê?

Ao seu feitio, ao qual Aníbal tinha imediatamente absorvido e novamente se habituado, Gardênia ignorou a pergunta e continuou a conversa como se não a tivesse ouvido. Pilheriava sempre.

– Não casou? Bem, espero que não tenha sido por minha causa... (riu da frase que era ao mesmo tempo mentira e verdade). Não quero ser culpada da felicidade de ninguém por não ter casado comigo.

– Não, não se preocupe. Tampouco me considero um infeliz. Gosto da vida que levo, tive bastante mini-casamentos para não ser tentado a fazer experiências demoradas e oficiais. Ademais também não acredito na monogamia. Sou de opinião que o homem é um "bicho" tribal e por isso mesmo polígamo.

Gardênia, mais uma vez como se ignorasse a conversa, levantou-se e caminhou em direção à saída. Olhou para os lados, resmungou alguma coisa contra a chuva, contra a água que quase penetrava no hotel e cobria bastante o espaço das calçadas. Ficou por ali gesticulando e não mais saiu da entrada até o ver o carro chegar e subir na calçada provocando pequenas marolas que bateram na porta de vidro e molharam seus sapatos.

Entrou pela porta traseira aberta pelo motorista e só depois de estar acomodada lembrou-se de Aníbal. Arriou o vidro e estendeu a mão para fora agitando um gesto de adeus. Seus cabelos molharam um pouco e brilhavam à distância. Seu rosto parecia envelhecido, desfigurado pela água que caía aos jorros sobre o vidro da janela, mas os lábios eram os mesmos lábios carnudos da juventude e eles riam vermelhos em ondulações, molemente como uma gelatina.

Capítulo 13
Desde que o tempo é tempo

"Quando você me disse que não era nada
Daquilo que a gente sempre imaginou
Um vento frio soprou, uma janela bateu
Na noite escura da alma."
Carlos Malta / Ricardo Horn / Kleber Lúcio

Aníbal não se adaptou facilmente àquele ambiente. Seu pensamento vagava entre o Rio de Janeiro, a Copacabana de Vinícius de Moraes e a Ipanema de Tom Jobim e Jaguar. Ava Gardner e Laureen Bacall, Leila Diniz e Odette Lara. Sinatra, Bogart, o cigarro pendurado nos lábios, a fumaça azul traçando desenhos no ambiente, um copo na mão cheio de gelo e Jack Daniels ou Four Roses. Quem diria que o Tenessee e Kentuck ou mesmo Hollywood e o Rio de Janeiro estariam se metendo nas vidas dessa gente pequena. Fumar, vestir-se e ser agressivo como astros, gastar dinheiro à toa, insultar por gestos ou ações as mulheres, beber de cair, falar com a língua enrolada.

Gardênia voltou ao hotel. O motorista ficou fora do prédio, esperando pacientemente dentro do carro, displicentemente estacionado, de maneira que ficou a ocupar metade da calçada.

Ela entrou com a mesma altivez, cabeça erguida, porte ereto. Os cabelos, ainda úmidos da chuva, desta vez estavam amarrados com um lenço colorido. Ela aproveitou o tempo para trocar de roupa: agora vestia calças jeans metidas no cano alto das botas de couro e uma blusa mais esportiva. Um lenço no pescoço completava a mudança. No mais como sempre destacava-se no ambiente, continuava bonita como sempre, cabelos bem tratados, naturalmente brilhando à luz, os olhos negros circulando pelo ambiente, bem vivos, como se estivesse sempre esperta para qualquer acontecimento imprevisto. Sem a menor cerimônia chegou perto dos amigos e interrompeu a conversa animada de Aníbal e Mário:

– Aníbal! Dr. Mário! Então se conhecem?

– Amizade de infância, dona Gardênia. Coisa antiga, do tempo de menino.

– Ah, que bom... Mas que é isso Dr. Mário, nada de dona para lá dona para cá, também somos amigos, não é?

– Está bem, Gardênia, mas também nada de doutor Mário e assim ficamos combinados.

– Pois saiba que este aqui – pousou a mão sobre o ombro de Aníbal – é também um ótimo e velho amigo! Não nos víamos há muito tempo, não é Aníbal?

Aníbal se surpreendeu, gostando dessa intimidade, conseguiu responder alguma coisa e a conversa entre os três prosseguiu animada, com Gardênia volta e meia reclamando da chuva e dos estragos causados nas propriedades. Os comentários dela limitavam-se ao espaço da classe à qual pertencia. A não ser por pequenos lamentos isolados intercalados na conversa ("Ah, tenho tanta pena dessa pobre gente."), ignorava completamente o drama dos menos favorecidos. Aníbal deu sua contribuição narrando as tragédias das chuvas de verão do Rio de Janeiro, principalmente ocorridas na periferia e nos morros, onde as favelas – caoticamente ocupadas e sem infra-estrutura – facilitam os danos.

Os leitores, com muita razão, devem estar perguntando o porquê da aparição repentina de tal curiosa personagem. Pois dou uma ajuda, meto de novo a colher: quando saiu do hotel da primeira vez, Gardênia entrou no carro e deu uma direção ao motorista. Pegaram a estrada mais para o interior e menos de uma hora depois chegaram a um sitiozinho simples, igual a muitos que se encontrava ali. Era uma região de pequenas propriedades onde lavradores plantavam hortaliças e legumes para venda nas cidades próximas, inclusive Espinho.

O céu estava nublado, a terra estava úmida, mas não chovia. Naquele momento sentiu-se aliviada por sair daquele ambiente opressivo de Espinho – transformada pela natureza numa ilha de nuvens, chuvas e umidade – respirar ar puro, ver coisas e ambientes diferentes. Passou por várias plantações onde o verde das hortaliças nos canteiros enfileirados impressionava e trazia um tranqüilizador cheiro de terra regada. Gardênia agia assim todas as vezes que queria fugir do que quer que fosse: era ali que se refugiava, naquela casinha no campo, simples, limpa e arrumada.

Algumas crianças que jogavam bola no terreno de chão batido em frente, gritando e correndo de um lado para outro, interromperam a brincadeira para falar com ela e cumprimentá-la. Ouviram-se aos gritos alegres vários "Oi tia, como vai a senhora ?" e pedidos de bênção – como ainda é comum no interior – mas um segundo depois predominou a singeleza da infância. A liberdade e o espírito do futebol falaram mais alto e eles voltaram ao jogo, enquanto Gardênia se dirigia a casa.

Lá dentro, sem interromper os afazeres domésticos, Luanda – alertada pelo barulho do carro e algazarra das crianças, já esperava. Beijaram-se, abraçaram-se com intimidade e emoção de duas velhas amigas que não se viam há muito tempo. Luanda sabia que a protegida de infância só vinha ali quando precisava dela. Precisar no sentido sentimental, amoroso até, quando imprescindível e amorosa é a amizade que une duas pessoas.

O que Gardênia ia fazer ali era recarregar-se na vitalidade da amiga, fugir da opressão do marido e dos negócios de família, recuperar a coragem para continuar, buscar forças para seguir ela mesmo sobrevivendo. Outras pessoas recorreriam ao psicanalista, aos medicamentos antidepressivos, Gardênia mesmo a eles também apelava e na fase mais aguda da juventude, quando o choque com a tradição se tornou inevitável, ela enveredou pelo caminho da maconha e do brilho da cocaína. Eram momentos desesperados que indicavam os caminhos intransitáveis, ainda mais quando considerava que nada nem ninguém poderia confortá-la. Mas ali, naquele lugar simples que a grande amiga de todas as horas escolheu para viver – sitiozinho que Gardênia havia dado como presente de casamento – ali ela encontrava o alívio que ninguém nem droga nenhuma poderia oferecer.

Vinha, sentava-se na cadeira de madeira crua, conversava com Luanda e com as crianças, tomava cafezinho, fumava vários cigarros. Via a amiga, circulava em volta dela como uma abelha para tirar polens da flor e depois, recuperada parcialmente, voltava à colméia, lamentando a fatalidade de não poder ficar mais tempo e para sempre.

Luanda, submissa mas como sempre orgulhosa, aceitava aquilo como uma deferência vinda daquela que considerava irmã legítima com muito carinho. Tratavam-se

assim, chamando uma à outra de maninha. E ela mesma retribuía aproveitando para matar saudades dos dias felizes, que muitos anos atrás, dividiram sua própria vida em duas metades – uma, a maior, dedicada totalmente a Ismênia; outra, somente o restinho, sobra de outra banda, emprestada aos sonhos de viver a própria vida, cortar o deprimente elo herdado da família, que vinha se arrastando pelos anos e que o próprio tempo se encarregara de enterrar.

Agora era Luanda quem pegava sua amada nos braços. Deitava-a no sofá e começava uma série de carícias massageando-a suavemente. Sabia onde exatamente tocar, onde pressionar as pontas dos dedos, onde arrastar toda a palma da mão com vigor até conseguir, com esses gestos conjugados, tornar Gardênia totalmente submissa. Foi assim que sempre conseguiu dominar os ataques de ódio que perturbavam sua irmãzinha desde a adolescência. Luanda sabia que Gardênia não era uma pessoa normal, ao contrário, era muito especial. Por isso dividia alegrias e sofrimentos, esperanças e temores, descobertas e frustrações, tudo, dividia tudo com ela e com isso carregava consigo também uma metade da vida dela.

Foi agindo assim que conseguiu finalmente a liberdade ansiada, melhor ainda: ganhou-a com a ajuda daquela irmã que a natureza não deu. Esperava conseguir, sim, de qualquer maneira, mas entristecia só de saber que teria de sacrificar o amor e a amizade com Ismênia, coisa que parecia impossível de evitar.

Quando chegou o dia de contar tudo a ela, Luanda encheu-se de coragem e alegria. Escondeu num cantinho qualquer o dissabor e a tristeza em deixar aquela casa que era seu lar, deixar os parentes adotivos, principalmente por ferir Ismênia. Não foi preciso. Gardênia chorou, sim, abraçou-a com o sentimento apropriado de quem perde uma irmã, mas jamais disse um não, em nenhum momento ofereceu resistência à idéia – antes, aprovava tudinho com sorrisos, acenos e muitos "sim", "sim". Nunca seus olhos serviram para acusar a irmã negra de alguma coisa a não ser a sincera dor da separação.

Afastaram-se uma da outra amadas, amantes, amicíssimas, mais irmãs que nunca. Luanda teve sua independência, casou com quem queria e amava, teve altivez bastante para aceitar o presente de casamento da maninha de cabeça erguida. Gardênia ficou com

a solidão e as ameaças constantes de casamentos arranjados. Não pôde evitar um e outro...

E era ali que Luanda se habituou a receber Gardênia quando sentia que ela carecia de alguém. Melhor: necessitava dela, só dela, da irmãzinha, da maninha. Ela também tinha seus dias de solidão. Mas eram poucos e nem era aquela solidão violenta que existia em Gardênia. O marido saía para o trabalho e nem sempre sua vida caminhava bem. Não podia evitar o pensamento voltar atrás e por isso também Luanda se alegrava com a presença de Gardênia.

Inevitavelmente uma precisava da outra, mas sabiam que se tinham quando quisessem.

Antes de Gardênia partir de volta a Espinho, as duas sentaram-se lado a lado no único sofá da sala e voltaram a trocar palavras de carinho. Como sempre e por sua própria natureza, mais Luanda cedia seu amor, tranqüilidade e desprendimento a Gardênia que o contrário. Porque eram assim: uma de mais dar, outra de mais carecer...

Agora Gardênia estava ali, de volta à realidade, no meio de uma conversa tentando explicar sua preocupação:

– Imaginem que querem transformar o hotel num albergue. A cidade só tem este, o problema da chuva superlotou-o e vem a prefeitura pedir vagas para desabrigados. Não, não é possível. Daqui a pouco perderemos um dos poucos lugares secos de Espinho.

– Não podem obrigá-la, naturalmente, mas há leis que podem forçá-la a ceder abrigo. – Era Mário quem dava contribuição jurídica ao caso. – Isso naturalmente em caso de calamidade, desastre, etc. Mas não acredito que a prefeitura vá exigir...

– Por que não arruma um espaço qualquer que não usa e oferece? Assim satisfaz o pedido e mostra à população um sentido humanitário.

Gardênia olhou espantada para Aníbal, pesando bem a sua idéia, com o olhar brilhando como quem encontra a solução:

– É isso! É isso! Aníbal encontrou a resposta. Tenho aqui ao lado um terreno coberto que serve de garagem, tem banheiro, divisões, lavanderia. Pode se adaptar uma cozinha...

Gardênia falava como se tivesse resolvido tudo e soube agradecer ao dono da idéia calorosamente com um beijo no rosto.

Levantou-se e correu para tomar as providências junto ao pessoal do hotel. Daqui a pouco tinha sumido lá pelas portas dos fundos, gesticulando e falando demasiadamente alto.

– Amizade de infância, hem seu Aníbal! Ou conheço muito bem o senhor ou isso tem alguns segredos que desconheço! – Era Mário quem falava ao amigo em tom zombeteiro, gozador, deixando-o visivelmente encabulado.

– Amor platônico, amor platônico. Coisa de poeta frustrado. Já foi esclarecido hoje mesmo... coisa de meninos. E duvido muito daquela história de homossexualismo. Só deixo passar porque fiquei muito tempo fora daqui... e mesmo porque a gente nunca deve por a mão no fogo por uma mulher, não é doutor Mário?

Disse e bateu fortemente com a mão na coxa do amigo:

– Que tal uma cervejinha, hem? Ou será que vai atrapalhar o seu trabalho?

Capítulo 14
Seis dias em um dia

“Ele é como a árvore
plantada às margens dos rios
cuja folhagem jamais fenece
e que, no devido tempo,
dá o seu fruto
– tudo que ele fizer
será bem sucedido.”
(Adaptado do Salmo 1)

Muitos ainda hoje julgam que o naufrágio do super transatlântico Titanic foi um desígnio de Deus contra essa Sodoma flutuante, pesando 45 mil toneladas, decorada ao estilo dos Faraós ou dos reis Luíses franceses, para gáudio e prazer de cerca de 2.000 ricaços que não tinham aonde botar dinheiro fora. Ninguém pode perdoar o causador da catástrofe que levou muitas almas prematuramente ao encontro do seu destino.

"...foi assim, das coisas que contaram, porque você bem sabe que ele jamais gostou de falar da vida que levava em família, muito menos sobre o ocorrido. Aí mesmo é que ele se cala.

"A mulher se arrumou para sair disse-lhe que ia comprar cigarros; o filho havia saído para encontrar-se com a namorada; as duas filhas foram visitar colegas de colégio para fazer trabalho escolar ou pesquisa em equipe. Pois bem, nenhum deles jamais voltou para casa. Nem mais foram vistos na cidade. Ele ficou totalmente só da noite para o dia e dizem que esse fato, somado à solidão, o enlouqueceu. Se do jeito que o conhecemos era já esquisito no meio daquela montoeira de livros e discos que vivia, imagina agora. Só é encontrado convivendo com sinfonias e blues, Beethoven e Lennon, entre óperas e lieds, Wagner e Billie Holiday, entre o selvagem nacionalismo de Villa-Lobos e Alceu Valença.

"Não parece que mudou nesse ponto: continua detestando clássicos transformados em populares, coisas assim do tipo "Classic´s in Rock" ou os famosos arranjos que misturavam orquestra e coro da série "’S ..." de Ray Coniff. Nem mesmo as avalizadas orquestrações – por exemplo "Les Sylphides" da obra de Chopin – ele agüentava, lembra? Na música popular sempre odiou e criticou a bossa-nova. Pôxa, rapaz, se ele conseguisse um dia ter nas mãos o "desafinado" João Gilberto ou o

"nasalino" (a expressão é dele) Juca Chaves, não daria mais que alguns minutos de vida para ambos!...

"Também continua escrevendo como um louco e manda trabalhos sobre história, música, poesia, folclore e política, para tudo quanto é jornal. Alguns daqui mesmo, outros de longe, muitos para o exterior, sem sequer saber se são publicados ou não. Diz que não importa, mas algumas revistas estrangeiras chegam-lhe com trabalhos traduzidos. Musicalmente também continua na mesma atividade: toca e compõe com regularidade, apesar de ter abandonado a sinfonia – já existia no teu tempo – que tinha o nome da filha morta prematuramente: Ariane.

"Assim, sem querer mais ninguém, nem mesmo parentes, por perto ficou ainda mais só. Considerando os parentes e afins, que vieram da parte da mulher, como se fossem inimigos mortais. A sogra então nem se fala! Nunca vi um cara detestar tanto à sogra! Desfia um montão de palavrões de sinonímia interminável e impublicável quando ouve referência a ela.

"De vez em quando passo lá para conversar com ele, nunca perdi essa mania. Lembra que a gente ia para lá ouvir as sinfonias e as histórias dele? Sempre foi um grande contador de histórias... Mas acho que, na verdade, a gente ia mesmo era beber um pouco do conhecimento e da sabedoria dele, não é? Aprender. Pois virou hábito que não deixo.

"Então não me parece que esteja agora enlouquecido mais do que já era louco, isto é, mais do que a gente toda o considerava louco. No entanto, para quem não o conhece... a opinião geral é que ficou pirado de todo depois da tragédia. Naturalmente essa vida exótica que leva é que alimenta de tantas suposições a vizinhança.

"Todo o dinheirinho que ganha – e não deve de ser pouco se juntar pensão, pagamento pelos artigos, etc. – todo esse dinheiro é gasto em livros e discos.

“O casarão tem estantes até no banheiro e ele inventou um suporte com pedestal regulável que leva para todo lado com um livro em cima. Lê no banheiro, no quintal, ao telefone, ora lê e escreve simultaneamente, uma maluquice! A gente chega lá e ele não

pára de fazer o que estava fazendo, mas também não deixa de conversar nem de responder nenhuma questão, para mim sempre com muita lucidez.

"Uma vez perguntei se sabia quantos livros possuía (Deus sabe quantos!) e pelo que disse deve estar beirando os cinqüenta mil. Já imaginou que loucura ? Rapaz, cinqüenta mil livros! O mais curioso é que ele fisicamente não pode ter lido todos esses livros – ele mesmo confessa que muitos são "livros de consulta" – mas sobre qualquer tomo que perguntar informações ou falar dele, imediatamente sai à procura e mesmo na mais completa escuridão é capaz de achá-lo. Vem com o livro na mão, folheando, comentando essa ou aquela passagem do texto, fazendo indicações para leitura e deixa-o contigo.

“Agora estás obrigado a ler a obra mesmo que quisesses apenas fazer uma menção, uma referência. E quando tiveres acabado prepara-te para a maratona de troca de idéias, de comentários sobre passagens maravilhosas ou dramáticas, enfim, deves estar pronto para complementar a leitura com o mais completo gozo que se pode ter ao desfrutar uma obra literária. Aposto que não estás acreditando...

“Porém, bem sabes que é ele assim mesmo. Lembra-te que naquelas fugidas que dávamos para as bandas da casa dele? Após ouvir as músicas dos discos recentemente adquiridos – com que prazer ele mostrava cada disco, cada livro novo! – tínhamos que fazer comentários sobre desempenho da orquestra, do cantor, do maestro, do solista, embora o nosso conhecimento fosse ínfimo, quase nenhum.

"Não pensa assim, dizia ele, o importante é que o que se ouviu, o que se leu tenha sido de algum modo absorvido e dessa maneira, registrado no computador que é nosso cérebro, tenha provocado uma reação. Não importa, fala !" E eis-nos a discorrer sobre o assunto, sempre estimulados por ele: – Bravo! Isso mesmo! Muito bem! Mais, fale mais sobre o assunto! Especule, invente, pesquise caminhos inéditos!

“Agora, tirante essa loucura que já nós conhecíamos, o que me preocupa mesmo atualmente é a saúde dele, sabe, como se alimenta mal, sem hora para nada, sem ninguém para assisti-lo. Come como um bicho qualquer, quando dá fome, o que tiver à

mão. Acho que não vai durar muito tempo assim... pode morrer também como um bicho abandonado. A idade chegou, já não é mais nenhuma criança."

Mário fez uma pausa. Falava de João Palmério que já naqueles tempos da infância era considerado um homem diferente, misterioso, por ter hábitos estranhos. Era uma aberração plantada em Espinho. Aníbal queria imaginar como seria sua figura hoje mas não conseguiu. Lembrava-se apenas daquele João que o obrigara a ouvir música clássica e a gostar dela. Que fez com que ele aprendesse a ler tudo, mesmo os livros mais insólitos, somente para pegar gosto pela literatura, fustigando-o como Ignácio de Loyola para encontrar a alma perdida no mundaréu do demo.

Recordava de João que costumava intitular-se albigense quando perguntavam sobre qual a religião que era devoto. Para confirmar o fato publicou extenso artigo chamado "O Massacre de Bessières e Avignon", analisando o tempo que aquela região teve toda a população dizimada pelos católicos. No artigo panfletário aproveitou para desencadear virulentos ataques aos papas.

Da mesma maneira que os partidários dessa seita do Século XII, João Palmério negava a humanidade de Deus através de Cristo, opunha-se à existência do Inferno e do Paraíso, contrariava a ressurreição dos corpos e a presença da alma, desdenhava da vida eterna, dos poderes das imagens e ícones.

Fazia piadas sobre a eficácia das orações, debochava, enfim, de todas as crenças e cerimônias cristãs e não-cristãs. Uma das suas leituras mais prediletas era "A Velhice do Padre Eterno", de Guerra Junqueiro, poesias que gostava de declamar para os dois jovens rapazes tendo como fundo sinfônico algo de Mahler ou Brueckner, gostava também de ler "Dissertação do Papa sobre o Crime", de Sade.

Mais ainda Aníbal lembrava que João tinha hábito de tomar sopa ouvindo Chopin com a porta entreaberta para a rua. As notas se embaralhavam com o tintinabular da colher no prato, iam morrer na calçada. A primeira pessoa que passasse era convidada a entrar para ouvir música, tomar um prato da sempre misteriosa sopa, cuja composição ninguém conhecia. Não deixava sem resposta qualquer desculpa que significasse um não. Entre colherada e outra, sorvendo caldo junto com pedaços de pão

dormido, João mostrava-se tal e qual artesão que usa maravilhosamente bem a matéria-prima da palavra.

Se tocava música sinfônica, regia a orquestra com a colher numa mão e um pedaço de pão na outra. Para explicar a música, traduzia-lhe o sentido e entrelaçava gestos suavemente harmônicos de maestro com elogios desvairados – não se sabe se dirigidos à sopa ou à composição. Os pedaços de pão encharcados derramavam-se pela boca, escorriam nos lábios, pingavam na camisa, sujando tudo.

Mas não impediam jamais os fartos e eruditos comentários que emitia sobre a execução: "Ah, o pianista se emociona muito, a respiração ressoa bem próxima do microfone, está ouvindo?" Ou então: "Está tocando de relógio no pulso, percebe o ruído da pulseira quando mexe os braços?" E mais: "Agora não. Agora é o pedal que respira suavemente como um fole muito afinado." Uma vez fez questão de devolver um disco à gravadora, pedindo que "tirassem o camundongo" que estava na gravação. Chamou-nos a atenção para o pedal que, acionado, emitia guinchos imperceptíveis aos ouvidos normais. Para João, porém, foi fácil perceber e gritava: "Ouçam! Ouçam! Tem um ratinho dentro do piano!" De fato, apurando cuidadosamente o ouvido dava para perceber um levíssimo chiado ou guincho igualzinho os ruídos emitidos por camundongos.

E era tudo a mais pura verdade. Quem fosse capaz de apurar e educar tão bem o ouvido perceberia que ruídos estranhos povoavam a gravação, sem no entanto ofuscar o brilho do executante. Afinal era nada mais nada menos o genial Arthur Rubinstein quem recriava, sem afastar-se uma fração de milímetro do original, a grande obra de Chopin. Ou Leonard Bernstein que apresentava Stravinsky pela Sinfônica de Nova York.

Sabe-se que em todo recanto da terra esses seres estranhos sobrevivem. João Palmério era assim: um solitário morando numa casa cheia de ruídos e presenças mundanas – que resistia a eles todos respirado esse mundo bem particular entre fungos de livros, a poeira finíssima que acumula sobre papéis – e fora do qual não teria condições de sobrevida. Pode imaginar um pinto que não consegue nem quer sair da casca do ovo?

O mundo dele começou ainda no pais dos discos de 78 rotações recobertos de óleo, acomodados verticalmente um ao lado do outro, do gramofone de manivela que desafinava quando acabava a corda e cujas agulhas de aço tinham que ser constantemente trocadas... Que seria feito desse mundo? Teria resistido aos LP, aos CD, aos DVD e às múltiplas e complexas parafernálias eletrônicas de última geração?

Também, para tornar mais completa aquela personalidade extraordinária, João Palmério gostava exageradamente de animais. Cães, gatos, galinhas, patos e muitos outros bichos caseiros tinham – como as vacas sagradas da Índia – livre acesso na casa, andavam, comiam, mijavam e defecavam em qualquer lugar sem jamais serem incomodados. E ai de quem maltratasse os "seus" animais! Sofreria qualquer tipo de castigo, desde violentas admoestações até ameaças de pancadaria. Também não passava disso, dos gritos, carões e ameaças. Era do tipo de ficar num canto caladinho, remoendo o excesso cometido, para depois já controlado e calmo pedir desculpas pelo discurso às vezes violento.

Dava milho aos pombos e fubá para as rolinhas, inventava bebedores para colibris e caga-sebinhos, improvisava fontes para que os pássaros pudessem matar sede e tomar banho. No fundo da casa colocou tanque para marrecos e patos, construía nas árvores casinhas de madeira para que passarinhos pudessem fazer ninho.

Um fato que tornou-se notório aconteceu com um dos cães, adotado bem novinho, filhote atirado no mato para morrer de fome. Pegou raiva. O coitado espumava pela boca e grunhia feroz, rosnava ameaças a quem estivesse perto. Palmério diagnosticou imediatamente o mal, anteviu o perigo da raiva. Foi de uma tristeza imensa ver aquele homenzarrão chorando arrastar o bichinho amarrado numa coleira, focinho atado com uma cordinha, levar para longe da casa, distante de todos, principalmente das crianças. Recusou ajuda: "Faço isso sozinho..." Na mão levava a pá, a pistola na cintura. Vizinhos ficaram distante, vivendo o drama. As crianças choravam, mas afora isso fez em todo bairro silêncio total até ouvir ecoar lá longe o disparo.

Algum tempo depois voltou com cara de quem tinha sofrido muito, a pá suja de terra e sangue. Chorava que nem criança. Com esse sentimento trancou-se no quarto e pouco tempo depois o "Réquiem" de Mozart transbordava pelas frestas das janelas

cerradas. Ficou dias sem dar caras e antes do sofrimento passar de todo ainda escreveu páginas de prosa e poesias sobre o assunto, como era de seu feitio.

Mário parou finalmente de falar, deu um grande suspiro e comentou, sem fazer qualquer nexo com a conversa anterior:

– Ah, meu amigo, as mulheres que passaram por nossa vida...

Capítulo 15
Os olhos são o coração da mente

> “Ó homens, até quando
> tornarás a minha glória em vexame
> e amarás a vaidade
> e buscarás a mentira?
> ...
> Quem há de morar no teu santo monte?
> Os que vivem com integridade
> e praticam a justiça
> e de coração falam a verdade.”
> (Adaptado dos Salmos 4 e 15)

Não, não se trata de passar anos e anos internado numa clínica de terapia familiar para curar o mais natural e elementar inimigo dos casais, o mais louco motivo que justifica os famosos crimes amorosos, o ciúme do homem com relação à mulher e vice-versa, o elemento detonador das causas e das ambições de posse eterna, enfim, o sentimento que impede a realização e acaba por castrar o amor.

Não existe ódio mais implacável que o trazido pelo ciúme.

Aquela montoeira de nuvens baixinhas, movediças como um balanço no vai-e-vem, de coloração negro-acinzentada, castigava não só toda a miserável e velha cidade de Espinho, mas também a minha cabeça, enferrujada, sobrecarregada de ruídos estranhos, mal azeitada pelos fatos acontecidos (ou não acontecidos, melhor seria dizer), até então.

O ciúme troa como trovões, mais que tambores da orquestra sinfônica.

Relâmpagos vermelhos, lilases, flashes cinematográficos, riscos alaranjados, raios laseres de cor indefinida, colorismo impressionista flutuando num espaço ilimitado de uma discoteca onde ninguém dança.

Enciumado, perdido, tal o satélite extraviado no tempo e no espaço.

Procuro, entre ruídos de trovões e goteiras, pelo menos ouvir o som opaco da tua voz, o silêncio perdido no fundo do oceano verde-musgo dos teus olhos.

Um milhão de palavras são incapazes de justificar o ciúme.

Ressoa além do muro (há um muro e pedaços de muros envolvidos por heras musgosas, de um verde sujo de negro), um silêncio de algodoal.

Um salto no mar amarelo, ciumento, verde.

Mergulho no ouro do sol, misturado ao transparente azul do céu, no horizonte mais profundo – mas na realidade estou bem perto de você, sufocado pelos olhos infinitos.

O cantar do arco-íris nem o ciumento ouve.

Um milhão de cores e sons e muito mais que milhões de notas musicais, o poema sinfônico da tua boca desgarrada pelos tangos da praia, boleros, nueva-troba, canções e esse canto tropical, mais que antilhano, ressoa pelos mundos.

O mergulho nas palavras varridas dos ouvidos do traído.

Nas águas verde-escuras dos teus cabelos, molduras dos olhos inconfundíveis, salto de trapézio para a rede dos teus pelos e aí o ópio, a cocaína, a heroína – a droga maior que todas as drogas – depois do prazer exala o aromático doce da diamba.

O ressonar suavíssimo da respiração de quem não trai...

Não daquelas outras mulheres as palavras azuis, lilases, rosas, verdes, vermelhas, multicores: o sol de Van Gogh, o mar de Monet, os girassóis de Van Gogh, as bananas de Gauguin, o róseo dos teus seios gravados nos muros para além da existência.

Estelar mapa dos sinais que acusam a chegada do ciúme.

Enquanto busco me faço prisioneiro das algas entrelaçadas, cor de terracota o fundo dos teus olhos, invisível oxigênio para o mergulho nos sinais das tuas nádegas, flocos, água de regato, superfície negra, um céu de eternas estrelas (nada de Big-Bang).

Vozes de monges no deserto: Perdoai os ciumentos!

As palavras marrons, suaves, brancas e eternas: a voz do monge que desliza pelo deserto bege, sons audíveis, sussurro pastel e a saraivada vermelha das revoluções e dos relâmpagos, violentos trovões fazem tremer os telhados e alicerces das instituições e moradias da alma.

Apenas um chuvisco incolor como um amor ferido pelo ciúme.

Vai engrossando, engrossando como engrossa a pororoca, os pingos de água se transformam em gotas cinzentas, gelo e pedra ruindo em diagonal sobre os telhados, cinza, tudo vira na cor cinza do zinco: a cama zincos, os lençóis cinza, teu rosto zinco, o teto cinza.

O ciúme provoca milhares de novas torturas cor de vinho.

O imensurável colorismo inventa torturas cor de sangue, arremetidas gotas de água sobre as costas onduladas. Serão as nuvens, o violento temporal ou os cabelos de Gardênia? Onde transitam os olhos verdes de Gardênia? Onde a inimaginável planta, a roxa boca, espraiada, sem batom e sempre vermelha de Gardênia? Onde flutua hoje o corpo leitoso de alvura inconseqüente?

O ciúme é a traça que corrói o tecido do amor.

– Não, não quero mais pisar nas minhas próprias pegadas nem repetir o gesto sem cor. Apagadas pelo tempo as sombras do passado fogem dos resultados. Pecado que não cometo: o cárcere negro e perseguidor do pensamento, onde pessoas e fatos se transportam constantemente, onde tudo muda em nome do prazer e acontece o que não aconteceu, que gostaríamos de ter acontecido.

O ciúme doentio é sempre a favor do diabo.

– Prefiro deixar intactos os resíduos azuis que a viagem da vida foi lapidando, atirando aparas pelo meio-fio das ruas de pedras, limalhas cintilantes caídas na beira dos telhados, serralho apodrecidos acumulado nos cantos das casas.

Apenas a intenção de provocar ciúme, já é ciúme.

– Prefiro o mergulho suicida no fundo dos teus olhos medrados, permanentemente derramados na imaginação, poesia em gotas, musicais palavras que começavam ao amanhecer e se transformavam em chuva de verão.

Pior do que o ciúme imaginário é o ciúme daquilo que se vê.

– Prefiro o som constante do cantar dos teus gemidos molhados, o silêncio úmido e escorregadio, o sussurro intraduzível murmurado coma língua insalivada, rubra, em fogo, encharcando o meu ouvido.

O silêncio demonstra o ciúme sufocado.

– Prefiro o grito tempestuoso no exato momento da brancura do gozo, o gesto simultâneo de adeuses, o verde esperança do milagre do dia seguinte.

E somente então crescer suavemente como uma planta, sem se preocupar em mensurar a grandeza dos mistérios. Sem tentar poderosamente traduzir a grandeza do mistério, porque quanto mais fortemente se arrisca outros o demonstram e esta é a maior prova da sua existência.

Tanto quanto uns tentam diminuir o poder do mistério, mais se acercam da realidade da sua existência, num círculo vicioso. Um dos maiores enigmas do universo está no próprio ser humano, na sua grandeza e no seu mistério. Nascer, viver, morrer, isso é o que conhecemos.

O demais vem com a curiosidade de saber as coisas ocultas.

Esquecer da animalesca propensão que temos, a mais facilmente acreditar naquilo que não compreendemos do que naquilo que realmente vemos.

Capítulo 16
O processo do labirinto

“Porém eu,
pelo fulgor
da nossa paixão,
entrarei na tua casa
e de joelhos me prostrarei
diante do teu santo templo
e amarei o seu ardor.”
(Adaptado do Salmo 5)

– É uma boa hora.

Não existe medida para o passado. Nem para o futuro. Exemplo de passado: lembro perfeitamente do jardim que minha mãe cultivava diuturnamente, com todo carinho, como se fosse a coisa mais importante da sua vida. Era um canteiro de medidas regulares capaz de conter várias espécies de plantas ornamentais: roseiras, fim-de-verão, cravo-de-defunto, magnólias, hortênsias e outras que floriam em épocas diferentes, o que fazia aquele cantinho muito especial, principalmente para namorados, pois estava sempre florido a qualquer estação. Tinha num canto junto ao muro um banco cinzento, já musgoso pelo tempo, coberto por um arco entrelaçado de plantas trepadeiras. Uma cobertura verde sombreada durante todo o dia mantinha o local bem mais fresco e arejado que a temperatura ambiente.

– Mas ninguém sabe quando será.

Devido às diferentes espécies de flores, que davam o ano todo, o lugar nunca ficava sem cor, sem perfume e quando as pétalas de uma flor começavam a cair mesclando o chão, os botões das roseiras, por exemplo, iniciavam a catarse de que são donos que mexem com escritores, músicos e poetas há séculos. Para manter esse paraíso o velho tinha colocado uma pia de louça que se transformou numa fonte com água sempre limpa onde os passarinhos se habituaram a fazer reuniões festivas. Ela nos obrigava a fazer longas caminhadas até o depósito de um curtume, despejo de montes e montes de casca de mangue que serviam para colorir couros de boi curtidos e lá recolher grandes quantidades desse dejeto – os mais antigos e úmidos, de coloração escura. Era um excelente estrume natural que misturado à terra deixavam-na fértil, preta, com bastante umidade.

– Porém esse foi o princípio.

O resultado via-se nas flores, nas plantas ornamentais, na grama verde e branca e também na quantidade de minhocas que surgiam logo em seguida. Também não tenho meios de medir em que tempo o desgosto tomou conta de minha mãe, mas foi tanto e tão grande que ela foi capaz de abandonar o seu jardim muito particular. As flores que com ela falavam, as plantas, tudo, tudo foi encoberto pelo capim. Algumas flores mais delicadas não resistiram, o cenário morreu.

– O primeiro impacto foi a dor.

Desse lugarzinho morto pude presenciar as cenas de uma discussão em frente à igreja. Ali durante a noite se reuniam rapazes do bairro para, suprindo o vazio que se formou na geração pós-guerra, colocar em discussão, sem regras nem formalismos, fragmentos dos grandes temas que enfrentavam na distraída e bucólica N.S. do Espinho.

– O cenário apropriado.

Uma praça cercada de postes, com luminárias em forma de pêras plantadas no topo, palmeiras de ariri, bancos de ferro e assentos de madeira, quase todos com partes já apodrecidas. Uma igreja com torre, sino, cruz e paredes descascadas, habitada por um velho franciscano alemão que nunca aprenderia a falar o português corretamente. Um bairro de casas adormecidas, adjacentes e iguais: todas com varanda, três quartos e quintal, telhados de amianto, cujos moradores quase sempre não tinham o sono profundo e sonambulando fornicavam e suspiravam com os vizinhos.

– É do americano...

Os bancos são distribuídos em forma de U, o que permite uma organizada discussão onde o que fala geralmente fica no centro e é ouvido por todos. Como na antiga Grécia, só que com filósofos de merda.

O assunto é: "O QUE É DIVINO E O QUE É DESTINO ?"

M – A idéia de ter um Destino traçado de antemão é naturalmente religioso, mas não se prende a qualquer teologia particular, isto é, qualquer seita pode adotá-la como realmente muitas adotam.

C – Para mim tudo não se passa de fatalidade. Nascemos, vivemos e morremos uma só vez. E tudo o que ocorre entre o nascimento e a morte é ocasional, transitório, é o que alguns hippies chamam de o aqui e agora.

A – Fica difícil acreditar que uma morte acidental possa ser fatalidade, coisa do Destino. Alguém é levado a agir de certa maneira e esse caminho certamente já está traçado, senão seria fácil evitar as tragédias e catástrofes mediante a mudança simples de um itinerário, por exemplo.

C – Não, não! Não é por aí. Fazemos nossas existências como um módulo e novos módulos são acrescentados a cada dia.

A – Quando o puzzle está finalmente composto e já conhecemos todas as suas peças podemos trocá-las de posição eventualmente ou desmanchar todo o puzzle, mas o fazemos com segurança. E por quê ? Porque conhecemos os segredos das peças e mentalizamos o sistema para remontá-lo sempre quando quisermos.

M – Um momento. Esse fazemos nossas existências é um pouco forte demais, porque alguns "módulos" – como tu dizes – estão simplesmente fora do nosso controle. Um puzzle não tem vida própria: quando se descobre o segredo do mecanismo a montagem se torna fácil, insidiosa.

A – As divindades são representantes de uma força ainda desconhecida. Dizem que Einstein declarou que acreditava em Deus, sim, mas num "Deus Matemático" – e por isso julgamos que esse Deus de Einstein (ou Matemático), é diferente do outro Deus onipresente, onisciente, etc., o Deus, enfim, que cristãos, muçulmanos, judeus e quase todas as religiões conhecidas adotaram. No entanto, não poderia ser o mesmíssimo Deus ?

C – Um Deus que em sete dias criou o Caos! Que Deus, meu Deus! Não há prova alguma da existência desse ser mirabolante, a não ser essa fantástica alegoria histórica chamada Bíblia, que o homem conscientemente (poderia dizer: levado pelo Demônio) através dos séculos várias vezes adulterou para obter proveito e domínio sobre o seu próximo.

M – Mas o cenário tem que interagir com o drama.

A – De lá pra cá santos e calhordas indistintamente vêm se aproveitando de toda essa publicidade pré-histórica que fizeram da vinda e dos ensinamentos de Cristo (poderia te sido de outro: João Batista, Buda, Omar) para explorar a humanidade da maneira mais torpe. Durante os milênios nada mudou: a casta de dominadores se mantêm e os dominados vivem eternamente sob o tacão.

M – Mas o que é o Destino senão isso? Sobrevivemos à custa de dominadores e dominados, fortes e fracos, ricos e pobres. É natural portanto que os que detêm o poder transfiram-no como herança para seus descendentes. O que não é natural é a humilhante subserviência. Por isso há a revolta, a revolução. Mas quando o sangue seca sobre a terra o que se vê é que a dominação continua nas mesmas mãos. Fatalmente.

C – Tudo por causa de uma coisa chamada RELIGIÃO ! E não é que tenha sido pós-Cristo. Não, antes já inventavam deuses para sujeitar o ser humano. Imagino a vez primeira que um raio caiu sobre alguém ou sobre uma casa ou uma vaca ou uma plantação e esse acidente, tão natural como o ato de respirar, foi usado como exemplo de castigo.

M – Jovens marcados pela exclusão social.

A – Doravante a humanidade não teve mais sossego nem paz. Eram os deuses poderosos contra os homens aterrorizados. O que ocorreu DC é que ali essa tática começou a ser metodizada, sistematizada, com objetivos definidos, quais sejam, entre vários que os séculos modificaram: manter no poder uma casta dominadora; reprimir as revoltas das turbas; punir usando leis, tribunais e apenações cuja autenticidade está

acima de qualquer contestação terrena; fazer política e subjugar inimigos; finalmente conseguir a transferência genealógica desses enormes poderes ad Æternum.

A – Apesar de parecer uma dedução complexa, trata-se na verdade de um simplismo. Passar por cima de tanta coisa importante para cavoucar conclusões é otimizar toda a complexidade da vida humana desde que ela – num dia divino qualquer que sequer imaginamos – se instalou na terra. De onde viemos? Para onde vamos? Tais são as perguntas fundamentais cuja resposta a poeira dos milênios não consegue enterrar.

M – O ovo ou a galinha – qual dos dois surgiu primeiro?...

C – Simplismo é isso: evocar uma charada para não encontrar respostas. Sabendo-se da dubiedade, esconde-se a verdade, submete-se ao escravismo a vontade de ir além.

M – E no entanto a terra se move...

A – Minha formação não permite ver outras respostas que não incluam a divindade em todos os momentos da nossa vida. A questão da fé é que muitos se recusam obstinadamente a tê-la, a reconhecê-la como signo importante. Não é sem razão que as fogueiras e antes os leões devoraram muitas toneladas de fé instigados por aqueles que têm medo.

M – Existe a fé e a contrafé. Aqueles que se opõem aos sintomas da fé com outra crença que necessariamente julgam superior. E agora? Como considerar uma fé superior à outra se as partes comprovam com todos os argumentos possíveis que a sua fé é mais importante, valorosa, factível?

A – A fé em Deus é uma só embora comporte vários nomes. O problema do sincretismo religioso é o exemplo mais claro dessa pluralidade existencial, aliás permitida pela própria fé. A religiosidade da fé não teria validade nenhuma se fosse estanque, concretada em dogmas rígidos, inflexíveis. Às vezes a fé se contesta a si mesma sem deixar de ser fé.

C – A fé é dogmática, sustenta-se porque não sai das fronteiras delimitadas da teoria. O que critico é a credulidade alimentada por todas as facções religiosas em nome dessa fé que, como disse, é dogmática. Bolas, estamos andando em círculos, assim não chegaremos à conclusão alguma e a noite se vai.

M – Religião, futebol e mulher...

C – Aqui diante desta cruz e para derrubar todos os dogmas eu blasfemo: se N.S. do Espinho – tão linda em seu pedestal, olhos azuis, tez rosada, seios firmes – se me aparecesse em forma de mulher não hesitaria em foder com ela.

Nem sempre o epílogo é o fim.

Algum dia depois C. foi atraído por uma sedutora jaca de bago mole, que permanecia intacta em seu habitat, impregnando todo o ambiente em volta com aquele cheirinho sedutor, justamente por ainda não ter encontrado um corajoso herói capaz de enfrentar os naturais obstáculos da grande jaqueira para colhê-la.

Esquecido de discussões teológicas e sonhando apenas em sentir escorrer pelos lábios, enchendo gulosamente a boca rumo ao estômago, o mel dourado dos bagos de tão pecaminoso fruto, C. foi sozinho ao local ambicionando-o todinho para si. Escalou qual Tarzan moderno a velhusca jaqueira superando tropegamente todos os galhos até abraçar com prazer voluptuoso a desejada jaca.

Na descida porém se deu mal: escorregou no leite do talo e foi encontrado esparramado no chão aos gemidos, ainda abraçado à jaca – que com a queda abrira-se em duas bandas espalhando os gomos dourados sobre o peito e pela perna quebrada, o osso exposto.

Íris, verão, sol reluzente, arco-íris, verdura.

Capítulo 17
Fácil, rápido e seguro

> “Já cobri de colchas a minha cama,
> de linho fino do Egito,
> de várias cores.
> “Já perfumei o meu leito com mirra,
> aloés e jasmim-azul.”
> (Adaptado dos Provérbios)

“Ora Gardênia, dificílimo foi fazer toda essa viagem e não te encontrar. Jamais fiquei tanta esperança num projeto – esse retorno desmazelado – e o que de verdade alcanço? Nada, a não ser um imensurável vazio que convida ao desespero. E estamos em pleno século vinte, batendo à porta do terceiro milênio DC. E daí? Daí que isso tudo é uma ficção que não deveria estar acontecendo.

É verdade que não se trata de uma história de amor? Vim ver Gardênia e rever os olhos negros que perseguiram todos os dias da minha juventude, que me fizeram brotar o homem que precisei ser. Besteira porque agora voltei um menino não envelhecido, apesar dos meus cabelos grisalhos e esse espelho que não mente.

“E todas as coisas que mudaram na Espinho, os bondes que não circulam mais, a Rua Pequena que virou Avenida Fulano de Tal e este amigo velho que me chama pelo apelido de infância.

“Ainda há pouco passei pela casa branca azulejada, cobertas de telhas coloniais e suas doze janelas envolvidas de azul, onde tua figura aparecia emoldurada para me dar adeus, bandeiras portuguesas te coroando – essa mesma casa hoje rui aos pedaços abandonada.

“Cadê o sol para tirar a névoa chumbada que cai sobre Espinho por quase um mês? Será que essa chuva veio para proteger meu olhar sobre as coisas que queria rever? Não sei, mas sei que tu, Gardênia, tu estás a mesma mulher: esguia, poderosa, permanente, fugidia... Eu te vejo.

“Não te acompanha mais a mucama que viu nosso amor nascer e vingar e posso crer que Luanda te faz muita falta. Era tua irmãzinha. Mas ainda te pertencem os

detalhes, visíveis somente aos iniciados e viciados. Ah Gardênia, somos os heróicos sobreviventes da catástrofe que tirou o solo de nossos pés e nos deixou no vazio. As pessoas que nos cercavam e viam crescer a paixão sumiram. Estamos distantes e sós.”

Entre os afazeres de dirigir as mudanças no ambiente do hotel para atender as necessidades dos desalojados, Gardênia encontra um tempinho para vir até onde, sozinho, bebericava uma cerveja e lia um jornal local, com a perna inchada coberta de sacos de gelo estirada sobre uma almofada.

– Sabe, estive pensando nesse regresso teu, depois de tantos anos. A chuva, a enchente, todos os problemas não conseguiram me desligar da tua presença.

Pega o meu copo e esvazia toda a cerveja:

– Claro, se não te visse, se essa chuvarada não nos fizesse encontrar, tais coisas nem me passariam pela cabeça.

Pega o maço de cigarros cobre a mesa, bate a ponta de filtro na unha (um hábito antigo) e acende o isqueiro. A sombra da chama inventa rugas:

– Ficariam no ar um monte de respostas. Por exemplo: não dá para entender essa chegada repentina, ainda mais com retorno marcado...

Cruza as pernas sem se incomodar com os sapatos molhados nem com a calça jeans respingada de água e lama.

– Já que estamos em tempo de conjeturas e adivinhações, até que esse encontro casual talvez me faça bem neste momento. O destino, o destino!

Chama o garçom, pede uma cerveja e mais um copo. Quer saber se preciso de mais gelo para por no joelho, aspirina para dor. Recuso corajosamente, mas meu joelho lateja.

– Agora aceito uma cervejinha, arre, que também não sou de ferro. Brindemos à nossa saúde e a este encontro/desencontro que o “marvado” destino nos arranjou, aos pedaços de passado que viajam grudados contigo como o musgo nas embarcações.

Fala de tal maneira que mais parece à outra, a normalista apaixonada de saia azul e blusa branca que violava a vigilância de Luanda para me beijar. Volta e meia os empregados do hotel interrompem para uma autorização, uma ordem.

– Vou tentar desvendar os teus mistérios. Não acredito nesse regresso à toa apesar de me deixar alegre e um bocadinho feliz.

Eu continuava divagando entre os oitizeiros, na figura que saía com os braços cruzados sobre os peitos, segurando os cadernos e livros, os olhos negros dançando numa procura frenética, tentando me achar entre as pessoas que se ajuntavam na saída do colégio.

– Talvez me faça bem mesmo, recordar o que foi aquela paixão. Digo para mim mesma que deve ser bom para mim. Já imaginou se as coisas fossem de outra maneira?

E pronto. Voltamos àquele ponto onde nós, os seres humanos, sempre nos perdemos: conjeturas sobre o não ocorrido, sobre as coisas que nunca saberemos.

– E se me faz bem esse renascimento nesta hora, bem que posso voltar a te amar. Que droga que estamos ilhados por esse aguaceiro.

Acende mais um cigarro na ponta do outro, a brasa se alastra e a fumaça azul se perde em rodelas rumo ao teto. Podemos sonhar e imaginar o que aconteceu, o que teria acontecido e o que queríamos que acontecesse – todas as respostas levarão ao desconhecido.

– Gostaria de dizer que nunca tive jeito para esconder ou mentir sobre meus sentimentos. Todas as sensações que me incendiavam fluíam pela minha cara. Eu era o espelho de mim mesma. Logo lá em casa todos souberam que estava loucamente apaixonada e que tu eras a vítima.

Que significado teria tais palavras neste momento? Ela bem sabia que era uma paixão sem futuro, adolescente, fadada ao que foi. Tendo ficar inexpressivo, sem gestos que possam me trair, sem falar mais nada. Um turbilhão invade minha cabeça. Devo ter ficado vermelho porque ela riu bastante.

– Que cara! Se vê logo pela expressão que também não és lá essas coisas pra esconder sentimento. Tá na cara que vieste aqui para rever não só a cidade, mas velhos amores, velhos rancores. Ora, também isso tua alma desperta não pode esconder.

O que posso afirmar ou negar? Parece que ela lê mesmo todas as minhas indagações e advinha minhas falas. Minha cara é um livro aberto, mar de vida que me atropela a todo instante.

– Mas tudo me alegra e me faz feliz, principalmente saber que estou ainda ocupando um lugarzão no teu peito, lugar jamais ocupado por outra pessoa. É meu castigo, porque não vou acreditar que tiveste um só amor na vida...

Como é mesmo essa teoria? Nenhum homem ou mulher tem um só amor, mas pode ter uma única paixão. Todas as aventuras amorosas seguintes são o caleidoscópio daquela primeira, sombras desguiadas da figura principal.

Gardênia pega o copo e toma um grande gole de cerveja. Olha dentro dos meus olhos como costumava fazer. Um pouco de espuma deixa seus lábios ainda mais vermelhos. Antes de sair, ao levantar, pousa a mão na minha coxa, quase uma carícia e encosta o rosto tão perto do meu que sinto no hálito quente o aroma misto de fumo, cerveja e batom.

– A gente se vê por aí...

Capítulo 18
Um passado sempre móvel

“Vem e embriaguemo-nos
com as delícias do amor,
até pela manhã gozemos amores.”
(E num instante a sigo,
submisso como um boi
que vai ao matadouro).
(Adaptado dos Provérbios)

O mesmíssimo mecanismo que Aníbal utilizou para “apagar” o passado que deixou para trás na velha Espinho, começara a se estruturar já a algum tempo, imperceptivelmente, de dentro para fora, com o tempo que passou no Rio de Janeiro. Sem que ele desejasse, toda a vida passada na Cidade Maravilhosa começava a se apagar, lentamente, transformando-se por fim naquelas matérias armazenadas próprias para serem narradas a amigos nas rodas de conversa.

Uma história, um anedotário particular, formavam a biblioteca dos fatos que conseguiriam manter uma pequena eternidade de toda uma vida. No entanto, não podia negar que no Rio de Janeiro passara a melhor fase da sua vida. Um tempo feliz com novos amigos, gente cuja política de vida se resumia em vivê-la com toda intensidade.

Neste momento, porém, Aníbal mantinha segura convicção de que as férias eram necessárias, não só para a saúde física, mas principalmente para a saúde da cabeça, para a mente. Num ponto tinha de concordar com os médicos com os quais se examinava: precisava relaxar, distrair-se, fugir daquele mundo agitado e louco no qual passara grande parte da vida.

Por outro lado, via que tudo aquilo se apresentava na verdade como o prenúncio da aposentadoria que se aproximava velozmente. Já passara dos cinqüenta anos, ante-sala da velhice. O anúncio de tudo aquilo que a terceira idade traz consigo transformava-se em incontestável evidência. E assim, aos poucos, foi se adaptando secretamente à idéia da aposentadoria próxima, idéia essa que flagrava a realidade em certas atitudes que a chefia tomava, considerando certos funcionários já “velhos” e portanto merecidamente premiados e festejados nos dias comemorativos da empresa.

Essa realidade batia forte dentro de Aníbal e fazia com que se encapuzasse em nova couraça, preparando-se para conviver com mais uma mudança das muitas que já enfrentara. A necessidade de dar mais um passo forçado, inevitável, como se fosse empurrado para aquele novo patamar, tudo isso tem um significado muito particular: carregar consigo e em silêncio o peso invisível da responsabilidade das coisas definitivas, das quais jamais poderá se arrepender.

Na maioria das vezes aposentadoria significa impotência, incapacidade, ociosidade. Significa sobreviver com uma renda muito mais baixa, um nível aquém daquele que estava habituado, mudança de hábitos. Sinônimo de pobreza, ter que defender-se com unhas e dentes do fantasma da pensão. Viver com o fantasma da previdência social, carregando nas costas o epíteto, o xingamento, a pecha, o insulto, a vergonha, enfim, de ser um aposentado.

Importava, dali pra frente, ter de enfrentar mais uma liturgia pela sobrevivência. Ter de encarar uma luta, justamente quando se pensava que todas as lutas já tinham sido enfrentadas, algumas levadas de vencida, outras nem tanto... Luta inglória para um corpo de físico desgastado, solapado pelos anos, que não mais responde aos chamamentos. Triste prenúncio de uma velhice solitária, coisa assim que ele já havia presenciado, ora como coadjuvante, ora como mensageiro do apocalipse: – Já vi esse filme!

Agora refletido no espelho estava a sua própria face, retrato de corpo inteiro. E desta vez encarnava a personagem principal de uma história que muitas vezes ouvira contar. Ia ser um jogador de cartas nas praças, um par de pernas enfrentando filas, um doente implorando para não ficar doente, antes de ser jogado num asilo para velhos. Aníbal teve medo: melhor não envelhecer. E esse medo transformou-se em todos os temores, todas as precauções, atropelando o espaço dos planos que avidamente procurava realizar.

Ou nada deveria temer? Será que iria se aposentar como um ser renovado, vigoroso, que a idade não conseguiria combalir? Iria aposentar-se como um homem realizado, de bem com a vida? Tomaria a atitude religiosa de virar as costas em paz, sem resquícios nem mágoas de quem ou de quê?

Já que se considerava homem sem preconceitos, que jamais rezou na cartilha do amém, achava-se livre também dos pecadilhos que envenenam o dia-a-dia, mexericos de vizinhança, fuxicos de parentes, disse me disse do cotidiano. Isolado com o aprendizado que a vida lhe deu, Aníbal carregava consigo alguns poucos e bem humorados tropeções – que a vida sem percalços é sem graça nenhuma!

Se algum dia ousasse catalogar ou por em livro seus feitos amorosos, alguns seriam risíveis. Se fosse nomear os seus inimigos – considerava importante não tê-los...

Caminhando de permeio entre umas tantas pequenas travessuras, Aníbal se considerava feliz, irresponsavelmente feliz. E agora pensava, já não sem tempo, na frieza das análises que fazia sozinho (era um pensador convicto e solitário por opção), em arranjar um lugar para cair morto.

Qualquer um que fosse meditar sobre os passos que deu no passado, coisas que fez e que deixou de fazer, aquilo que realmente realizou, veria enfim que tudo, tudo, não passou de um amontoado de grandes e pequenos erros, acumulados uns sobre os outros de tal maneira que seria impossível tentar consertá-los: os erros passados são fatais, perenes, imutáveis, eternos.

Toda a humanidade repetia em linhas gerais esse fundamento. Por isso, seria natural que Aníbal tentasse entrar na boa idade de cabeça erguida, mergulhar no tempo que reveste o homem de suficiente sabedoria, para não mais cometer os erros que entulham o passado como um vírus residente no organismo. Num espaço mais nobre, orgulhava-se de cometer erros com inteligência e sabedoria.

É chegado o tempo de alocar toda a experiência necessária num monobloco sólido, suficientemente capaz de alegrar o restinho de viver que sobra. É chegada à idade que finalmente mostra a olhos nus todos os detalhes da beleza que são invisíveis aos olhares pagãos a apressados dos jovens.

É chegada a hora de saborear a salada perfeita composta pelo erotismo, amor e paixão, sem medida certa mas temperada tão gostosamente que somos obrigados a

devorá-la à saciedade. É esse tempo que não se mede mais, que não precisa ser detalhadamente compreendido, sujeito a devastações tamanhas que acaba por se transformar num campo minado, que leva qualquer um à fronteira do suicídio, do não viver...

Essa morte a prestação, vinda aos poucadinhos em doses homeopáticas, era o retrato vivo do aposentado que Aníbal não desejava nem para si nem para ninguém.

Com espírito aventureiro diante da moça que o atendia na agência de turismo, Aníbal de novo se transformou numa criança, olhos brilhando de satisfação, repetindo para si mesmo a todo instante: “Estou de férias! Estou de férias!” – como que para mantê-lo consciente de uma verdade diferente daquela que repudiava. Isso era importante: conquistou uma nova liberdade, tomava decisões livre de quaisquer ingerências. Antes de a sua existência tomar o rumo do ocaso, conseguiu por fim tomar posse da bússola da vida. Era seu próprio farol...

Cigano e aventureiro, comprou a passagem, reservou hotel, escolheu malas, comprou roupas novas de sabor tropicais (estava gostando de cuidar de si mesmo). Andou pelo centro da cidade sem outras preocupações: não tendo horário a cumprir, aprendeu a caminhar lentamente, deixando que o acaso guiasse o seu rumo, como um vagabundo.

Gozou das amenidades, desfrutou do clima nem sempre saudável, mas especial do centro da cidade. Aprendeu a gostar de ver vitrines, espionar as agências de turismo sonhando cruzeiros no Caribe, pacotes promocionais, maravilhas da nossa terra, pantanal e por fim demorou mais nas livrarias, nas quais aprendeu a freqüentar e fuçar raridades como um rato. Causou inveja a mais de um. E com isso lembrou-se da fábula “O Sapo e o Vaga-lume”, que um dia leu em José Ingenieros:

“Um Sapo barrigudo coaxava num pântano, quando viu resplandecer no alto de umas pedras o cintilar da luz modesta de um Vaga-lume. Certo de que nenhum ser tinha o direito de exibir qualidades que ele próprio jamais possuiria e mortificado pela sua própria impotência, saltou sobre ele e cobriu-o com sua barriga gelada. “Por que me cobres?”– ousou perguntar-lhe o inocente Vaga-lume. E o Sapo, congestionado pela

inveja e sem ter como justificar-se, só soube responder com outra pergunta: “E tu, por que brilhas?”

Capítulo 19
O mostrador do relógio

“A pomba enganou-se.
Enganou-se...
Em vez de ir para o Norte
Foi para o Sul.
Enganou-se...
Pensou que o trigo
era água.
Enganou-se...”
(Diário de Frida Kahlo)

– Ah, meu amigo, as mulheres que passaram por nossa vida...

Mário pousou o copo de cerveja sobre a mesma marca que a água do fundo do copo deixara sobre a mesa. Pronunciou as palavras pausadamente, os olhos cavoucando lembranças. Até então era o único amigo de infância que Aníbal encontrara na velha Espinho e que tinha tido a coragem de dispensar o dia de trabalho para ficar em sua companhia, mesmo sob a ameaça do constante aguaceiro.

Os dois mantiveram fidelidade a essa amizade que varou anos. Amizade que começou quando ambos ainda não tinham chegado sequer aos quinze anos. Aníbal lembrava-se bem: corria a década de cinqüenta quando conheceu Mário. Eram apenas dois meninos, primeiros moradores num bairro construído pelo IAPC. Daquela necessidade de se conhecerem – não havia outros parceiros para brincar e conversar – nasceu a amizade.

De uma maneira ou de outra, sempre estiveram juntos: à distância mantinham correspondência, quando se aproximavam carecia dar tempo para ouvir o que o outro tinha para contar. Nem mesmo o adeus, esse gesto muitas vezes fatal, levava-os ao desespero do rompimento. Antes, encerrava promessas, esperanças e fé.

Até hoje foi Mário o único elo de ligação entre Aníbal e um passado que ele pretendia manter mumificado. E quando Mário esteve no Rio "correndo atrás do amor" – segundo disse – os dois passaram dias e dias juntos. Mostrando que o bom amigo é sempre aquele que advinha quando o outro precisa dele, Aníbal foi pegar o visitante no aeroporto, arrancando-o literalmente das garras do hotel.

Muitas vezes Aníbal ficava imaginando o significado de uma amizade assim, desse sentimento que os tirava algumas vezes do corpo da própria família para uni-los nas confidências, nas dúvidas, nas mudanças que aconteciam com a vida de cada um em particular, se confundindo com a vida que os rodeava palpitante. Tudo era motivo para comunicação entre eles, atitude que veio naturalmente no decorrer dos anos, um hábito mesmo, que não sabiam, nem queriam, nem podiam evitar.

Aquela não era amizade de porta de botequim, era uma amizade que extrapolava a própria condição: os dois eram mais que irmãos, mais que amigos, mais que pai e filho, mais que marido e mulher, porque o que os unia era diferente de toda essas coisas. Por isso, quando alguém perguntava o que era uma amizade verdadeira Aníbal não tinha outra explicação senão essa. Ele e Mário estavam unidos pela amizade há mais de trinta anos!

Foi Mário também quem levara Aníbal ao Aeroporto no dia em que viajou para o Rio de Janeiro. Na véspera houve reunião de amigos para a despedida e todos estavam presentes, mas aos poucos o grupo foi se dispersando, mercê dos compromissos de cada um – era dia de semana e todos tinham trabalho ou estudo no dia seguinte. Entre bebidas e mulheres os dois amigos mais uma vez ficaram unidos até o fim, chamados por essa coisa fluida e natural, impressentida, que era a amizade.

Mais uma vez puderam conversar sobre o presente e o futuro de cada um, suas ambições, decepções, frustrações, amores e desamores. E na manhã seguinte, chuvosa e cinzenta, de novo estavam juntos para a despedida. Não disseram adeus. Seria fácil demais, por isso trocaram-no por um ditoso até logo, como aqueles que nunca pronunciam essa palavra.

A amizade é a cachaça da vida. Quando Mário desistiu de lutar pela mulher – fato que o obrigou a ir ao Rio de Janeiro – voltou desolado para Espinho. Já estava – graças a Aníbal e à fiel amizade – parcialmente curado da frustração que aquela corrida desesperada e inútil em busca do amor havia provocado.

Apesar de Mário ter mantido um tumular silêncio, Aníbal não teve dificuldades de descobrir do que se tratava: mais que as palavras falavam os gestos, o olhar, o calar. O amigo, porém, manteve-se fiel, não falou nada. Dizem que o pior da desgraça é o comentário que os amigos fazem dela. Neste caso venceu o silêncio.

Quem tem um amigo verdadeiro tem alma gêmea. Claro que Mário não sarou do amor em si e da dor que aquelas circunstâncias provocam, mas pelo fato de estar convivendo com o amigo, retomando o contato pessoal que a mudança de Aníbal tinha interrompido bruscamente, sentiu-se bem melhor, de paz com a vida.

Nada pode ser mais enriquecedor que ter alguém com quem se possa falar como se falasse consigo mesmo. Assim, arriado o pano sobre os primeiros atos da tragédia, Mário resolveu confessar ao amigo:

– Nos amamos nas areias da praia deserta. Poderia até hoje, se fôssemos lá, te mostrar o local que serviu de leito, as areias que nos acariciaram, o vento que refrescou o calor que nos devorava. Quem pode agüentar meu chapa? A noite quente foi o cobertor do nossos corpos nus. Aquele lençol de estrelas – ainda te lembras das noites na praia dos Lençóis, não lembras?

"Tempos depois os pais dela descobriram tudo. A maldição da cidade pequena nos atacou! Ali todos sabem de tudo! Eu não fugi, ao contrário, fui lá enfrentar a barra, mas não teve jeito. Ela foi mandada para o Rio de Janeiro ou para outro lugar que não me informaram. Arrisquei, fui para lá no escuro, mas acabei acertando.

"Como vês o exílio continua sendo o castigo-mór na velha e medieval sociedade de Espinho! E para todos o desterro é sempre mais suave no Rio de Janeiro. Quase morro de desespero, não fosse te encontrar lá nem sei o que passaria comigo! Sempre digo de mim para mim: mais vale um amigo na praça e você és muito mais que isso: é o meu mano de fé! Me salvaste a vida...

Amigo que sofre só insulta o outro, mas entre eles era sempre assim: o conhecimento que tinham dos hábitos comuns fazia com que um penetrasse no pensamento do outro, o que facilitava a descoberta dos segredos, a causa das aflições.

Sempre um dos dois tomaria a iniciativa de contar tudo – e se optasse pelo silêncio sua decisão era respeitada, sem provocar qualquer abalo na amizade. As artimanhas para fazer o outro falar também eram proibidas. Calou, morreu o assunto ali mesmo. E ponto final.

Assim foi nesse caso e Aníbal não ficou surpreso quando Mário começou a falar sobre "as mulheres que passaram por nossa vida", assim mesmo num plural singular. Quando tocou no assunto como se fosse ocorrência de ontem ou de poucas horas, como se tudo não estivesse já revestido com o limo dos tempos.

Percebeu que Mário – como ele próprio – começava a sofrer a violentíssima e implacável devastação que a beleza da juventude provoca na gente, ao ser ultrapassada a barreira dos 40 anos.

Penar com a fatal e arrasadora destruição, promovida pelo impacto entre a beleza e o desejo, nem a orgulhosa simbiose ou amizade entre a mente e a visão, o sentido e os desejos, não consegue evitar. Sem resposta, a máscara que reveste o corpo começa a desmaiar, mas o desejo segue cantando as obsessões da vida e a inevitável ciranda destruidora dá seqüência à sua missão.

Aníbal aproveitou a deixa para falar sobre o encontro casual com Gardênia. Mário ouviu curioso, mas desinteressado. Aníbal indagava o que fazia uma mulher da sociedade local num hotel, porque embora a classe do Hotel Central a livrasse de qualquer suspeita, numa cidade como aquela, sempre haveria alguém a comentar sobre o fato. As circunstâncias enchiam Aníbal de curiosidade porque conhecia muito bem a província. Mário, por sua vez, riu bastante da admiração do amigo, deixou que ele fizesse muitas conjeturas, mas acabou por elucidar o problema:

– Ah, essa aí... Muito fácil meu amigo: é simplesmente a proprietária do hotel, a dona de tudo isso e muitas coisas mais em Espinho. Isto é, ela e o marido. Bonita mulher, mas teve a pesar sobre si "a maldição da família de nome". Isso numa província é fatal, como sabes.

"O pai, além de político de renome, era juiz e desembargador. Respeitadíssimo por duas circunstâncias: primeira – pelo conhecimento que tem na área em que é profissional, que o faz dono e patrono do melhor escritório de advocacia da cidade e um dos primeiros do país; segunda – pelas atitudes violentas que sempre tomou com os desafetos. Dizem que só por causa dessa filha já mandou um ou dois para o cemitério. Imagina então o que não fez com os demais.

"Para piorar ainda as coisas, alimenta o calhamaço de fofocas sobre as personagens, os embates havidos com a notícia desse casamento feito às pressas. Dizem que foi arranjo entre famílias e que tem muito amor de menos na história. Gardênia, por seu lado, enriquece a fauna local com mil histórias sobre fantasias sexuais, fama de insaciedade ninfomaníaca, que a levou a vários tratamentos psiquiátricos, análises em divãs, com incursões no Rio de Janeiro e Europa em busca dos melhores especialistas.

– Pois a mim – Aníbal interrompeu bruscamente a dissertação do amigo – parece estar gozando de excelente saúde. Imagina que me reconheceu depois de tantos anos. Que memória ela tem! E falou de coisas que ocorreram na nossa infância. Nossas famílias se davam muito bem, nossas mães eram amigas e vizinhas, estudaram no mesmo colégio.

Na breve conversa que tivemos, mostrou uma espontaneidade que mesmo eu, conhecendo as restrições provincianas que em pleno Século XX ainda regem regras familiares em Espinho, fiquei admirado. Pois ali naquela mesa onde estávamos encontrou tempo de relembrar coisas que nem mesmo eu sabia, apesar de ter sido um participante ativo.

Aníbal escondia propositadamente o romance platônico da juventude. Não achava justificativa para contar tudo agora, a não ser que, num laivo de fantasia, aumentasse para mais o ocorrido, tentando fazer bonito com o amigo ou parecer conquistador. O que era realmente era um menino tímido, cheio de ilusões, influenciado pela tragédia secular de Romeu e Julieta. Mesmo isso não era motivo suficiente. E como não tinha queda para ficção calou.

– Dizem mais, continuou Mário, que o casamento foi arranjado porque o candidato a noivo adiantou-se nas relações amorosas. Quem a conheceu na juventude, avançada demais para o tempo de Espinho, com educação aprimorada no sul e na Europa, sabe muito bem que isso era impossível. Ao contrário, o noivo é quem tinha fama de ingênuo e bobalhão... Ainda surgiram insinuações que ela tinha tomado iniciativas, quer dizer, diz-que achou que era tempo de se tornar mulher e foi adiante com o homem que estava mais próximo: o namorado.

"Contam inúmeras outras fantasias – você sabes aqui como é – dizem que é capaz de se entregar a estivadores, a negros que têm fama de membrudos, que mantém relações sexuais com empregados e criadas, que tem um vasto repertório de fazer amor de todas as formas possíveis, horas e horas a fio, deixando o (ou os) parceiro completamente extenuado, incapaz de mais alguma coisa, impossibilitado até de andar.

"Depois faz com que esses personagens jamais voltem a ter qualquer tipo de relacionamento com ela ou com a família. São completamente isolados, se é que tinham alguma coisa em comum, porque são escolhidos entre a ralé. Dizem até que já mandou matar algum atrevido que ousou mudar as regras do jogo e apaixonar-se por ela. A regra é: relacionamento sem envolvimento emocional.

– Já vi esse filme: "La Tour de Nesle"... Mas o que há de verdade nisso tudo?

– Ninguém sabe. Mas Gardênia – pronunciava o nome em surdina – desde menina ficou famosa por ter relacionamento lésbico ou homossexual com uma mulata da mesma idade dela, Luanda, empregada da família que era seu anjo-da-guarda, encarregada de acompanhar a menina em todas as ocasiões.

– Eram criadas juntas e assim o povo acostumou a vê-las. Impossível encontrar uma sem outra. Pois bem, dizem – friso bem – dizem que as duas foram flagradas nuas na cama em carícias mútuas, utilizando aparatos e complementos sexuais, cremes afrodisíacos, membros de plástico, vibradores, peças duplas para mulheres usarem simultaneamente, uma verdadeira parafernália erótica. Coisa de cinema!

A mucama, coitada, foi espancada e fugiu ou foi mandada para o interior, não se sabe seu destino.

– Rapaz! Daqui a pouco vou ouvir histórias do Primo Basílio ou de Gamiani. Ou piadas pornográficas de Bocage e Camões, que ouvíamos na juventude, aqui revividas ao vivo e às cores! Não tem um pouquinho de Sade ou Masoch nisso tudo?

Aníbal naturalmente pilheriava, mas continuou: – Também concordo com você: essas coisas só acontecem na província ou pelo menos só delas se toma conhecimento por aqui. Engraçado como começa a ficar distante o retrato que fiz dela quando a revi no hotel. De primeiro não a reconheci logo – ao contrário, ela se lembrou de mim...

Fiquei impressionado com as lembranças que tinha de nossos encontros quase infantis, pelo menos para mim. Agora me pergunto se não havia já algo de fantasia sexual naquele jogo de Romeu e Julieta.

– Não duvido, porque a pressão da família, que se seguiu à pseudo descoberta das tendências e aberrações sexuais, não deu em nada. Gardênia continua tão livre como outrora. Deve viver uma vida normal porque já não se fala tanto.

– Quando se é jovem a regra principal é: aproveita o dia de hoje e não deixe nada para amanhã. Por isso consigo entender e perdoar todos os excessos do passado. Note bem que só o futuro faz considerar excesso o que achávamos normal. E afinal, aquele que reconhece um pecado, já pagou a metade do que deve, não é mesmo?

De vez em quando a conversa morria assim. Olhando a rua, o bole-bole dos acidentes, das pessoas expulsas pelas chuvas, se distraíam de tudo. E do jeito que a coisa ia, a situação só tendia a piorar. Nada mudara na cidade e as chuvas já eram consideradas as maiores desde o início do século. Os jornais anunciavam novos desabamentos a cada dia, estradas interrompidas, pontes destruídas, levas de desabrigados procurando um lugar para acomodar o pouco das posses que sobrou, dar de comer às crianças.

De formas que considero normal o leitor querer saber mais de Mário e dessa misteriosa mulher que o fez proferir a frase fatal.

Mas é personalidade que não surgiu da noite para o dia: não ficou dito que é amizade que dura mais de trinta anos? Que querem mais? O porquê dessas frases misteriosas? Ambos sempre dividiram entre si sabores e dissabores da vida.

Se quisermos contemplar a irradiação das nossas vidas, devemos encontrar em São João a resposta: "Eu sou a luz do mundo. O que me segue não anda nas trevas, mas terá o lume da vida."

Ou então buscar um observatório no monte mais elevado das regiões quentes e calmas do equador e pedir que suas vidas, como um astro, pairem a pino de nossas cabeças, sem a intermitência das cintilações atmosféricas, para que possamos vê-las esplendorosas em quieta limpidez.

Hoje existe o observatório Hubbler, que flutua no espaço sideral e poderia ser capaz de captar mais nitidamente essas vidas exemplares que nos deixam os grandes amigos, antes que eles alcancem à culminância definitiva e transparente que traz a paz divina da morte.

E aí, diante de toda a nossa impotência, poderemos continuar com os preceitos bíblicos, mesmo que se transformem em dúvida: "E a luz resplandecerá na escuridão, mas as trevas compreenderão?"

Ah, as mulheres que passaram pela vida deles... Deles! E também os amigos, os inimigos, os homens, os poetas, os músicos... Ah... a vida que passou na vida deles!

Capítulo 20
Depoimento do ex-avassalado

> “Admito minha grande culpa
> tão grande quanto à dor
> Era uma grande saída
> pela qual passou meu amor.
> Uma saída muito silenciosa
> que me levava para a morte.”
> (Diário de Frida Kahlo)

Entreouvia-se os mais estranhos ruídos ao telefone enquanto se esperava por um sinal. Se já era difícil conseguir uma linha livre, se perdia muito mais tempo para telefonar, demorava horas para iniciar a discagem e completar a ligação.

Mas depois, quando se conseguia ligar, havia um espaço dentro do sistema de telefonia que não era habitual. Sentia-se um silêncio inesperado, um respiro inexistente, um click, certo tipo de coisa que só uma percepção mais aguda e desconfiada consegue captar.

É como a existência de uma falha espiritual na religiosidade, que traz consigo o medo – e foi assim que se passou comigo.

Naqueles tempos se trabalhava apenas para sobreviver. Os dias de salvação da pátria haviam sido esmagados com o fechamento do Calabouço e a morte das esperanças. Ali foi aonde nasceram as ilusões socialistas, aonde o sangue fervia mais quente em nome de quaisquer liberdades.

Ficaram os sonhos eternamente mumificados junto com as reuniões da UNE, UME e outras entidades criadas ao silêncio das ilusões, ao sonho das utopias.

Gastamos horas e horas até a madrugada, varar noite, até chegar o dia, discutindo matérias de interesse do povo e da nação – naqueles tempos, politicamente preparados, tentávamos ocupar os espaços que seriam de direito deixados aos jovens, futuros membros da principal estrutura que movimentava a máquina chamada Brasil.

Pois antes era o sonho de perseguir uma dessas linhas invisíveis como a que traçou a Coluna Prestes – e o velho soldado era o espelho, exemplo que veio mistificar-se com o guerrilheiro romântico Che Guevara.

Essa imaginada criatura que nós inventamos, retrato somado de dois mais vários heróis, era figura ao mesmo tempo fantasmagórica e humana, que nascera num ambiente tão natural como Sierra Maestra e o Sertão e andava nas nossas cabeças, agora freqüentando salas de aula, campus universitários e a selva de pedra que é a cidade grande, São Paulo, Rio de Janeiro.

Depois acharam que não merecíamos – ou acharam-se mais fortes e armados, melhormente capacitados para tal fim e assim decidiram assassinar nossas melhores idéias, sonhos, ideais.

Isso era a utopia, a realidade eram bem outra que só a História veio comprovar: armou-se nos USA um complô para tornar-nos ineficientes por – digamos – meio milênio, assim tão cedo eles não teriam que temer por um Japão latino-americano, reprisando o velho filme do caubói e do pele-vermelha, só que nós éramos os índios.

Mas antes da História caminhar pelas páginas dos livros segue, de pé no chão, um roteiro imponderável, uma trilha indefinida que só as letras do futuro conseguirão demarcá-la.

Fugindo de tudo e de todos, andei convivendo lado a lado com o medo por uns tempos, mas o fato de só temer por minha pessoa me deixou despreocupado e a necessidade de sobrevivência afastou todos os pensamentos daquelas misteriosas ocorrências.

Não tinha família – pai, mãe, irmãos – que a repressão pudesse perseguir, como era costume, os pouquíssimos amigos viviam numa áurea de boêmia e aventuras sexuais entremeadas de drogas e bolinhas, que sequer imaginavam o que era ideologia.

Pois os ruídos e as sombras me seguiram por muito tempo e me abandonaram da mesma maneira sediciosa com que se instalaram.

Depois soube que todo o cadastro da UNE que existia no Calabouço havia sido "requisitado" pelo DOPS.

Certamente haveria uma fichinha minha lá, com retrato 3x4 e tudo, anotações várias, talvez um demérito anotado: "simpatizante desprezível e sem importância" ou coisa assim.

Volta e meia deparava com cartazes espalhados nas estações de trem, nas rodoviárias, nos ônibus, nas ruas: PROCURADOS – ELEMENTOS PERIGOSOS QUE ATENTAM CONTRA A SEGURANÇA NACIONAL e via os retratos de algumas daquelas pessoas, colegas que participavam das reuniões no Calabouço.

Alguns deles, entre nós na caluda diziam, já tinham sido torturados barbaramente, assassinados nas prisões ou nos terrenos baldios.

As fotografias saíam para livrar as autoridades que os haviam arrestado de qualquer responsabilidade. Alguns jornais colaboravam publicando tais anúncios.

Folhinhas impressas precariamente e distribuídas nas praças e estações de trem anunciavam a guerrilha no Araguaia, último suspiro da utopia.

Pessoas morrendo, homens e mulheres, crianças, velhos.

Uns tempos, pensei em largar tudo, fazer algum contato e ir à luta, pegar em armas, mas pessoalmente era inoperante, não conhecia ninguém, não tinha sangue guerrilheiro.

Do Che Guevara tinha mesmo a aparência. Diziam que se usasse uma boina com a estrela vermelha e deixasse a barba crescer seria preso na primeira esquina.

Me inspiravam seus versos porque a arma e a poesia pareciam opostos irreconciliáveis, mas Guevara e os poetas palestinos provavam o contrário.

Num dia desses ela chegou e disse que era professora de dança. Suas covinhas circundavam lábios que iam para além dos lençóis e das areias. Mentiam.

Era como uma borboleta que procurava repouso sem encontrar.

Os olhos verdes e a pele polvilhada de sardas – era Gardênia que eu achava – combinavam com os cabelos cuja loirice era reforçada por não sabia quais e tais tingimentos.

Parecia criança perdida vagando pelo centro da cidade. Mas não, não era mais criança, seus olhos quando frios mostravam madureza.

Trabalhava, estudava, vagava de noite entre edifícios como conhecesse fartamente aquele labiríntico laboratório de doidices, que provocava resistências tais aos seres que o freqüentavam.

No centro da cidade as crianças não eram crianças nem borboletas eram borboletas – eram homem e mulher na luta.

Se não tinham pouso temporariamente, não tardavam em descobri-lo, inventá-lo, resgatá-lo, nem que fosse a pulso, à custa de guerras e batalhas de onde muitas vezes alguns saíam feridos.

– Como escutar Bach comendo almôndegas com abobrinha picada – ela falava me criticando?

O tempero recendia no vapor que as bolas de carne exalavam, algumas folhas de louro flutuavam no molho que se desmanchava na minha boca.

– É querer fugir da verdade que nem mesmo a folha de louro esconde.

Conseguia me fazer tirar o fone do ouvido, abandonar Bach.

– É também uma fuga desesperada para fugir das outras prisões, não negue.

Curvava-me resignado às suas observações que deixei de combater como heresias.

– Para fugir de outras prisões que não deixam o ar correr livre nem as palavras fluírem como as leituras do livro máximo.

O livro máximo, já adivinharam, é a Bíblia, que esta Gardênia lê nas compilações que os protestantes e novos cristãos gratuitamente distribuem pela cidade, pelos ônibus, pelas filas.

– Meu moleque, meu querido, meu amado moleque, que quero te beijar e te abraçar, estás em Bach entre almôndegas bem temperadas.

E alisava meus cabelos, meu nariz, minha boca, dava cheirinhos e beijos.

Deu-me um dia de querer contar todas as sardas do corpo dela.

E quando pela primeira vez me debrucei sobre seu púbis, após milhões de sardas ruivas catalogadas, encontrei um mundo de hálito perfumado e quente entre as madeixas que beijei.

E ocorreu a obrigação de visitar as costas úmidas e também salpicadas e a contagem iniciada na nuca terminou abruptamente entre as nádegas que quase me sufocaram.

Confundi os bicos dos seios com duas sardas gigantescas e só pude lambê-los a contento algum tempo depois no regresso.

Estávamos suados rolando no chão e no quarto havia um espelho velho cheio de varizes do tempo, depositado na parede ao lado, que refletia integralmente todos os nossos gestos impensados.

Ela descobriu primeiro e ficou vendo o retrato refletido em quatro, nos amando em grupo, desinventando as posições do Kama Sutra.

E ouvindo os pequenos grunhidos, bulha de animais caseiros que se alegram com a chegada do dono, ela sussurrava uma cançoneta – ou uma canção de ninar.

E passamos tardes, noites e dias assim, felizes para sempre, até que a morte venha nos separar.

Depois, muito tempo depois, não sei bem o que aconteceu: meu pau não levantou mais.

Vi que não era Gardênia porque tinha os olhos amarelos.

Suas sardas se transformaram em manchas saturnianas.

O hálito quente não era mais quente, as madeixas se encresparam e o perfume cheirava a sabonete barato.

Os bicos dos seios agora não mais os encontrava em nenhum lugar e se transformaram em satélites marcianos.

Crianças mordiam as bordas dos meus livros e quebravam minha coleção de música clássica, até que, afinal, me foi proibido ouvi-las.

E assim fomos infelizes para sempre.

Ficha

Autor: Salomão Rovedo (1942)

Título: Ventre das Águas

Gênero: Romance

Ofertorium

Para:
Omar, Patrícia, Priscila e Yasmina
Waldir Pereira (amigo de fé)...



Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi
20785-000 - Rio de Janeiro (RJ)
Romance escrito entre 1988/2000